

Maria do Amparo Fernandes – Imigrantes brasileiras idosas em Portugal Contributos das redes de suporte formal e informal para a integração social

Maria do Amparo Fernandes

Imigrantes brasileiras idosas em Portugal
Contributos das redes de suporte formal e informal para a
integração social

Orientadora: Maria Irene Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Instituto de Serviço Social

Lisboa

2015

Maria do Amparo Fernandes

Imigrantes brasileiras idosas em Portugal
Contributos das redes de suporte formal e informal para a
integração social

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para a obtenção do grau de Mestrado em Gerontologia Social, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 12 de Abril de 2016, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº38/2016, de 28 de Janeiro de 2016, com a seguinte composição:

Presidente:

Professor Doutor Carlos Diogo Moreira

Arguente:

Professor Doutor Eduardo Álvaro do Carmo Figueira

Orientadora:

Professora Doutora Maria Irene Lopes Bogalho de Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Instituto de Serviço Social

Lisboa

2015

Não tem a velhice um fim determinado. Enquanto desempenharmos e honrarmos os nossos próprios deveres, assim como desprezarmos a morte, viver-se-á razoavelmente na velhice. Por isso é ela mais espírituosa e mais forte do que a juventude.

Mário Túlio Cícero (106 a.C. - 43 a.C.)

Agradecimentos

Agradeço a Deus, pela oportunidade de vida.

Aos meus pais, Manuel Fernandes de Castro (*in memoriam*) e Francisca Fernandes Chaves pelo exemplo de vida e dedicação.

Aos meus tios, Zefinha e João Bentivi, as primeiras pessoas que orientaram o meu percurso académico e se tornaram duas referências incontornáveis da minha vida.

Aos meus professores e colegas de curso pelas oportunidades de crescimento e complementaridade neste feliz encontro.

À Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e, mais especificamente, ao Departamento de Serviço Social do pólo de Lisboa pelo caloroso acolhimento, integração e apoio incondicional, demonstração de um inegável profissionalismo académico.

Às pessoas entrevistadas que gentilmente se dispuseram a falar das suas vidas, mais precisamente das suas experiências migratórias, e que constituem parte fundamental desta investigação.

À minha orientadora a Professora Doutora Maria Irene Carvalho, merecedora de especial reconhecimento não somente pelo tempo dispensado à orientação do trabalho, mas sobretudo pela disponibilidade e o bom humor que sempre teve ao longo desse processo. A minha mais profunda gratidão por partilhar comigo o seu saber e o seu carisma.

Ao meu marido, Miguel Maldonado, pelo incentivo, companheirismo e paciência incondicionais com que sempre me acompanhou neste e em todos os desafios da vida.

A todas aquelas que, direta ou indiretamente, têm contribuído para o êxito desta desafiante e exigente mas, acima de tudo, fascinante trajetória.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo compreender a integração de imigrantes brasileiras idosas na sociedade portuguesa considerando o modo como as redes de suporte formal e informal promovem essa integração. No quadro desta análise foi ponderada a questão do género (especificamente o feminino), tema indissociável do binómio envelhecimento-migrações.

No que toca ao envelhecimento dos imigrantes, importa referir que esta é uma realidade com a qual os países recetores mais antigos já convivem há bastantes anos e que em Portugal surge como fenómeno novo e, naturalmente, suscetível de investigação.

A nossa análise incidiu em autores e marcos teóricos que apresentaram estudos sobre o universo do envelhecimento, das migrações e do género.

A metodologia adotada foi a qualitativa baseada em estudo de casos. As entrevistas foram do tipo semidirigida sendo a técnica que melhor serviu este propósito. O acesso à população efetuou-se através da técnica de amostragem por acessibilidade ou por conveniência.

Os resultados do estudo ilustram os percursos de várias mulheres brasileiras idosas a residir em Portugal e as estratégias de integração tendo em conta as redes de apoio formal e informal.

Concluimos que os processos de integração destas mulheres, sobretudo ao longo das suas carreiras profissionais, se dão em grande parte por iniciativas pessoais, tendo as redes de suporte informal, família e amigos, um papel relevante nesse processo.

Apesar de existir um importante e vasto acervo de estudos sobre o universo das migrações, foi possível concluir que o tema dos imigrantes idosos no geral e das mulheres imigrantes em particular parece não ter recebido ainda a atenção merecida por parte da investigação.

Palavras-chave

Envelhecimento, Imigrantes, Mulheres, Género, Integração Social.

Abstract

The present study aims to understand the integration of elderly Brazilian women immigrants in the Portuguese society considering how formal and informal support networks promote this integration. In the context of this analysis it will be taken into account the gender question (specifically the female gender) which is inseparable from the relationship between aging and migrations.

When it comes to aging immigrants, it should be noted that this is a reality which older receiving countries deal with for many years now and that in Portugal this emerges as a new phenomenon and, of course, likely to be researched.

Our analysis focused on authors and theorists who presented studies on the universes of aging, migration and gender.

The methodology adopted was based on qualitative case studies. The interviews were of the semi-structured type seen as the technique that best served this purpose. The access to the population was carried out by the sampling technique of snowball type. The access to the population carried out by the accessibility or convenience sampling technique.

The results of the study illustrate the routes of various elderly Brazilian women that reside in Portugal and the integration strategies taking into account the formal and informal support networks.

We found that the processes of integration of these women, especially throughout their professional careers, were largely by personal initiatives, and that informal support networks, family and friends, played an important role in this process.

Although there is an important and extensive collection of studies on the universe of migrations, it was possible to conclude that the issue of elderly immigrants in general and of migrant women in particular appears not to have received the deserved attention by researchers.

Key Words

Aging, Immigrants, Women, Gender, Social Integration.

Abreviaturas e símbolos

ACIDI - Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural

AMI – Assistência Médica Internacional

CEDAW – *Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination against Women.*

CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

CNE – Comissão Nacional de Eleições

EUROSTAT – Gabinete de Estatística da União Europeia

INE – Instituto Nacional de Estatísticas

OIM – Organização Internacional para as Migrações

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PII – Plano de Integração dos Imigrantes

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas

UNRIC – Centro Regional de Informação das Nações Unidas

Índice Geral

Introdução.....	9
PARTE 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
1. Envelhecimento e velhice.....	16
1.1. Envelhecimento – Abordagem conceptual.....	16
1.2. Envelhecimento – aspeto demográfico.....	18
1.3. Género e envelhecimento.....	25
1.4. Velhice e pessoa idosa.....	27
2. Migrações, envelhecimento, integração e género – conceitos e contextualizações.....	30
2.1. Migrações – conceitos.....	30
2.2. Integração social.....	33
2.3. Saldos migratórios e envelhecimento.....	34
2.4. Portugal e os processos migratórios.....	36
2.5. Contextualização dos imigrantes brasileiros idosos em Portugal.....	40
2.6. Integração dos imigrantes em geral e dos imigrantes idosos em particular.....	42
2.7. Redes de suporte formal e informal e os imigrantes idosos.....	47
PARTE 2: ESTUDO EMPÍRICO E RESULTADOS.....	50
3. Metodologia Adotada.....	51
3.1. Introdução.....	51
3.2. Questão de partida e objetivos.....	53
3.3. Modelo de análise.....	54
3.4. Métodos e técnicas.....	56
3.5. Campo empírico de observação.....	57
3.6. Entrevistas semidirigidas.....	58
3.7. Análise de conteúdo.....	60

3.8. População alvo e critérios de escolha das mulheres entrevistadas.....	62
4. Percursos de integração das imigrantes idosas brasileiras.....	64
4.1. Retrato das imigrantes.....	64
a) Percursos individuais das imigrantes idosas entrevistadas.....	66
4.2. Análise comparativa: semelhanças e diferenças.....	71
4.2.1. Contexto familiar.....	71
a) Antes da chegada: opção por Portugal.....	72
b) Depois da chegada.....	73
4.2.2. Situação económica.....	76
4.2.3. As redes formais de integração.....	77
a) Lar de idosos – hipótese em vista?.....	78
4.2.4. As redes informais de integração.....	79
a) Tempos livres (lazer) / participação social.....	80
4.3. Integração na sociedade portuguesa.....	81
a) Portugal <i>versus</i> Brasil – viver a reforma.....	82
b) Portugal <i>versus</i> Brasil – países para idosos.....	83
4.4. O futuro, a que país pertence?.....	84
4.5. Experiência migratória – balanço geral.....	85
4.6. Discussão dos resultados para concluir.....	86
Referências Bibliográficas.....	92
Apêndices	I

Índice de quadros

Quadro 1 – Percentagem da população mundial com 65 ou mais anos por regiões mundiais (ONU, 2015).....	22
Quadro 2 – Portugal – População brasileira residente, por grupo etário e sexo – INE (Censos 2011).....	41
Quadro 3 – Lisboa – População brasileira residente, por grupo etário e sexo – INE (Censos 2011).....	42
Quadro 4 – Operacionalização do modelo de análise.....	55

Índice de figuras

Figura 1 – Projeções População Mundial 2015-2100 (ONU, 2015).....	19
Figura 2 – Projeções População Mundial 2015-2100 60+ anos (ONU, 2015).....	19
Figura 3 – Expetativa de vida à nascença – Evolução 1950/55 – 2010/15 (ONU, 2015).....	21
Figura 4 – Principais Nacionalidades Imigrantes – Portugal 2014 (SEF).....	38
Figura 5 – Evolução das principais nacionalidades imigrantes 2011-2014 (SEF).....	39
Figura 6 – Modelo de análise – eixo de análise.....	54
Figura 7 – Representação gráfica entre o universo, populações e amostra.....	58

Introdução

A presente dissertação intitulada **“Imigrantes brasileiras idosas em Portugal - Contributos das redes de suporte formal e informal para a integração social”** tem por objetivo examinar o processo de integração destas imigrantes em Portugal tendo em conta o apoio recebido das redes de suporte formal e informal. Pretendemos saber como se dá o processo de integração destas imigrantes na sociedade portuguesa, ou seja, mais precisamente compreender de que depende essa integração e em que medida as redes de suporte formal e informal contribuem para esse processo.

O tema das migrações associado ao envelhecimento das populações representa um dos grandes desafios para as sociedades. Nesse quadro de referência juntam-se dilemas preocupantes de ordem global nomeadamente em áreas como saúde, economia, demografia, natalidade, clima, energias, educação, emprego - citando apenas alguns dos mais evidentes cujo manifesto grau de importância exige soluções imediatas de governos ou autoridades decisoras (Mota, 2012).

De acordo com Machado e Azevedo (2008), a imigração figura entre os temas que mais despertam o interesse de cientistas sociais que fazem pesquisa de terreno. Para os autores esse interesse surge, entre outros, na sequência da preocupação política, nacional e internacional, com a gestão dos fluxos de imigração e dos processos de integração dos imigrantes, além de uma preocupação cultural sobre quem é o “*outro*” que chega.

A figura do “*imigrante idoso*” é um fenómeno novo em Portugal mas com o qual alguns países já se confrontam há décadas (Machado e Roldão, 2010). Nessa perspectiva, e dada a comprovada complexidade do fenómeno, esta nova configuração de população torna-se um desafio importante e exigente para a sociedade portuguesa. A própria natureza do assunto reivindica atenção cuidada e renovada de todo o conjunto da sociedade: governos, agentes sociais e populações em geral.

Tradicionalmente os estudos sobre os movimentos migratórios em Portugal focavam mais a atenção nos processos de saídas, mas nos anos oitenta do século passado a produção científica da área, até então voltada essencialmente para a emigração, apresentou uma inflexão passando a direcionar o foco para a imigração estrangeira (Peixoto, 2013). Os assuntos escrutinados, segundo o autor, abrangem a inserção no mercado de trabalho, a integração social, o acesso à habitação, à saúde e à educação, o racismo, a cultura e a religião, entre outros. Ele chama a atenção para um significativo

número de trabalhos científicos apresentados entre o final do século passado e início deste. O autor acrescenta ainda que apenas no primeiro decénio deste século, com o advento da crise económica em Portugal, o tema da emigração voltou a disputar espaço na agenda dos investigadores.

O tema do envelhecimento dos imigrantes e tudo o que o mesmo agrega, como as questões relacionadas ao género, por exemplo, apesar da flagrante importância, parece não ocupar ainda um lugar merecido na pauta científica de Portugal. Na visão de Bäckström (2012:109),

“(...) os fenómenos, envelhecimento e migrações, têm sido intensamente estudados, mas raramente a interacção entre esses dois processos tem sido analisada, e esta é uma realidade que necessitamos conhecer e acompanhar em Portugal.”

No que toca à questão do género, Marques e Góis (2012) tomando como ponto de partida os estudos de Wall (2008) admitem que em Portugal, assim como em outros países, os estudos referentes a este domínio ainda são escassos e, nos existentes, a primazia tem sido para o masculino, surgindo a mulher na condição de coadjuvante no agregado familiar. Nessa linha de raciocínio Padilla (2007: 113) conclui que *“(...) As mulheres perdem-se nos números e as suas realidades ficam por descobrir, passando muitas vezes despercebidas pela inabilidade das estatísticas em evidenciá-las e pela inabilidade dos investigadores em descobri-las.”*

A visão da autora é compartilhada por António Vitorino no prefácio do livro de Marques e Góis (2012) que, apesar de admitir que em Portugal o estudo do género vem conquistando espaço, chama atenção para os descasos dos dados estatísticos nesse âmbito. No que toca ao feminino, o facto de muitas mulheres imigrantes prestarem serviços na economia informal contribui para esse manifesto desequilíbrio nos dados oficiais (Marques e Góis, 2012).

É evidente a preocupação dos autores com a escassez de estudos relativos ao género no universo das migrações. Contudo o tema das migrações não tem passado despercebido na contemporaneidade – vejam-se as inúmeras publicações científicas centradas nesse tema ou as políticas implementadas pela União Europeia e Portugal em defesa dos migrantes.

Outras razões gravosas, tais como conflitos étnicos de grandes dimensões, guerras e desequilíbrios ambientais, ao provocarem o êxodo de pessoas rumo a paragens nem sempre dispostas ou preparadas para as acolher, têm despertado uma atenção redobrada para o tema das migrações, como mostram a literatura e a comunicação social.

Bertossi (2012) chega a considerar que há um infinito acervo de obras científicas sobre os processos de integração e cidadania dos imigrantes na Europa editadas sobretudo entre os anos de 1990 e meados de 2000. Para o autor esse acervo tem representado um importante suporte para a investigação social e política da atualidade.

O tema das migrações e do seu envelhecimento motivam cada vez mais preocupações e necessidade de respostas eficazes e de “(...) *soluções inovadoras que visem uma real integração dos imigrantes*” (Mota, 2012).

Para Malheiros e Bracons (2013: 174), “(...) *Os imigrantes idosos é um tema ainda não suficientemente explorado que tem ganho uma visibilidade acrescida nas sociedades atuais.*”

Na sequência dessas constatações resolvemos direcionar o nosso estudo para a comunidade de imigrantes brasileiros idosos através de estudo de casos, levando em consideração a questão do género (feminino).

Como ponderado anteriormente nesta análise, o presente estudo pretendeu responder à seguinte questão: Como se dá o processo de integração social das imigrantes brasileiras idosas na sociedade portuguesa tendo em conta as redes de suporte formal (instituições públicas ou privadas) e informal (família e redes de amigos) neste processo, ou seja, de que depende essa integração?

Evidenciamos, desde já, que o nosso estudo não objetiva analisar a comunidade de imigrantes brasileiros idosos no seu todo, mas, sim, identificar sinais significativos através de estudo de casos que nos ajudem a compreender o processo de integração destes imigrantes na sociedade portuguesa.

No que concerne a estas redes de apoio, importa referir que

“Actualmente, em Portugal, continuam a subsistir dois tipos de redes de suporte às pessoas em situação de dependência, as denominadas redes informais, nas quais se inclui a família, os vizinhos, ou amigos e as redes formais de protecção social onde se inserem todo o tipo de programas e medidas que asseguram a concessão de prestações pecuniárias ou em espécie, como é o caso dos serviços disponibilizados através da rede de serviços e equipamentos sociais”.¹

¹ Extraído de Carta Social – Rede de Serviços e Equipamentos. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP). Disponível em: http://www.cartasocial.pt/pdf/estudo_dependencia.pdf. Acesso em 15/02/2015

Em função da pergunta de partida traçamos um conjunto de objetivos que incidem sobre o perfil das imigrantes brasileiras idosas perspetivando a questão do género, dos apoios recebidos, ou melhor dizendo, se estes surgem adaptados às especificidades daquelas e até que ponto são percecionados como um fator indutor de integração destas populações e ainda se estas imigrantes usufruem de apoio familiar e/ou de amigos (apoio informal) e a importância e o valor simbólico desse apoio para uma velhice vivida distante do país de origem.

De modo a obter respostas à pergunta de partida tendo em conta os objetivos do estudo, entendemos que o método de pesquisa qualitativo com entrevistas do tipo semidirigida (perguntas abertas) foi o que melhor serviu ao nosso intento². Assim sendo elaboramos um guião (fundamentado nos objetivos) que serviu de base nas entrevistas realizadas com um grupo de imigrantes brasileiras idosas (média aritmética de idade de 73,5 anos) que chegam a Portugal entre os anos 70 e 90 do século passado e que continuam a viver neste país.

No que toca a escolha desse tema, a mesma se deu em função da flagrante e óbvia necessidade de escrutínio que envolve o exigente universo do envelhecimento e dos inúmeros assuntos subjacentes a este domínio como o das migrações e do género. Entendendo ainda que o tema em estudo por alegado carecimento de respostas imediatas e eficientes, impõe-se no quadro da análise investigativa.

Importa reforçar que o envelhecimento dos imigrantes é uma realidade nova em Portugal (Machado e Roldão, 2010) e os temas relacionados a este fenómeno como a questão de género, como referido acima, demandam atenção continuada, principalmente no que toca ao feminino, visto que a feminização da velhice é uma realidade evidenciada que necessita de atenção urgente e permanente (OMS, 2011; Farré, 2008). Entre as populações migrantes essa realidade parece se confirmar também. Pelo menos o seguimento analisado nesse estudo vem confirmar esse dado, pois dos imigrantes idosos brasileiros (65 ou mais anos) a viver em Portugal o número de mulheres é mais do dobro do de homens (INE, 2011).

Em compromisso com a gerontologia social, a nossa área de interesse, entendemos como mais do que justificável essa nossa preocupação em ajudar, ainda que modestamente, a encontrar resposta nesse exigente campo do saber.

² Detalhes nos itens 3.6 e 3.8.

Assim, como forma de discutir com clareza e rigor todos os conceitos que enquadram o tema desta dissertação, elaborámos uma estrutura de estudo dividida em duas partes. Na primeira a fundamentação teórica (apresentada em dois capítulos), ou seja, a delimitação dos temas centrais que constituem o nosso objeto de estudo, e na segunda a metodologia adotada e os resultados (também com dois capítulos).

Implica salientar, antes de mais, que estando a defender uma dissertação na área da Gerontologia Social entendemos como fundamental um amplo enquadramento sobre envelhecimento perspetivando conceitos e aspetos relevantes que dizem respeito a este domínio. Defendemos que na busca por respostas que satisfaçam as reais necessidades nesse âmbito essa tomada de consciência torna-se imprescindível. Tentamos portanto analisar o conceito de envelhecimento ou o que ele comporta no capítulo inicial desse nosso trabalho.

Desse modo apresentaremos, no primeiro capítulo da fundamentação teórica, uma abordagem conceptual de envelhecimento num enquadramento geral (reflexão sobre os conceitos de idade na perspectiva cronológica, psicológica e social) e demográfico (na perspectiva dos desequilíbrios e das projeções que dão conta de um mundo, o desenvolvido principalmente, habitado por populações cada vez mais idosas e com evidentes necessidades de respostas urgentes e eficazes).

Será também analisada a questão do género na perspectiva do envelhecimento e ainda uma abordagem sobre velhice e pessoa idosa e as múltiplas condicionantes subjacentes a estes domínios como o conceito de envelhecimento primário (senescência), processo natural, e de envelhecimento secundário, influenciado também por comportamentos (Papalia e Feldman, 2013; Berger e Mailloux- Poirier, 1995).

No segundo capítulo da fundamentação teórica serão abordados os conceitos de migrações nas óticas internacionais e nacionais, o processo de envelhecimento destas populações no contexto da sociedade portuguesa, uma abordagem ao conceito de integração, além de um breve enquadramento histórico sobre o lugar de Portugal no mapa das migrações.

Seguidamente apresenta-se uma síntese sobre o retrato da imigração brasileira em Portugal, marcada sobretudo pela relação histórica entre os dois povos. Acresce ao conjunto de temas debatidos neste segundo capítulo uma abordagem sobre o processo de integração dos imigrantes em geral, e dos imigrantes idosos em particular, na sociedade portuguesa e sobre as redes de suporte formal e informal neste mesmo processo de integração.

Na segunda parte do estudo, apresentaremos o terceiro capítulo correspondente à metodologia e aos resultados, com uma nota introdutória sobre a importância do desenvolvimento dos estudos na área da gerontologia alinhando a questão das migrações e do género na perspectiva do envelhecimento. Finalizaremos essa nota com um breve olhar sobre a ética na investigação científica. Na sequência desse capítulo apresentaremos a questão de partida e os objetivos, o modelo de análise, métodos e técnicas, entrevistas semidirigidas, análise do conteúdo, população alvo e critérios de escolha das entrevistadas.

No quarto capítulo trataremos do percurso de integração das imigrantes brasileiras idosas em Portugal, ou seja, daquelas que participaram no nosso estudo na condição de entrevistadas. Começaremos por traçar um retrato de cada uma com os respectivos perfis, depois faremos uma análise comparativa (diferenças e semelhanças) onde abordaremos o antes e o depois da chegada destas a Portugal, a situação económica, as redes de suporte formal e informal e como estas investem os tempos livres (lazer, participação social).

Por último efetua-se uma análise detalhada sobre o processo de integração na sociedade portuguesa (um confronto entre Portugal e Brasil como lugares ideais para viver a reforma ou lugares para idosos na óptica de cada uma). Falaremos ainda de futuro e da experiência migratória (balanço geral) no sentido da satisfação de cada entrevistada com a referida experiência. Finalizaremos esse capítulo com as considerações finais e sugestões para estudos futuros sobre a integração dos imigrantes.

PARTE 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Envelhecimento e velhice

1.1. Envelhecimento – abordagem conceptual

Numa análise sobre envelhecimento é imperioso que antes se defina idade: “(...) o tempo de vida decorrido desde o nascimento até uma determinada data tomada como referência” (Houaiss, 2005: 4486). Com efeito, “(...) O tempo de vida humano é o período mais longo que os membros da nossa espécie podem viver” (Papalia e Feldman, 2013: 574). O prolongamento desse tempo de vida ou o atraso da morte teve importantes repercussões no século XX (Papaléo Netto e Ponte, 2000). Para os autores, nas populações mais vulneráveis em que a preocupação com a vida assume um carácter deficitário, a possibilidade de morte não é estranha e independe de idade, enquanto entre os povos que habitam em mundos protegidos a experiência de morte pode ser experimentada no limite biológico da existência.

Numa referência à condição de idoso, Papaléo Netto (2011) recorda que o rito de passagem a este estatuto ficou definido por marcos etários: 65 anos nos países desenvolvidos e 60 anos nos países em desenvolvimento. No entendimento do autor, esse critério cronológico incentiva o debate quanto ao início do processo de envelhecimento – se a seguir à concepção ou se numa fase específica da vida do indivíduo. Essa discussão, aliada a questões como o facto de não se poder afirmar que as causas da velhice estejam diretamente associadas ao envelhecimento primário ou senescência ou se determinadas em consequência de outras razões, dificulta a mensuração da idade biológica (*ibidem*).

O autor reflete também sobre idade psicológica e idade social. A primeira, que se assemelha a idade biológica, está ligada às capacidades de aprendizagem e ao senso subjetivo de idade, ou seja, como cada pessoa percebe o próprio processo de envelhecimento avaliando similitudes com outros indivíduos da sua faixa etária e, a segunda, relacionada com o lugar e o tempo em que se vive e as perspectivas em relação aos papéis, ao estatuto e ao comportamento das pessoas em relação aos outros membros da sociedade - sendo essas questões demarcadas, entre outras, por conjunturas de ordem económica (*ibidem*).

Retomando o debate em torno do conceito de idade sob a óptica de limites etários, e amparados no pensamento de Cardoso (2014), admitimos também que este conceito é condicionado cada vez mais por características flutuantes, uma vez que, de uma forma ou de outra, essas características são influenciadas por um *corpus* social em constante ebulição. Esse argumento ajusta-se ao facto de que, “(...) as idades estão longe de serem realidades biológicas ou naturais; elas são muito mais, condições que se têm vindo a

construir histórica e socialmente, sendo vividas de forma plural, em função de certos condicionalismos” (ibidem: 17).

A par dessa argumentação interrogamo-nos, pois, sobre o que efetivamente significa o envelhecimento e o seu desfecho, a velhice.

Na perspectiva de Fernández-Ballesteros,

*“La vejez es un estado en la vida y el envejecimiento un proceso que sucede a lo largo del ciclo vital. Tanto la vejez como el envejecimiento humano son objetos de conocimiento multidisciplinarios en el sentido en el que el individuo humano es un ente bio-psico-social. Por esta razón, el individuo envejeciente o viejo es un sujeto de conocimiento psicológico”*³

Na conceção de Papaléo Netto (2011), o envelhecimento pode ser entendido como processo, a velhice como uma etapa da vida e o ser idoso como marco final - tríade interligada por elementos intrinsecamente correlacionados.

Assim, *“(…) Pode-se considerar o envelhecimento, como admitem a maioria dos biogerontologistas, como a fase de todo um continuum que é a vida, começando esta com a concepção e terminando com a morte” (ibidem: 10).*

As ideias do autor encontram eco na análise de Paúl (2005) que amparada nos estudos de Schroots e Birren (1980), associa o envelhecimento a três componentes: envelhecimento biológico ou senescência (degradação continua com possibilidade de morte), envelhecimento social (relacionado com os “papéis sociais”) e envelhecimento psicológico (relacionado com o poder de decisão do indivíduo).

Paúl (2005:276) tendo como referência Birren e Cunningham (1985) considera que o processo de envelhecimento está sujeito a um conjunto de determinantes que vão desde *“(…) a nossa base filogenética, a nossa hereditariedade única, o meio físico e social no qual estas predisposições genéticas se exprimem e, no caso do homem, ainda o efeito do pensamento e escolha.”*

Sem embargo, a noção de envelhecimento é construída com base na própria vivência do indivíduo em conformidade com os padrões de comportamentos cingidos na sociedade (Cabral et, al 2013). Logo, faz sentido pensar que cada indivíduo *“(…) contribui para o seu bem-estar quotidiano bem como para aquele que projectam quanto ao seu*

³ Conceito extraído de: *La psicología de la vejez*. Rocío Fernández-Ballesteros. Catedrática de Personalidad, Evaluación y Tratamiento Psicológico Universidad Autónoma de Madrid. Disponível em: <http://www.encuentros-multidisciplinarios.org/Revistan%C2%BA16/Roc%C3%ADO%20Fernandez%20Ballesteros.pdf>. Acesso em 19/11/2015

futuro, gerando perspectivas mais optimistas ou mais pessimistas quanto àquilo que significa envelhecer” (ibidem: 268).

1.2. Envelhecimento – aspeto demográfico

O envelhecimento demográfico pode ser entendido como a consequência de um crescimento das populações mais velhas e um decréscimo das mais jovens e não apenas o crescimento isolado do grupo dos mais velhos (Nazareth, 2009).

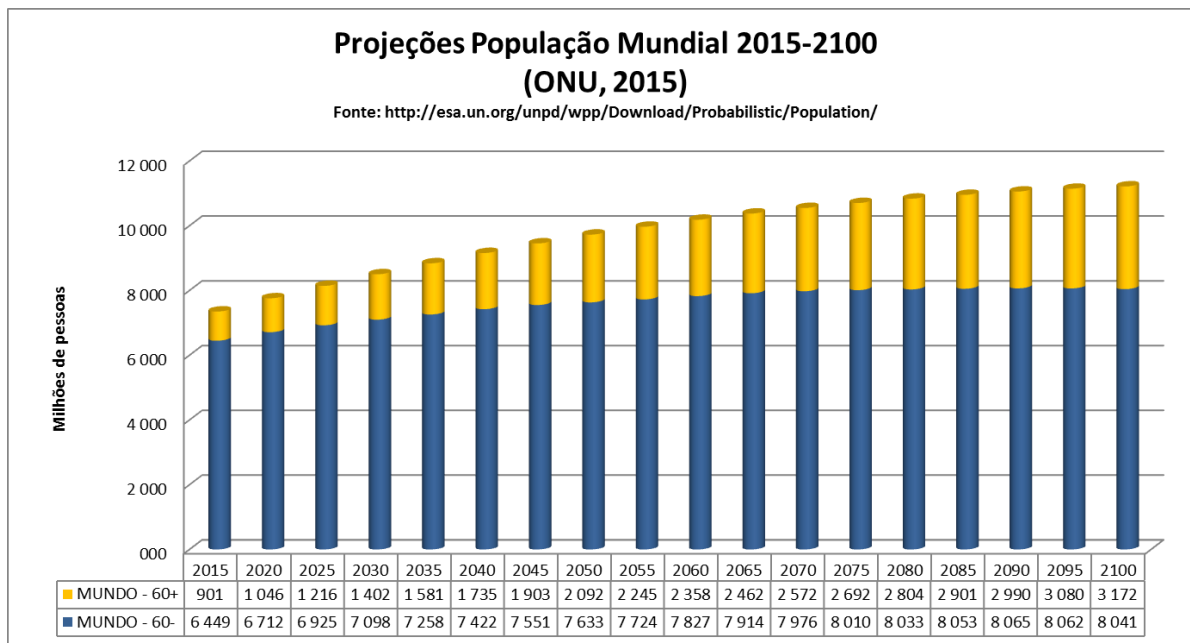
Os desequilíbrios demográficos, ou envelhecimento no topo da pirâmide etária⁴, é um tema que tem vindo a inquietar o mundo. Apesar de esse fenómeno sinalizar atempadamente para as suas exigentes consequências, aparentemente houve demora na implementação de políticas sustentáveis nesse sentido, pelo menos é o que sugere Nazareth (*ibidem*), segundo o qual, esse assunto só começa a ser observado com mais cuidado a partir do segundo quartel do século XX. Até então, os esforços estavam voltados para outros interesses, nomeadamente a luta para travar a mortalidade infantil e epidemias, controle da natalidade, êxodo rural, políticas ambientais, mudanças nas estruturas familiares, as consequências das políticas voltadas para os direitos das mulheres e, as tendências multiculturais nas sociedades em função das migrações internacionais, entre outros (*ibidem*).

A OMS (2005) chama a atenção para o fenómeno do envelhecimento global como representativo em termos das demandas sociais e económicas e para o facto de as pessoas mais velhas serem vistas como recursos importantes e de grande valia para as sociedades. Nesse sentido, faz um alerta para o que classifica de revolução demográfica - as projeções que dão conta que até 2025 uma população de 840 milhões de pessoas com 60 ou mais anos vivam nos países em desenvolvimento, o que representará 70 por cento de indivíduos na terceira idade em todo o mundo.

Projeções (Figura 1 e Figura 2) da ONU (2015) para o período de 2015 a 2100 apontam exatamente na mesma direção.

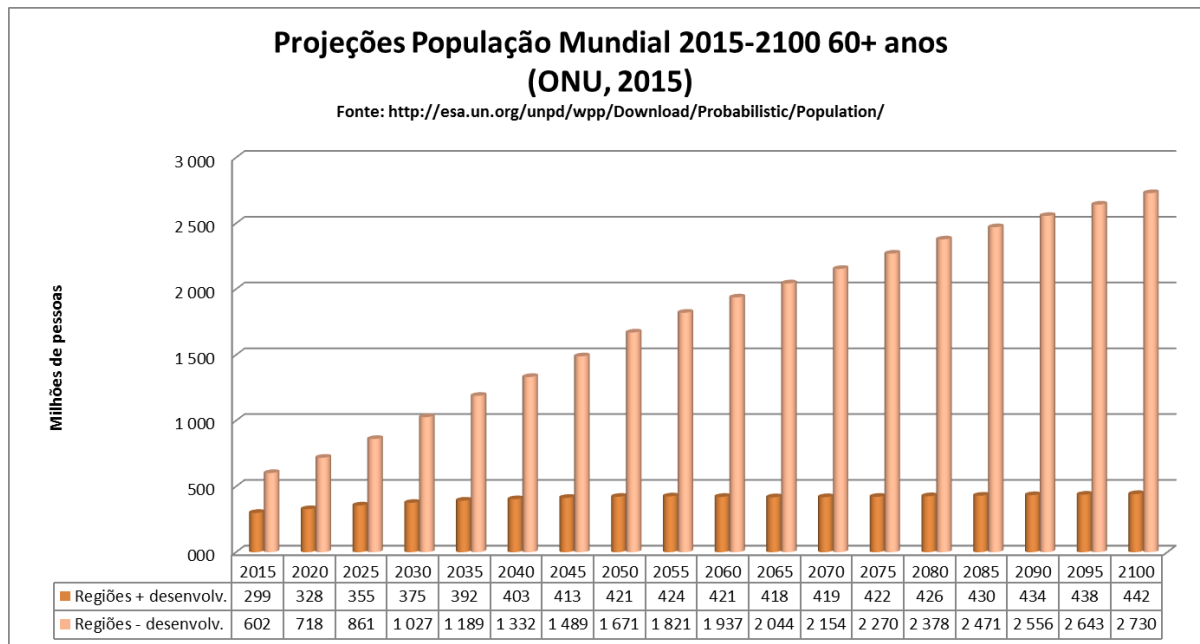
⁴ “Em demografia existem dois tipos de envelhecimento: quando a percentagem de jovens começa a diminuir temos o “envelhecimento na base” da pirâmide de idades; quando o peso das pessoas de idade mais avançada aumenta temos um “envelhecimento no topo da pirâmide de idades”(Nazareth, 2009: 14).

Figura 1



Fonte: United Nations (2015). *Probabilistic Population Projections based on the World Population Prospects: The 2015 Revision*. Population Division, DESA. <http://esa.un.org/unpd/ppp/>

Figura 2



Fonte: United Nations (2015). *Probabilistic Population Projections based on the World Population Prospects: The 2015 Revision*. Population Division, DESA. <http://esa.un.org/unpd/ppp/>

O alerta da OMS prende-se também com a flagrante ocorrência da migração de jovens para os centros urbanos e à absorção cada vez maior da mão-de-obra feminina pelo

mercado de trabalho - sendo que ambos os fenómenos podem resultar na escassez de pessoas em contexto familiar para cuidar dos mais velhos.

Importa salientar que em todo o mundo geralmente os cuidados às pessoas idosas são maioritariamente prestados por mulheres (Papalia e Feldman, 2013; Gomes e Mata, 2012; OMS, 2005).

No mundo inteiro o segmento da população idosa aumenta mais do que o esperado e, dentro deste, o grupo dos que já ultrapassaram a barreira dos 80 anos é o que mais cresce (Papalia e Feldman, 2013). Desse modo, “(...) *Futuros grandes progressos na expectativa de vida talvez dependam dos cientistas aprenderem a modificar os processos básicos do envelhecimento*” (*ibidem*: 601). No sentido de dar respostas satisfatórias ou manter a vida humana ainda mais longa e com qualidade, a ciência tem insistido em fatores como a manipulação genética ou a restrição calórica (*ibidem*).

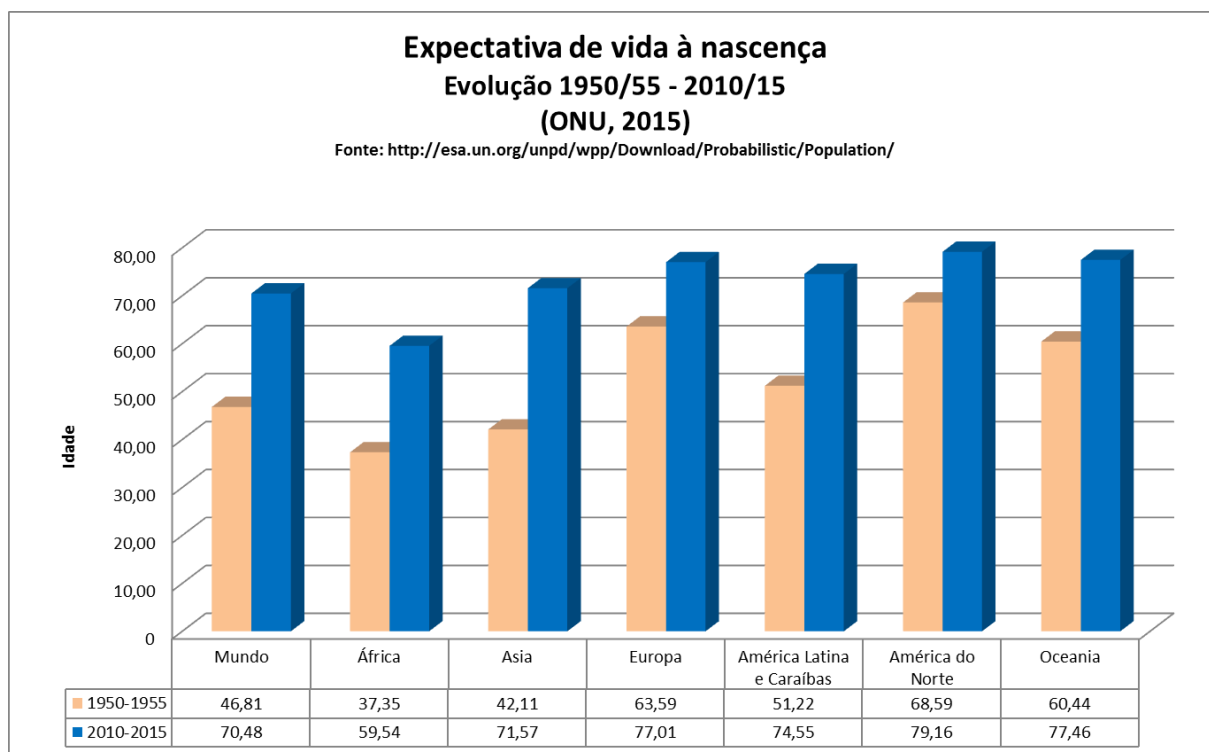
Na maioria das nações desenvolvidas o gráfico da esperança de vida surge com tendência ascendente, destacando-se significativamente o leste asiático onde a esperança de vida em 1950 era de menos de 45 anos e nos dias de hoje ultrapassa os 72 anos (*ibidem*). Na América Latina e em África não são observadas melhorias nesse sentido, esta última justificável pelos conhecidos surtos de epidemias como a SIDA (Kinsella e Phillips, 2005).

Os Estados Unidos surgem entre as nações cujo gráfico da esperança de vida segue orientação ascendente, excepto em alguns condados do Sul do país, mais vulneráveis economicamente (Ezzati et al., 2008). Nestes condados a expectativa de vida de aproximadamente 4% da população masculina e 19% da feminina apresentaram uma estagnação significativa (*ibidem*).

Na China, de acordo com o censo do país publicado em 2011, o percentual de idosos na faixa dos 60 ou mais anos era de 13,3% (cerca de 168 milhões de indivíduos) (UNFPA, 2011) com previsões para saltar para 22% em 2050 (cerca de 495 milhões de indivíduos) (ONU, 2015).

Ainda de acordo com a ONU (*ibidem*) é possível observar a progressão mais atualizada destas tendências demográficas à data atual (Figura 3).

Figura 3



Fonte: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2015). *World Population Prospects: The 2015 Revision, DVD Edition*.

A maior parte das populações mais envelhecidas do mundo concentra-se na Europa e Portugal surge entre os países que contribuem para fortalecer essa tendência europeia (Rosa e Chitas, 2013), fenómeno sustentado pela quebra da taxa de natalidade e o aumento da esperança média de vida à nascença, como comprovam os estudos. Nesse sentido, em 2013, Portugal já contava com uma taxa de 100 jovens para cada 133,5 idosos – ultrapassado somente pela Alemanha (158,5), Itália (152,7), Bulgária (141,6) e Grécia (138,3).⁵

Dados da ONU (2015) comprovam o mais acentuado envelhecimento da população nas zonas mais desenvolvidas do mundo (Europa, América do Norte e Oceânia) relativamente às restantes (Quadro 1).

⁵ Extraído do portal da Pordata- Base de Dados Portugal Contemporâneo. Disponível em: <http://www.pordata.pt/Europa/Índice+de+envelhecimento-1609> . Acesso em 27/12/2015.

Quadro 1

Percentagem da população com 65 ou mais anos por regiões mundiais

ONU (2015)	2015		
	Total População (*)	Total Pop. 65+ (*)	% Pop. 65+
Europa	738 442	129 802	17,6%
América do Norte	357 838	53 393	14,9%
Oceania	39 331	4 695	11,9%
América Latina e Caraíbas	634 387	48 260	7,6%
Ásia	4 393 296	330 548	7,5%
África	1 186 178	41 482	3,5%
Mundo	7 349 472	608 180	8,3%

(*) - milhares de habitantes

Fonte: United Nations (2015). Probabilistic Population Projections based on the World Population Prospects: The 2015 Revision. Population Division, DESA. <http://esa.un.org/unpd/ppp/>

Os Censos 2011⁶ registam para Portugal uma população de mais de 10 milhões de habitantes, sendo de 19,03% a taxa de pessoas com 65 ou mais anos (mais de 2 milhões de indivíduos) e de 14,89% a dos menores de 15 anos (mais de 1 milhão e meio de pessoas). Em 2000 as percentagens destes dois segmentos de população eram aproximadamente idênticas entre si: 16,0% de jovens e 16,4% de idosos (*ibidem*). As projeções para o futuro apresentam um desequilíbrio bastante acentuado entre esses dois segmentos, prevendo-se um envelhecimento progressivo da população portuguesa até 2060 – se as projeções não falharem, isto representará uma proporção de cerca de 307 idosos para cada 100 jovens⁷. De acordo com a literatura disponível essa tendência poderá sofrer um recuo caso o país apresente um saldo migratório positivo, ou seja, se a entrada de imigrantes for superior à saída de emigrantes.

Essa distorção da pirâmide etária portuguesa prevista para 2060 já começa a ser sentida, pois, como atrás referido, no país existem já 133,5 idosos para cada 100 jovens, números superiores aos da média da UE que são de 117,7 idosos para cada 100 jovens (Pordata, 2015).

⁶ INE - Censos 2011. Disponível em:

http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1. Acesso em 22/01/2015

⁷ Extraído de: Destaque – Informação à Comunicação Social – População residente em Portugal com tendência para diminuição e envelhecimento - INE (Instituto Nacional de Estatística) – 10/Julho/2014. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=218629052&DESTAQUESmodo=2 Acesso em 27/12/2015.

Entre as causas que justificam esse colapso demográfico no país estão, entre outros, o facto de a emigração portuguesa ter sido mais intensa entre as camadas mais jovens da sociedade e a significativa vaga de retornados na pós-descolonização, cerca de 700 mil pessoas, muitas em idade já avançada e, naturalmente, com fecundidade em declínio (Dias e Rodrigues, 2012).

Entre 1970 e 2010 a esperança de vida à nascença aumentou consideravelmente em Portugal, chegando a 82,4 anos para as mulheres e 76,5 anos para os homens, índices próximos da média europeia que surgem associados a políticas inovadoras implementadas no país (Rosa e Chitas, 2013). Impõe-se questionar se esse bónus demográfico se deve a uma expansão ou a uma queda da morbilidade (Paúl e Ribeiro 2012). “ (...) *Esta problemática está presente desde os trabalhos de Fries (1980) e de Kramer (1980), com hipóteses opostas sobre o que se passará em termos da evolução da incapacidade e da doença com o aumento da esperança de vida*” (*ibidem*: XVI). Na conceção dos autores o essencial é que as diligências científicas avaliem o envelhecimento numa perspectiva produtiva.

Como observado, Portugal confirma também a tendência mundial que dá conta da sobrevida da mulher em relação ao homem, como também demonstra a literatura disponível (por exemplo: UNRIC, 2014; Papalia e Feldman, 2013; OMS, 2011; ONU, 2010).

Dados da OMS (2011) sobre a realidade global relativamente a 2007, confirmam que 55% das pessoas acima dos 60 anos eram do sexo feminino, percentagem que se eleva até 58% a partir dos 70 anos de idade. Os dados da organização dão conta também que 270 milhões das mulheres mais velhas ou a partir dos 60 anos vivam em países de baixa e média renda e 115 milhões nos de alta renda, fenómeno que representa uma importante valia para estas sociedades visto que as mulheres mais velhas desempenham papéis relevantes no seio das suas famílias e da comunidade como cuidadoras, por exemplo, principalmente em situações de perturbações humanitárias (*ibidem*).

A OMS (*ibidem*) considera como grande desafio a mobilização de condições de vida favoráveis a estas mulheres tendo como foco central a prevenção de doenças que invariavelmente surgem no decorrer da velhice.

Na visão de Papalia e Feldman (2013) tendo como parâmetro os estudos de Kinsella e He (2009) e os de Kinsella e Phillips (2005), essa tendência de maior sobrevivência de vida da mulher face ao homem é notada desde a infância à velhice. Tal fenómeno é justificado pelo acesso das mulheres à assistência pré-natal e obstetrícia, pelo

cuidado com a saúde ao longo da vida e pela elevação das condições económicas, entre outras (*ibidem*).

Ainda na sequência da discussão da sobrevida da mulher em relação ao homem, surge o contributo dos Estados Unidos para o fortalecimento dessa tendência - naquele país no final da década de 70 o fosso de idade entre homens e mulheres era de 7,8 anos sendo que a elevada taxa de mortalidade deles resultava de doenças relacionadas com o tabagismo (Read e Gorman, 2010). Embora esse fosso tenha apresentado uma inflexão (chegando a atingir os 5,8 por cento) justificada pelo facto de os homens terem vindo a reduzir mais rapidamente o hábito de fumar e de mais mulheres contraírem o vício do fumo (*ibidem*).

Compreendendo que fatores biológicos e comportamentais estão na raiz dessa vantagem de vida feminina a OMS (2011) alerta para o facto de que essa sobrevida não abona às mulheres melhores condições de saúde. Fatores como maiores responsabilidades domésticas ou não voltar a investir em relacionamentos na sequência de divórcios ou separação, por exemplo, contribuem para que elas vivam sozinhas, porém nem sempre desfrutando de um *status* económico favorável, incorrendo dessa forma em alegados riscos de pobreza (Vieira e Perista, 2012; OMS, 2011).

Importa ressaltar ainda que em certas situações onde são confrontados homens e mulheres em proporções parecidas, são elas que encontram maiores dificuldades de resposta, em função principalmente das desigualdades de género que acabam por limitar o acesso destas a melhores condições de saúde, renda, educação e emprego, por exemplo (OMS, 2011).

Tais constatações evidenciam que

“(...) É mais provável que as mulheres sejam pobres na velhice do que os homens. Correm um maior risco de sofrerem de doença crónica e de incapacidade, de discriminação e de marginalização. Há uma maior probabilidade de terem de prestar assistência de cuidados e, por vezes, têm um triplo encargo: cuidar dos filhos, cuidar dos idosos e, claro, garantir o seu próprio bem-estar. Mas estes contributos – para a sua família, a sua comunidade e a economia – são muitas vezes ignorados.” (Kofi Annan, 2002).⁸

⁸ Kofi Annan (2002). Segunda Assembleia Mundial sobre o envelhecimento (Madrid/Espanha). Construir uma sociedade para todas as idades- mulheres idosas: é preciso ajudar quem toda a vida ajudou os outros. Disponível em: <https://www.unric.org/html/portuguese/ecosoc/ageing/Mulheres-Idosas.pdf>. Acesso em 19/10/2015

1.3. Género e envelhecimento

O estudo do género é entendido como as diferenças que marcam homens e mulheres, não sendo a vertente biológica a única responsável por essa diferenciação (Amâncio, 2010), embora essa vertente cristalize a ideia socialmente construída da natural diferença entre os dois sexos, legando ao masculino o poder de dominação, como, por exemplo, nas relações de trabalho. (Bourdieu, 2013).

Schouten (2011: 13), talvez mais distante da questão biológica, prefere entender o género, como *“(...) a especificidade de homens e mulheres sob os pontos de vista social, cultural e psicológico.”*

Para Amâncio (2010) a construção social da condição de homens e mulheres assenta num pressuposto unidimensional para elas, garantindo-lhes dessa forma uma função social específica, e pluridimensional para eles, legando a estes um conjunto bem mais alargado de possibilidades sociais. Essa linha de raciocínio suporta a noção de que as mulheres perdem legitimidade nos universos alheios aos que lhes foram construídos e os homens, por outro lado, potenciam as suas individualidades.

Com efeito, e de acordo com a autora:

“É no quadro desse universo simbólico que se constrói a identidade de homens e mulheres e é ainda ele que lhes fornece os recursos para a construção da realidade em que estão inseridos” (ibidem: 179).

Em abordagem ao pensamento de Calasanti (2010), segundo o qual há um interesse renovado pelas questões da diferença do género no debate científico e nas práticas gerontológicas, Ribeiro (2012) alerta para o facto de que esse assunto encontra ainda pouca relevância na perspectiva do envelhecimento de homens e mulheres e na multiplicidade de lugares que estes ocupam na sociedade.

Em sintonia com essa realidade os estudos de Daniel et al (2012) chamam a atenção para dados demográficos que dão conta de uma feminização da velhice. Diante dessa constatação, esses estudos apontam para necessidade de maiores investimentos políticos e científicos direccionados às mulheres mais velhas, visto que as flagrantes fragilidades a que estas estão sujeitas são marcadas, sobretudo, por processos de desigualdades de género.

Esse pensamento ganha suporte nas análises de Farré (2008) que se reportam a uma gerontologia crítica feminista como forma de desconstruir estereótipos socialmente

legados a mulheres mais velhas, bem como normas e antecedentes sociais que condicionam as suas vidas.

Numa referência a esses desequilíbrios que marcam a vida da mulher em sociedade, em particular da mulher mais velha, Beauvoir (2015: 407) assinala que, “[*“A idade perigosa” é caracterizada por certas perturbações orgânicas..., mas o que lhes dá importância é o valor simbólico de que se revestem.*” A autora acredita que em muitos casos, “[...] *é menos do próprio corpo que provém os incómodos da mulher que da consciência angustiada que tem deles*” (ibidem: 408). Para ela esses desequilíbrios surtem menos efeito naquelas cuja feminilidade não representa o seu mais importante capital.

Sem embargo, de um modo geral as desigualdades observadas entre homens e mulheres, em particular as económicas, ganham maior relevância na velhice, sendo as mulheres especialmente vulneráveis a abusos nesse sentido quando são obrigadas a prescindir das suas capacidades de decisão, em favor de terceiros, sem o seu consentimento explícito (CEDAW, 2010).

No sentido de tentar contrariar essa realidade, Farré (2008: 54), defende como essencial:

“Una meta de la gerontología crítica sería la elaboración de alternativas feministas a la invalidación patriarcal de las mujeres mayores, otorgándoles reconocimiento, autoridad y poder, dándoles espacio y palabra, promoviendo una investigación ajustada a la realidad de las vidas de las mujeres que permita construir rituales habilitadores y positivos de representación de la vejez.”

Em jeito de conclusão importa ponderar que nesta discussão

“Independentemente do contexto no qual é analisado, o gênero trata da constituição do feminino e do masculino em nossa sociedade, das relações de poder na esfera pública e privada, como também da discriminação tanto de homens como mulheres. O conceito de gênero torna possível uma compreensão panorâmica das inúmeras possibilidades de combinação entre masculino e feminino que, sob, diferentes perspectivas, conferem complexidade à existência humana” (Bassit, 2011: 1582).

1.4. Velhice e pessoa idosa

A velhice, ou “[...] *idade avançada, que se segue à idade madura; ancianidade*” (Houaiss, 2005: 8112), apesar de despertar atenção desde os primórdios da civilização, somente no século XX ganha importância académica, em muito devido ao interesse da ciência pelo inexorável processo do envelhecimento e pelo consequente aumento de pessoas idosas ao redor do mundo que, de forma passiva, obriga a avanços nesta área do

conhecimento (Papaléo Netto, 2011). Assim, por ser a gerontologia uma ciência nova, alguns gerontologistas acreditam que o interesse pelas questões do foro gerontológico e geriátrico remonta apenas à atualidade (*ibidem*).

O termo gerontologia apesar de ter sido usado pela primeira vez em meados do século XX por Metchinikoff, somente após a Segunda Guerra Mundial (1945) ganha projeção com a criação do *Gerontological Society of America* (GSA) e com publicações científicas que continuam a surgir (Paúl e Ribeiro, 2012; Papaléo Netto, 2011).

No que concerne ainda ao conceito de velhice, lembremos a definição da Organização Mundial de Saúde (OMS) que o faz num enquadramento etário: “*Most developed world countries have accepted the chronological age of 65 years as a definition of 'elderly' or older person (...)*”⁹. Na visão de Minóis (1999) essa definição, que coincide com a idade da reforma, é artificial em função dos constrangimentos socioeconómicos que provoca e nem tanto pela idade *per si*. Visão compartilhada por Nazareth (2009: 183) que considera este processo como um simples despacho administrativo que empurra a pessoa para o “*mundo da inutilidade e da dependência*”.

Com efeito, a ação do tempo na vida das pessoas ou a idade da velhice “*(...) é uma construção social e, como tal, não pode ser tomada como uma fatalidade, um problema social irreversível e imutável*” (Salselas, 2007: 8).

Sendo este conceito enquadrado em parâmetros flagrantemente múltiplos, uma definição parece sempre imprecisa visto que, como saber quando é que nos tornamos velhos? Entendendo a velhice como um composto fisiológico, psicológico e social, a trajetória de vida de cada pessoa (como vive, onde vive, características biológicas, situação cultural, financeira, etc.) é o que vai definir se o indivíduo entra na idade da velhice mais cedo ou mais tarde (Minois, 1999).

Obedecendo a essa ordem de raciocínio Papalia e Feldman (2013) falam em idade funcional ou a capacidade de um indivíduo em idade avançada, mas com saúde estável, ser “*funcionalmente mais jovem*” do que outro com idade bastante inferior. Com base nesta perspectiva e tendo como suporte os estudos de Neugarten e Neugarten (1987) as autoras apresentam uma divisão, distinta da idade cronológica, entre idoso jovem (maioria ativa e saudável dos adultos mais velhos) e Idoso idoso (minoria frágil e enferma).

⁹ Conceito extraído do *site* da *World Health Organization* (WHO). Disponível em: <http://www.who.int/healthinfo/survey/ageingdefnolder/en/> - Acesso em 16/03/2014.

Os estudos insistem, a exemplo do referido acima, que os sinais do envelhecimento não são sentidos da mesma forma por todas as pessoas e estão relacionados com fatores que vão desde, o estilo de vida, as características genéticas, as questões do género até ao próprio local onde se vive.

Tendo como referência os progressos científicos, as expectativas em relação às pessoas idosas são cada vez mais animadoras. De acordo com a análise de Papalia e Feldman (2013), muitos problemas dados como consequência natural do envelhecimento, agora aparecem associados a outros fatores, que não este, como estilo de vida ou doenças. Nesse sentido, desponta o conceito de envelhecimento primário “(...) *processo gradual e inevitável de deterioração física que começa cedo na vida e continua ao longo dos anos, não importa o que as pessoas façam para evitá-lo*” (ibidem: 573) e o de envelhecimento secundário “(...) *se refere ao aparecimento, com a idade, de lesões patológicas muitas vezes múltiplas, mas que se mantêm potencialmente reversíveis*” (Berger e Mailloux – Poirier, 1995: 126) ou passíveis de serem evitadas (Papalia e Feldman, 2013).

Numa abordagem, talvez racional sobre a velhice, Abreu (2005:11) enfatiza que “(...) *Se não era possível evitá-la, parecia ao menos desejável que se estivesse preparado para impedir os estragos, tolhendo-lhe a violência da degradação biológica*”. Em sintonia com este propósito, Fonseca (2012) faz considerações em relação aos problemas associados à velhice lembrando os esforços para minimizá-los. Chama a atenção para o facto de que numa política de prevenção direccionada ao envelhecimento é prudente que se valorize o poder de força das pessoas idosas e as capacidades de cada um.

Este autor defende que a longevidade humana é uma das grandes conquistas dos últimos cem anos. Como forma de gerir esse bónus demográfico ele sugere como essencial a busca de uma simetria entre evolução e declínio, para assim evitar a crucificação da velhice ou a construção de estereótipos que comprometem cada vez mais a posição da pessoa idosa na sociedade.

Na senda desta recente conquista na história da humanidade, Minóis (1999) questiona sobre o fraco entusiasmo dos historiadores pela “*história da velhice*”. Conclui que o facto de outrora os idosos nunca terem constituído uma categoria homogénea e isolada do resto da sociedade pode justificar esse vazio. Outra hipótese levantada por ele é o facto de as sociedades antigas não dividirem a existência em fases como o fazemos, ou seja, nestas a vida inicia-se com a entrada no mercado de trabalho e acaba com a morte. De maneira que, sem divisão de classe, o idoso nunca intercede como sujeito de uma categoria social e mistura-se numa multidão de casos individuais.

2. Migrações, envelhecimento, integração e género – conceitos e contextualizações

2.1. Migrações – conceitos

A história humana é regulada por processos distintamente representativos para a própria humanidade, sendo o das migrações decerto um deles.

“Desde tempos imemoriais, o Homem sente necessidade de se deslocar, em busca de meios de subsistência, para fugir de ameaças físicas e ambientais. O próprio povoamento do planeta se deve a esta necessidade tão humana que muda de forma tão definitiva e constante a essência das culturas, das raças e das línguas.”¹⁰

Esta perspectiva chama a atenção para a importância das migrações como fenómeno multifacetado que caracteriza a necessidade de movimentação do homem desde o princípio da existência humana.

Os fluxos migratórios, de acordo com dados das Nações Unidas, têm vindo a aumentar (Rosa et al, 2003: 22). A estimativa da organização era de que no ano 2000 cerca de 175 milhões de pessoas, ou seja, 3% da população mundial fixaram residência num país alheio ao de nascimento, valor duas vezes maior do que o observado em 1970 (*ibidem*). Em 2006 foram apresentados os dados referentes a 2005 que dão conta do aumento desse número para cerca de 190 milhões de pessoas, continuando a representar cerca de 3% da população mundial (ONU, 2006).

Sendo a Europa um dos maiores recetores desses imigrantes (ONU, 2015) é de se esperar que estes cheguem para corrigir os desequilíbrios demográficos deste continente. Esse importante contributo dependerá sempre do modelo de vaga migratória ou das características demográficas específicas dos povos implicados neste processo, nomeadamente, os seus potenciais natalísticos, entre outros. (Oliveira e Peixoto, 2012).

Apesar de a narrativa em torno das migrações das populações ocupar cada vez mais espaço na esfera pública e na agenda da comunicação social, parece comum a confusão em torno deste conceito e de tudo o que o mesmo comporta. No sentido de contribuir para o seu esclarecimento apresentamos o conceito de migração extraído do Glossário sobre Migração da Organização Internacional para as Migrações (OIM) (2009:40) que é caracterizado por uma perspectiva global:

¹⁰ Citação extraída do site da AMI disponível em: <http://www.ami.org.pt/media/pdf/migracoes1.pdf>. Acesso em 11/12/2014

“Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes económicos”

Para efeitos do regulamento do (CE) nº 862/2007 do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia¹¹ os conceitos de imigração e emigração são apresentados no seguinte enquadramento: Imigração é a ação através da qual um indivíduo fixa residência habitual no espaço de um Estado-membro por um período de, pelo menos, um ano, tendo já tido residência habitual em outro Estado-membro ou num país terceiro, enquanto Emigração é definida pelo facto de o indivíduo deixar de ter residência habitual em um Estado-membro ou num país terceiro por um período correspondente a, pelo menos, um ano.

Convém ressaltar que, no âmbito do referido regulamento, residência habitual é entendida como:

*“(...) o local onde o indivíduo passa habitualmente o seu período de descanso quotidiano, independentemente de ausências temporárias por motivos de lazer, férias, visitas a amigos e familiares, atividade profissional, tratamento médico ou peregrinação religiosa ou, na falta desses dados, o local da sua residência legal ou registada,”*¹²

Na perspectiva da OIM o conceito de emigração pode ser entendido como:

“(...) Abandono ou saída de um Estado com a finalidade de se instalar noutro. As normas internacionais sobre direitos humanos preveem que toda a pessoa deve poder abandonar livremente qualquer país, nomeadamente o seu próprio, e que, apenas em circunstâncias muito limitadas, podem os Estados impor restrições ao direito de um indivíduo abandonar o seu território.” (Glossário sobre Migração da Organização Internacional para as Migrações, (OIM) (2009:24)).

Já o de imigração é entendido como um *“(...) Processo através do qual estrangeiros se deslocam para um país, a fim de aí se estabelecerem (ibidem:33).*

Na sequência dessa análise conceptual sobre o universo das migrações, impõe-se o questionamento sobre a significação convencional de *“migrante”*.

O termo,

“(...) era usualmente entendido como cobrindo todos os casos onde a decisão de migrar fosse livremente tomada pelo indivíduo em função de razões de [“conveniência pessoal”] e sem a intervenção de fatores condicionantes externos;

¹¹ Regulamento do Conselho da CE, nº 862/2007 (Estatística de Migração). Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2007:199:0023:0029:PT:PDF>. Acesso em 18/12/2014

¹² *ibidem*

assim sendo, era aplicado a pessoa e respectivos familiares que se deslocassem para outro país ou região para melhorar as suas condições materiais ou sociais e elevar as suas perspectivas de vida ou as da sua família.” (ibidem: 43).

Amparados num enquadramento formal, Malheiros e Bracons (2013) esclarecem que o estatuto de migrante é uma conquista daqueles que continuaram com residência fixa no país de acolhimento e que este estatuto é mantido para sempre, independentemente da passagem para o regime de nacionalidade, pois sendo este regime um requisito que garante os direitos de cidadania ao imigrante, por sua vez, não faz desaparecer a condição de imigrante, ou seja, “(...) *se antes da naturalização o indivíduo acumulava as categorias de imigrante e estrangeiro, após o processo é um cidadão nacional nascido no estrangeiro, pelo que mantém a condição de imigrante*” (ibidem:166).

Ainda no decurso dessa questão os autores defendem a igualdade de direitos para todos, independentemente do estatuto social. Eles ilustram esse ideal de cidadania lembrando o exercício democrático perpetrado pela Europa que garante aos estrangeiros residentes, condições de participação e representação social num nível praticamente igual ao dos autóctones.

Os estudos de Castro (2008) tendo como referência o Instituto Nacional de Estatísticas (INE) e alguns autores, chamam a atenção para uma certa severidade científica com que o conceito das migrações é tratado em Portugal, chegando ao ponto de sacrificar as dinâmicas naturais do fenómeno. Para a autora esses estudos levam em consideração apenas a dimensão espacial do conceito, em detrimento de outras também importantes na mobilização deste, como a social e a económica.

Numa referência aos estudos de Malheiros (1996) sobre o assunto a autora esclarece que estes estudos ressaltam a importância dos limites temporários e espaciais no âmbito das migrações no sentido de que nunca há um compromisso de obediência a esses limites. É Nesse sentido que segundo a autora Malheiros (ibidem) defende a impossibilidade de um conceito que agregasse um conjunto de situações diferentes sendo por conseguinte incapazes de serem mobilizadas num mesmo espaço conceitual.

2.2. Integração social

O termo integração é usado para designar o conjunto de processos de constituição de uma sociedade a partir da combinação das suas componentes, sejam elas pessoas, organizações ou instituições (Pires, 2012). Para o autor essa combinação nunca está concluída, podendo qualquer sociedade colapsar por separação das partes que a

constituem. Assim, para ele a integração é um problema geral, tem expressão particular na era moderna e que dois processos contribuem para isso:

- Por um lado, o processo de individualização, isto é, de autonomização do agente humano nos planos culturais, normativo e material;
- Por outro, o processo de diferenciação, isto é, de crescente especialização das atividades, organizações e instituições que constituem as sociedades modernas.

O contrário de integração é, simplesmente, desintegração, ou seja, a separação ou tendência para a separação entre as partes que compõem um qualquer todo social. A desintegração produz exclusão (ibidem).

Numa abordagem ao conceito de exclusão, Soulet (2000) refere que este não pode ser entendido dissociado do conceito de inclusão ou de integração. Desse modo, a exclusão permeia o caminho da integração, ou seja, “(...) *não há excluído total que não seja um pouco incluído.*” (ibidem:13). Sendo que, ainda de acordo com o autor, esse tipo de realidade ganha contornos diferenciados em conformidade com o lugar onde se insere.

Nessa linha de ideias, Spencer (2008) demonstra que nos estados membros da União Europeia (UE) há casos de integração que ocorrem sem passar necessariamente pelo auxílio de redes de apoios. A autora ilustra essa questão com o exemplo dos indianos no Reino Unido que, segundo a mesma, se destacam nas escolas e no mercado de trabalho chegando, desse modo, a apresentar resultados superiores aos do restante da população. Embora lembre desse exemplo indiano, Spencer (ibidem) não deixa de lembrar também que existem motivos de preocupação com a integração dos imigrantes na maioria dos estados membros da UE, ainda que estes tenham vindo a promover importantes políticas em benefício daqueles.

Tomando como ponto de partida os desequilíbrios sociais observados nas zonas urbanas de sociedades da atualidade, Soulet (2000), apoiado em estudos de J.M. & Vatin F. (1989), considera a exclusão como a “*questão social do fim do século [XX]*” chegando a questionar se não seria esse o lugar de rutura desta sociedade conforme foi a exploração da força de trabalho na sociedade industrial.

O autor sustenta esse seu questionamento fazendo referência a estudos que comparam as populações imigrantes dos anos 60 com as populações imigrantes de décadas à frente. Para ele, os imigrantes dos anos mais retrógrados eram socialmente integrados pelo trabalho mas culturalmente não integrados, portanto alheios aos valores da sociedade de acolhimento, enquanto em décadas mais recentes, os imigrantes são

culturalmente integrados, mas excluídos do sistema laboral. Nesse sentido, conclui: “O *par assimilação cultural e exclusão social* substitui-se de certa forma ao *par integração pelo trabalho e diferença cultural*” (*ibidem*: 14).

Na esteira dessas constatações Castel (2000) chama atenção para um flagrante “*défice de integração*” nos países industrializados da Europa ocidental. Para ele, esse fenómeno é consequência do desgaste que esta estabilidade laboral, observada nos anos 60, veio sofrendo ao longo de décadas e que resultou numa crise que “(...) *enfraquece o sistema das proteções sociais que tinha permitido o desenvolvimento de uma dinâmica de integração*” (*ibidem*: 34).

Tal como demonstra Wieviorka (2002: 54), “(...) *a questão social deixou de ser principalmente a da exploração, intervindo nas relações de produção, para se transformar na da exclusão...*” ameaçando, por conseguinte, práticas de integração no interior das sociedades.

2.3. Saldos migratórios e envelhecimento

Quando falamos de migração e envelhecimento torna-se prudente, antes de mais, uma menção ao conceito de saldo migratório: a diferença entre o número de pessoas que imigram e o número de pessoas que emigram, sendo este saldo considerado negativo quando o número de emigrantes ultrapassa o de imigrantes.¹³

O fenómeno das migrações associado ao envelhecimento das populações imigrantes poderá representar “[*ligações perigosas*]” caso a imigração não cumpra um dos papéis que subjazem ao seu estatuto, o da renovação das populações (Rosa, 2012). Mediante esse quadro de referência, Rosa (*ibidem*:183) observa que:

“O envelhecimento e a imigração são (frequentemente, embora de forma subliminar) mal recebidos pelas sociedades que os experimentam. Por inúmeras vezes, esses dois fenómenos são referidos como representando uma ameaça conjunta que perturba o equilíbrio “natural” das sociedades (sobretudo as europeias).”

A autora admite que está implícito neste raciocínio um ideal de sociedade cuja sobrevivência independe da necessidade de inclusão de indivíduos que sejam alheios aos seus territórios.

¹³ Conceito extraído do Portal da Pordata – Base de Dados Portugal Contemporâneo. Disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Saldos+populacionais+anuais+total++natural+e+migratorio-376> . Acesso em: 14/02/2015

O exemplo europeu, em que a população é manifestamente cada vez mais envelhecida, força a desconstrução desse ideal de sociedade pois, como preveem os estudos, um saldo migratório positivo emerge como importante condição para contrabalançar a demografia deste continente.

De facto, o continente europeu perde protagonismo demográfico na conjuntura mundial, pois dos 22% que representava em 1950 caiu para 12% em 2000 e a indicação é que continuará em queda podendo chegar aos 7% em 2050 (Rosa et. Al, 2003). No reverso dessa realidade desponta o continente africano com projeções demográficas em escala ascendente, ou seja, dos 9% em 1950 subiu para os 13% em 2000 e poderá alcançar os 20% em 2050 (*ibidem*).

Diante deste panorama, quase se poderia prever um desfecho paradoxal: o problema demográfico europeu poderá encontrar solução naqueles que, por vezes, as circunstâncias obrigam a excluir do seu espaço.

Relativamente a esta questão, Pinto (2007: 82-83), sinaliza para o fator de risco embutido nos investimentos migratórios

“(...) O ideal seria aumentar o nível de substituição da população mediante um regresso à “família normal” com o respectivo incremento da natalidade. Porém, mesmo que fosse possível, nos dias de hoje, restabelecer a tradição procriadora da instituição familiar, os efeitos desse desiderato seriam produzidos com uma morosidade incompatível com a urgência da criação e acumulação dos excedentes.”

Numa leitura sobre a realidade portuguesa no que toca aos saldos migratórios negativos Teixeira (2015) lança críticas sobre o país sem deixar de criticar também a posição do atual projeto europeu que, para ele, em certa medida não encoraja políticas suficientemente ajustadas aos estados membros. Nesse sentido conclui:

“Mesmo considerando-se que vivemos num mundo globalizado, um país próspero, dentro de uma União Europeia justa e solidária, deveria ter capacidade para reter os seus cidadãos, possibilitando-lhes boas, razoáveis ou, pelo menos, dignas condições de vida e, simultaneamente, atrair mais pessoas do que aquelas que perde, perante o envelhecimento generalizado da população europeia.” (ibidem: 139).

2.4. Portugal e os processos migratórios

Portugal surge no panorama mundial na condição de país emigrante em consequência da diáspora (século XVI) que resultou na presença lusitana pelo mundo fora. O país mantinha a característica emigrante ainda no século XIX – caracterizada por saídas rumo a paragens além-mar (América do Norte, África, Brasil) mas, no século seguinte, apresenta uma inflexão dessa emigração voltando-se para países de dentro do próprio continente europeu (Lages et al., 2006).

Na década posterior a 1975 observou-se um cessamento da emigração e o país passa a ser confrontado com o fenómeno dos retornados das ex-colónias africanas e, no final dessa década, com a entrada de uma forte leva de imigrantes estrangeiros (Peixoto: 2013).

Em 1990 o processo de emigração para dentro da Europa volta a ganhar força no país tendo a França, a Suíça, a Alemanha, o Reino Unido e a Espanha como destinos preferidos dos portugueses (Peixoto, 2013; Lages et. al, 2006;).

Embora Portugal seja apresentado como país que só mais tarde experimenta a entrada de estrangeiros no seu território, uma retrospectiva histórica obriga a desconstrução dessa ideia, pois mostra que a população portuguesa foi tecida com o contributo de diferentes povos (Malheiros, 2011; Lages et. al,. 2006). De tal maneira que entre os autóctones misturam-se mouros e judeus e, com o passar dos anos, africanos (indivíduos escravos e livres), ingleses, franceses, genoveses e espanhóis, seduzidos, sobretudo no século XVI, pelo facto de a capital do país figurar naquele século entre as mais importantes urbes europeias (*ibidem*).

Um outro marco importante na condição de Portugal imigrante foi o rescaldo das grandes guerras que marcaram o século XX (Malheiros, 2011). O autor recorda que foram acolhidos no país fugitivos da guerra da África do Sul, da guerra civil espanhola e do holocausto nazista.

Mas essas imigrações não resultaram em grandes saldos para o país - em 1890 os estrangeiros em Portugal representavam apenas 0,8% da população e em 1970, 0,3% (Lages et. al, 2006). Contudo, nas décadas seguintes assistiu-se a uma inversão significativa desse quadro migratório: com uma variação de 339% de 1970 a 1981 e de 78% de 1991 a 2001 (*ibidem*).

É oportuno lembrar que a entrada significativa de estrangeiros em Portugal, tendo em consideração as décadas mais recentes, dá-se no final dos anos 60 do século XX com oriundos de Cabo-Verde, quando este país ainda possuía o estatuto de colônia portuguesa (Oliveira e Peixoto, 2012). De acordo com os autores, mesmo depois da independência daquele país africano, muitos optaram por continuar como cidadãos portugueses. Importa salientar que são os cabo-verdianos entre as outras nacionalidades de imigrantes em Portugal que possuem idades mais avançadas e que são responsáveis pelas segundas e terceiras gerações na sociedade portuguesa (*ibidem*).

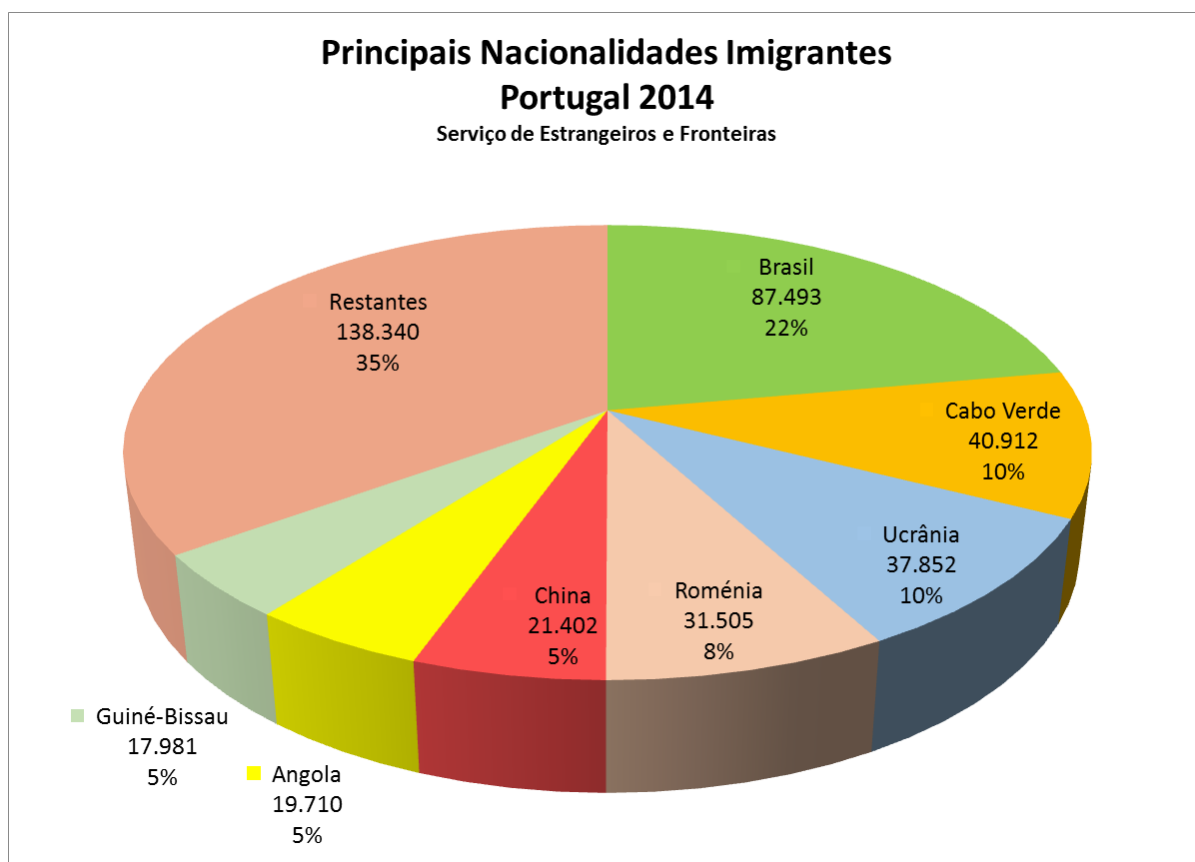
Os anos 80 são apontados como a segunda vaga desse ciclo migratório marcado sobretudo pela entrada de imigrantes de diversas partes do mundo, entre os quais, africanos (ex-colônias), europeus do Leste, asiáticos (predominantemente chineses) e sul-americanos (maioria do Brasil) (*ibidem*). O gráfico do crescimento migratório em Portugal continua em ritmo ascendente até ao início da primeira década deste século chegando a apontar para cerca de 457 mil estrangeiros a viver neste país no final de 2009 (*ibidem*).

De acordo com os estudos disponíveis, dois eventos importantes condicionaram essas vagas migratórias: a adesão de Portugal à Comunidade Europeia em 1996, que posicionou a economia portuguesa no mercado internacional atraindo dessa forma recursos laborais, e a assinatura do tratado de *Schengen*¹⁴, no início dos anos 90, que deu lugar a uma imigração com carácter mais heterogéneo - em 2001 foram catalogadas mais de 170 nacionalidades diferentes de residentes neste país (Rosa e Chitas, 2010).

Nos dados sobre o número de imigrantes legalizados a viver em Portugal consta que passou de 208.198 em 2000 para 350.503 em 2001 (Lages et al, 2006: 66). A 31 de Dezembro de 2014, a população estrangeira residente em Portugal totalizava 395.195 cidadãos, sendo 87.493 destes de nacionalidade brasileira, a principal comunidade estrangeira a viver no país seguida pela cabo-verdiana (40.912) e pela ucraniana (37.852) (SEF, 2014).

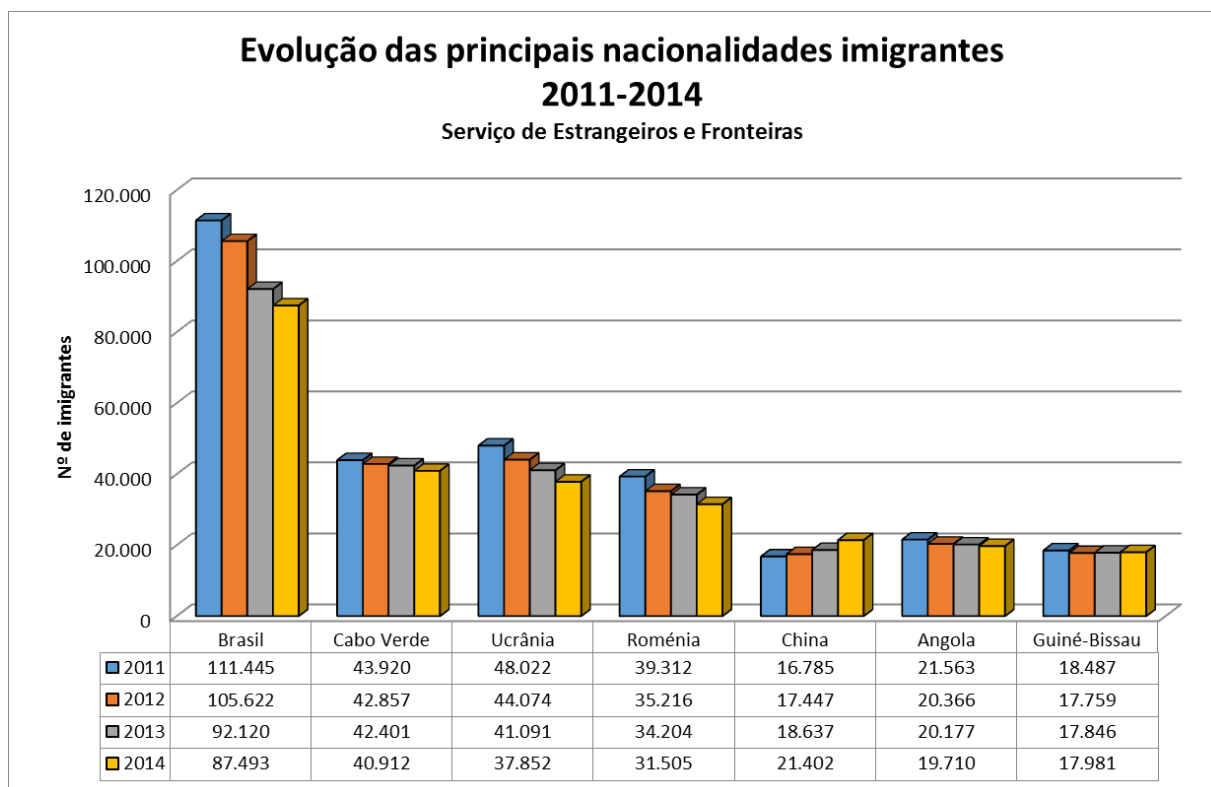
¹⁴ “Acordo de livre circulação de todos os nacionais dos Estados-Membros que o subscreveram, de outros Estados-Membros e de países terceiros.” Conceito extraído do site http://ec.europa.eu/dgs/home-affairs/what-we-do/networks/european_migration_network/reports/docs/emn_glossary_pt_version_pt.pdf. Acesso em 16/01/2015.

Figura 4



No entanto em 2014 verificou-se uma queda de 1,5% do número de estrangeiros a viver em Portugal, sendo de referir que esta redução vem na sequência de idênticas quedas verificadas em anos anteriores – 4,5% em 2012 (SEF, 2012) e 3,8% em 2013 (SEF, 2013). Entre as causas que explicam essa quebra do número de imigrantes no país está “(...) a aquisição da nacionalidade portuguesa, a alteração dos fluxos migratórios e o impacto da atual crise económica no mercado laboral” (SEF, 2014:10).

Figura 5



De acordos com estudos disponíveis, nos últimos anos do século XX especulou-se em Portugal (agentes sociais, Academia) sobre um panorama das migrações onde as saídas seriam inferiores às entradas (Peixoto, 2013). Mas a crise que atingiu o país em 2008 e os problemas observados nas migrações internacionais obrigaram a que se repensasse essa ideia (*ibidem*).

A literatura acessível dá conta que depois de 2009 se intensificou a saída de portugueses com objetivos de fixação no país recetor. Em 2010 os países europeus surgem como destino preferido atraindo 67% desta emigração, seguidos pelas Américas, com 30% e África com apenas com 2% (Teixeira, 2015).

Entre os anos de 2011 e 2014 saíram de Portugal com objetivo de viver no estrangeiro, por mais ou menos de um ano, 485.128 indivíduos.¹⁵

Apesar do aumento do número de jovens licenciados, a vasta maioria desses emigrantes parece continuar a ter baixa qualificação profissional (Peixoto, 2013).

2.5. Contextualização dos imigrantes brasileiros idosos em Portugal

¹⁵ Extraído do portal da Pordata – Base de Dados Portugal Contemporâneo. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/Emigrantes+total+e+por+tipo-21> Acesso em 23/12/2015

Na nossa revisão da literatura não identificamos estudos sobre os “*imigrantes brasileiros idosos em Portugal*”. No entanto, há uma síntese sobre a “*imigração brasileira em Portugal*” organizada por Malheiros (2007) que apresenta um panorama generalizado desta imigração com base em contributos de vários autores que em muito podem auxiliar este trabalho.

Nesse estudo são apontados pontos importantes que se destacam no processo das migrações entre Portugal e Brasil, tais como: o histórico diálogo de interdependência entre os dois povos há mais de cinco séculos provocando assim uma cumplicidade transatlântica, os investimentos de capitais portugueses no mercado brasileiro, a significativa presença de turistas lusitanos no Brasil, a língua comum, bem como o intercâmbio cultural produzido pela teledramaturgia brasileira em Portugal.

Na visão de Silva e Schiltz (2007: 161)

“(...) os brasileiros têm um lugar específico na sociedade portuguesa e, apesar da vulnerabilidade acrescida que está sempre associada à situação de imigrante, dispõem de instrumentos de defesa que tiram partido da proximidade histórica, linguística e muitas vezes socioeconómica, relativamente aos portugueses.”

As autoras reforçam essa situação de privilégio da comunidade brasileira comparando-a favoravelmente com as comunidades imigrantes africanas e com a comunidade cigana, “*(...)que se encontram claramente sujeitas a processos de maior discriminação e xenofobia na sociedade portuguesa*” (*ibidem*:169)

No rescaldo desse ponto de vista importa referir, como já observado neste texto, que o processo das migrações entre Brasil e Portugal é beneficiado pela política de colonização, bem como pelo longo período da emigração transatlântica portuguesa (meados século XIX - terceiro quartel do século XX) (Malheiros, 2007).

Assim, essa imigração caracteriza-se por duas vagas de dimensões diferenciadas, a primeira nos anos 80 determinada pela vinda de profissionais qualificados e a segunda nos finais dos anos 90 e princípios do século XXI marcada, sobretudo, pela entrada de trabalhadores com poucas qualificações (*ibidem*).

A crise financeira que abalou o Brasil entre os anos 80 e 90 do século passado é um fenómeno referenciado como provável incentivo da saída dos brasileiros do seu país (*ibidem*). Cerca de 2 milhões de pessoas deixaram o território brasileiro desde o início da primeira década acima referida (Bógus, 2007).

Bógus (*ibidem*) faz referência às relações estabelecidas nestes processos migratórios brasileiros, lembrando os “*laços culturais e de sangue*” em relação, sobretudo, a

Portugal e Itália, que em consequência de uma “*emigração colonizadora*” influenciaram o processo de construção da matriz cultural do povo brasileiro.

No quadro das políticas de integração mais recentes, torna-se relevante destacar o acordo bilateral protocolado entre Portugal e o Brasil (Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil - Resolução da Assembleia da República nº 83/ 2000 – publicado no Diário da República – I série - A, Nº 287 – 14 de Dezembro de 2000)¹⁶ que constitui um benefício importante em favor dos imigrantes brasileiros.

Em termos de crescimento das populações imigrantes em Portugal, o estudo de Machado e Roldão (2010) alerta para o número de imigrantes idosos no país que poderá saltar dos 35 mil atuais (estimados) para o dobro ou até mesmo o triplo disso, num período de 20 ou 30 anos, dependendo basicamente da dimensão e ocorrência de dois fatores: a sedentarização dos imigrantes (baixo índice de retorno ao país de origem) e o aumento da imigração de idosos (aqueles que escolhem Portugal para viver a fase da reforma).

De seguida apresentamos alguns dados no que diz respeito ao número de brasileiros idosos em Portugal e, particularmente, na zona de Lisboa.

Quadro 2

PORTUGAL - POPULAÇÃO BRASILEIRA RESIDENTE, POR GRUPO ETÁRIO E SEXO							
Nacionalidade e sexo	Total Brasileiros	De 65 a 69 anos	De 70 a 74 anos	De 75 a 79 anos	De 80 a 84 anos	De 85 ou mais anos	Total 65+
Brasil HM	101.991	386	219	145	117	160	1.027
H	42.905	121	63	42	26	47	299
M	59.086	265	156	103	91	113	728

(Fonte: INE – Censos 2011)

Quadro 3

LISBOA - POPULAÇÃO BRASILEIRA RESIDENTE, POR GRUPO ETÁRIO E SEXO							
Nacionalidade e sexo	Total Brasileiros	De 65 a 69 anos	De 70 a 74 anos	De 75 a 79 anos	De 80 a 84 anos	De 85 ou mais anos	Total 65+
Brasil HM	58.070	195	88	44	28	44	399
H	24.519	61	29	12	8	16	126
M	33.551	134	59	32	20	28	273

(Fonte: INE – Censos 2011)

¹⁶ Acessível para consulta no portal do SEF- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Disponível em: http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/legislacao/legislacao_detalle.aspx?id_linha=4656. Acesso em 14/02/2015.

2.6. Integração dos imigrantes em geral e dos imigrantes idosos em particular

Numa análise sobre os processos de integração dos imigrantes, torna-se prudente verificar como esse conceito tem sido construído ou em que parâmetros se baseia. Nesse sentido, os estudos de Niessen et al. (2007: 4) – *Migration Integration Policy Index*, apresentam um retrato dessa realidade num enquadramento político, económico e social.

Assim,

“(...) A integração, tanto em termos sociais como cívicos, assenta no conceito de igualdade de oportunidades para todos.

Em termos socioeconómicos, os imigrantes devem ter oportunidades idênticas às do resto da população para desenvolverem vidas dignas, independentes e activas. Em termos cívicos, todos os residentes devem comprometer-se com responsabilidades e direitos mútuos, assentes no princípio da igualdade. Quando os imigrantes se sentem seguros, confiantes e bem-vindos, eles são capazes de investir no seu novo país de residência e de contribuir de forma valiosa para a sociedade. Com o tempo, os imigrantes podem ter mais capacidade para participar, mais direitos, mais responsabilidades e, se assim o desejarem, cidadania nacional plena.

O processo de integração é inerente às necessidades e capacidades de cada indivíduo e de cada comunidade local. Embora a política governamental seja apenas um dos fatores que contribui para a integração, ela é vital, pois define o quadro jurídico e político que serve de base aos restantes aspectos”

Os estudos de Malheiros (2011) fazem referência ao conceito em epígrafe e reforçam-no evidenciando dois pontos importantes que permeiam o processo de integração, a assimilação e o multiculturalismo.

Para o autor o conceito de assimilação tem que ver com o facto de encorajar os imigrantes a assimilarem fortemente aspetos socioculturais do país de acolhimento em prejuízo dos que fatalmente adquiriram nos seus contextos nativos. Ele refere que alguns aspetos desse conceito de integração, embora criticados em décadas anteriores por infringir características culturais dos imigrantes e minorias étnicas, em finais do século passado voltam a entrar na agenda de países do Norte europeu, mas que acabam por não apresentar resultados favoráveis ou não evitar reações contra países como a Austrália, a Holanda, a Alemanha ou a Bélgica. Para Malheiros (*ibidem*) a implementação de políticas antixenóforas nestes países, embora com vertentes eficazes na medida em que impulsionam a cidadania, falham por não legitimar os valores socioculturais dessas populações de imigrantes desencadeando, com essa “*lógica eurocentrista forçada*”, rasgos de intolerância.

No que se refere ao conceito de multiculturalismo, a linha de raciocínio do autor parece seguir dentro da mesma lógica do desejável processo de assimilação, ou seja, conferir respeito e legitimação às características dos diferentes grupos étnicos que compõem a sociedade de acolhimento, alargando a participação e a representatividade político-social destes. Visão defendida por Giddens (2007: 156), para quem o problema dos estados europeus é que os mesmos não têm sido “*suficientemente multiculturais*”. Numa linha mais pessimista Bauman (2003) considera que o multiculturalismo se perde nas dinâmicas (sem controle político) das forças da globalização resultando em prejuízos para as sociedades.

Bertossi (2012) aprofunda essa discussão chegando a por em causa as políticas multiculturais da Europa nomeadamente a nacionalista da Grã-Bretanha, a tolerante da Holanda e a republicana da França. Ele questiona se de facto estas políticas algum dia existiram ou se não se limitam à linha do imaginário coletivo. Se for este o caso, o autor propõe um debate concertado no sentido de viabilizar um espaço onde todos possam viver juntos, sem o medo a intermediar as relações. A análise do autor é baseada sobretudo na retórica identitária que envolve o islão e as sociedades europeias e cujo teor, segundo o mesmo, acaba por fortalecer o discurso de movimentos de extrema-direita presentes na Europa.

Atento a esta linha de análise e partindo de uma visão do mundo globalizado, Giddens (2012), assegura que o século XXI será palco do confronto entre o fundamentalismo e a tolerância cosmopolita. Confronto esse alimentado pelas diferenças culturais defendidas pelos tolerantes e rejeitadas pelos fundamentalistas. Giddens (*ibidem*) não se coíbe de apelar à esperança em favor da tolerância cosmopolita.

No que tange à integração dos imigrantes e numa alusão à Estratégia Europeia 2020,¹⁷ Oliveira e Gomes (2014) assinalam os esforços dos decisores europeus na promoção de políticas sustentáveis nesse sentido.

Nessa linha de esforços o Programa de Estocolmo¹⁸ para o período de 2010-2014 (firmado em 2009) propõe, para o contexto europeu, a definição de indicadores comuns de

¹⁷ “(...) lançada em 2010 para os dez anos seguintes, é a estratégia da União Europeia para o crescimento e o emprego. Esta estratégia visa não só a saída da crise, da qual as nossas economias estão a recuperar gradualmente, mas também colmatar as deficiências do nosso modelo de crescimento e criar condições para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo.” Extraído do site da Comissão Europeia, disponível em: http://ec.europa.eu/europe2020/europe-2020-in-a-nutshell/index_pt.htm Acesso em 20/12/2014

¹⁸ “(...) estabelece as prioridades da União Europeia (UE) para o **espaço de justiça, liberdade e segurança** para o período de 2010 a 2014. Com base nos resultados dos seus antecessores, programas de Tampere e de Haia, este programa visa dar resposta aos desafios futuros e fortalecer o espaço de justiça, liberdade e segurança com acções centradas nos interesses e nas necessidades dos cidadãos.”

integração assentes em quatro pilares fundamentais: emprego, educação, inclusão social e cidadania, para assim fazer face a bases de estatísticas imigratórias que servirão de referência na validação de programas de integração dos Estados-membros (*ibidem*). Segundo as autoras, a Declaração de Saragoça¹⁹ de Abril de 2010 reforça essa iniciativa e recomenda um estudo (avanzado em 2011 pelo EUROSTAT com base em dados disponibilizados) para validar essa lista de indicadores.

Em sintonia, Clark (2009), numa análise global dos processos de integração dos imigrantes, reconhece a necessidade de legitimar as diferenças dos povos.

Posição reiterada por Mota (2012) que lembra que nas sociedades que defendem políticas de integração eficazes, as respostas dos imigrantes resultam em ganhos positivos para ambas as partes. Por outro lado, considera que a negligência desse tipo de gestão política incorre em prejuízo principalmente para o país acolhedor que desperdiça a oportunidade de desfrutar da riqueza cultural que esses povos invariavelmente transportam.

A abordagem da autora remete-nos aos conceitos de culturas estacionárias e culturas cumulativas propostos por Lévi-Strauss (2012) que em muito podem enriquecer esta reflexão. O autor refere que geralmente avaliamos a cultura alheia a partir de uma perspectiva etnocêntrica em função da sua significação para nós. Assim, culturas cumulativas seriam aquelas mensuráveis pelo nosso sistema de referências (partilha de linhas de desenvolvimento histórico) ao contrário de culturas estacionárias onde não existiria significado para nós por falta de referências comuns. Face a este quadro o autor argumenta:

“Todas as vezes que somos levados a qualificar uma cultura humana de inerte ou de estacionária devemos, pois, perguntarmo-nos se este imobilismo aparente não resulta da nossa ignorância sobre os seus verdadeiros interesses, conscientes ou inconscientes, e se, tendo critérios diferentes dos nossos, esta cultura não é, em relação a nós, vítima da mesma ilusão. Ou melhor, apareceríamos um ao outro como desprovidos de interesses, muito simplesmente porque não nos parecíamos” (ibidem:36).

No que se refere a questão da integração, onde são inseridos a sociedade portuguesa e o conjunto das populações imigrantes, António Vitorino, no prefácio do estudo de Marques e Ciobanu (2012: 15) fala em divisão de sacrifícios e sinaliza o facto de que *“(...) os migrantes partilham com o conjunto da população os constrangimentos decorrentes da difícil situação económica e financeira nacional.”*

Dados retirados do site Europa – Sínteses da Legislação da UE. Disponível em:

http://europa.eu/legislation_summaries/human_rights/fundamental_rights_within_european_union/jl0034_pt.htm.

Acesso em 5/02/2015

¹⁹ “Conferência Ministerial Europeia sobre a Integração enquanto motor para o desenvolvimento e a coesão social, realizada em Saragoça em 15-16 de Abril de 2010.” Mais informações disponíveis em :

<http://data.consilium.europa.eu/doc/document/ST-8771-2010-INIT/pt/pdf>. Acesso em 05/02/2015

É importante lembrar que apesar desses constrangimentos financeiros, Portugal ocupa lugar cimeiro no Relatório das Nações Unidas de 2009 no que toca ao melhor tratamento aos imigrantes.²⁰

Também no relatório de Huddleston et al (2011) *MIPEX – Migration Integration Policy Index* - que reuniu mais de uma centena de indicadores sobre aspetos de integração dos imigrantes em 25 estados membros da UE, e em mais três países de fora do grupo europeu (Canadá, Noruega e Suíça), os resultados surgem favoráveis a Portugal em quase todos os indicadores. No que toca, por exemplo, ao reagrupamento familiar e aquisição de nacionalidade, Portugal é o primeiro da lista e no que refere ao acesso ao mercado de trabalho, ocupa a segunda posição, atrás apenas da Suíça. Nos outros indicadores avaliados, o país aparece sempre em posição privilegiada.

Numa perspectiva global, ainda em relação à questão da integração, Matias (2014) traça um panorama onde a globalização surge como fator indutor de importantes alterações sofridas nos processos migratórios da atualidade. Este autor fala da notável mobilidade que se processa entre as pessoas e das novas dinâmicas nacionais, como forma de explicar a nova faceta das migrações que se descola da questão laboral e passa a configurar-se ao abrigo de uma nova realidade “(...) *muito mais complexa de circulação de pessoas, assente em fatores como a migração económica, de consumo e de talento*”... “*mais informada e de maiores recursos*” (*ibidem*:10,11) e com compromisso de permanência no destino em aberto.

Nessa relação onde o mérito é tido como valiosa moeda de troca e onde a fixação no destino assume um carácter temporário e legalmente aceite, o conceito de integração sofre, muito provavelmente, modificação. Assim, as políticas voltadas para esse interesse têm que necessariamente levar em consideração também a natureza “*a prazo*” dessa nova classe de migrantes (Matias, 2014).

Na senda das políticas migratórias no contexto português voltadas aos mais velhos, Machado e Roldão (2010) elencam uma série de iniciativas essenciais para o bem-estar dessas populações como, a promoção da divulgação dos seus direitos, especialmente no que toca às carreiras contributivas, o apoio jurídico em questões relacionadas com trabalhos informais, o incentivo à participação em programas no âmbito do envelhecimento ativo e a promoção de respostas eficazes relativamente aos processos de reunificação familiar para

²⁰Dado extraído do Relatório de Desenvolvimento Humano 2009
Ultrapassar barreiras: mobilidade e desenvolvimento humanos. Disponível em:
http://www.acidi.gov.pt/_cfn/4d42e5f09a032/live/Relat%C3%B3rio+de+Desenvolvimento+Humano+2009+Ultrapassar+barreiras%3A+Mobilidade+e+desenvolvimento+humanos. Acesso em 20/12/2014

os imigrantes que vivem distantes dos seus familiares. Nesse sentido, as medidas de números 69 e 70 estabelecidas no II Plano de Integração dos Imigrantes (PII)²¹, de Agosto de 2010, parece uma resposta às sugestões apresentadas nestes estudos.

Na esteira dessas sugestões, a síntese de Marques e Ciobanu (2012) levanta considerações importantes sobre migrações e velhice com ênfase nas políticas públicas voltadas às populações migrantes residentes em Portugal, destacando assim a complexidade do processo de integração dos migrantes nas sociedades recetoras.

As autoras chamam a atenção para o problema da pobreza que afeta migrantes radicados em Portugal. Chamam a atenção também para a ausência do Estado em locais onde há grandes concentrações de imigrantes, evidenciando que o problema se agrava quando há idosos entre essas populações. Questionam ainda a fraca presença do tema do envelhecimento da população migrante na pauta científica. A exclusão social e a solidão são identificadas pelas autoras como problemas que afetam cada vez mais os imigrantes idosos.

2.7. Redes de suporte formal e informal e os imigrantes idosos

As redes de suporte formal e informal são fundamentais para uma boa integração social. Mas discorrer sobre estas redes é uma tarefa complexa. Numa primeira abordagem as redes de suporte formal e informal remetem para o conceito de cuidar, ou seja, “(...) *prestar atenção em*”; “(...) *preocupar-se com, interessar-se por*”. (Houaiss 2005;2544).

No âmbito dos cuidados aos idosos, mais especificamente, acreditamos que se possa buscar a reflexão de Pessini e Siqueira (2011: 113), segundo a qual:

“Cuidar dos idosos, significa, primeiro e acima de tudo, deixarmo-nos experimentar pelo envelhecer. Somente quem reconheceu a relatividade da sua própria vida pode ter um sorriso para alguém que está se aproximando da morte. Convém, contudo, prestar atenção, pois é primeiramente no caminho de nosso próprio envelhecimento que encontramos as forças para todos os que partilham a mesma condição humana.”

²¹Com o objetivo de dar continuidade a uma nova geração de políticas sociais, o Governo, pela presente resolução, aprova o *II Plano para a Integração dos Imigrantes* (2010-2013), constituído por 90 medidas, que concretizando compromissos sectoriais do Estado, continua a assumir como grande finalidade a plena integração dos imigrantes, nomeadamente nas áreas da cultura e da língua, do emprego e da formação profissional e da habitação.

Neste *II Plano* destacam-se duas novas áreas de intervenção: a da promoção da diversidade e interculturalidade, e a dos idosos imigrantes.

Informação extraída do site do ACIDI disponível em:

<http://www.acidi.gov.pt/cfn/4d346c9b80687/live/Consulte+a+vers%C3%A3o+do+Plano+2010-2013+em+portugu%C3%AAs>. Acesso em 20/12/2014

Para estes autores, no decorrer de ajudas práticas às pessoas mais velhas é vital a compreensão desse propósito de vida para assim, fazer face a um cuidar onde o idoso torne-se o centro da própria experiência.

Como forma de clarificar o discurso em torno desse tema, convém aqui apresentar a distinção entre as duas modalidades de cuidar: a formal e a informal. De acordo com o IDS, 2002: 21, no cuidado informal

“(...)a pessoa que presta cuidados a outra, o faz numa base de solidariedade, como um voluntário, ou de um sentimento pessoal, como amizade, ou de vínculo de parentesco, como de pais para filhos, sem esperar contrapartidas pecuniárias ou outras”

Já no formal,

“(...) a pessoa que presta cuidados a outra o faz numa base contratual isto é, neste caso a relação que estabelece com o utente/cliente é profissional e qualificada, comprometendo-se a prestar-lhe cuidados sob obrigações específicas, sob recompensa pecuniária e/ou material pelo exercício da suas funções.”

Os estudos de Paúl (2005) falam em rede de suporte social aliando a iniciativa a uma perspectiva de envelhecimento ativo. A autora associa as redes de suporte social a relações significativas (confidentes), à afetividade e solidariedade e a um valor decisivo no decorrer da vida e do envelhecimento. Para ela, o facto de a família surgir como apoio involuntário no âmbito das redes de suporte nem sempre resulta em qualidade de vida para o idoso. Assim, chama a atenção para o importante contributo das relações sociais no processo de envelhecimento no sentido de minorar as fadigas comuns associadas a essa fase da vida.

Na visão de Pinto (2013: 134) baseada em Taylor (2001), as redes de suporte, sobretudo as voltadas para idosos portadores de deficiência, devem necessariamente

“(...) implicar as pessoas com deficiência e as próprias famílias, incluindo irmãos, porque manter os laços e os cuidados familiares são aspetos centrais para a identidade, bem-estar e integração social das pessoas com deficiência em processo de envelhecimento.”

A autora observa que neste processo há uma flagrante desconexão entre família e instituição. Nesse sentido, defende a promoção de programas de inclusão através de redes de apoio informal e atendimento individualizado para assim proporcionar às pessoas beneficiadas dignidade e uma velhice onde não sejam negligenciados valores como a biografia pessoal e a diversidade.

Embora o artigo 67.º (família) da Constituição Portuguesa defina que cabe ao Estado a proteção à família desde a infância à terceira idade²², há ainda lacunas neste sentido, pois nem todos os cidadãos são abrangidos por esta proteção (Martin e Brandão, 2012). Assim, é de salientar o importante contributo das famílias na prestação dos cuidados aos idosos neste país.

No que respeita ao suporte direcionado aos imigrantes idosos, questiona-se sobre se há a necessidade de um tratamento ajustado a estas populações (Malheiros e Bracons, 2013; Marques e Ciobanu, 2012).

Numa alusão ao papel do Assistente Social neste domínio, Malheiros e Bracons (*ibidem*) defendem o carácter universal no tratamento aos idosos, sem deixar de referir que algumas diferenças devem ser consideradas e que exigem, inclusive, aptidões específicas. Nesse sentido, alertam para o caso dos imigrantes laborais que decidem viver a velhice no país de acolhimento e para situação de alegada vulnerabilidade vivenciada por alguns destes. Os autores destacam o espírito de solidariedade familiar como um traço evidente entre estas comunidades (indianas e africanas, por exemplo), sobretudo em situação de declarada tensão. Destacam também que há uma acentuada procura por parte dos imigrantes mais velhos pelos atendimentos públicos portugueses.

A análise de Backström (2012) aponta o apoio familiar como fundamental entre as comunidades imigrantes e que este apoio surge como um fator indutor de equilíbrio emocional dos idosos dessas comunidades. De acordo com a autora, muitas vezes o principal apoio aos idosos imigrantes é prestado por familiares ou por elementos da comunidade onde vivem, o que resulta num suporte importante para colmatar necessidades que por vezes não encontram resposta na esfera pública. Ela cita como exemplo a comunidade africana onde os filhos são educados para nunca abandonar os pais. “ (...) *Na cultura africana, no que toca aos idosos, morre-se ao pé dos filhos, não se vai para lares*” (*ibidem*: 110).

A síntese de Marques e Ciobanu (2012) vai mais longe no que toca ao referido espírito de solidariedade que permeia as comunidades imigrantes, reforçando que em muitas destas sociedades a condição de pessoa idosa é mais estimada do que nas sociedades autóctones ou desenvolvidas e que estas deveriam apreciar o exemplo daquelas cujo capital humano não se limita à linha da solidariedade familiar.

²² Extraído do site da Assembleia da República, disponível em : <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>. Acesso em 20/11/2014

No sentido de reforçar o debate em torno dos apoios sociais, nomeadamente os cortes públicos a estes apoios, as autoras reivindicam “(...) *uma reflexão sociológica sobre migrantes idosos e sobre as políticas públicas que os contemplem*” (ibidem, 33).

PARTE 2

ESTUDO EMPÍRICO E RESULTADOS

3. Metodologia Adotada

3.1. Introdução

Antes de apresentarmos a metodologia adotada neste estudo, entendemos como elementar uma breve abordagem à importância da gerontologia e de questões transversais a esta área do saber como as relativas às migrações e ao género, por exemplo. Consideramos também como fundamental nesse percurso uma reflexão sobre as questões da ética na investigação.

Num mundo onde o fenómeno do envelhecimento humano ganha proporções cada vez maiores, como apontam os estudos, é notório o interesse de investigadores em redor do mesmo. É o caso, por exemplo, de Paúl (2012:4) que em debate sobre desenvolvimentos futuros no campo da gerontologia e em sintonia com o pensamento de alguns autores, nomeadamente Hendricks et al (2010), Baltes e Baltes (1990), entre outros, considera como fundamental

“(...) não apenas acumular evidência empírica sobre a condição dos idosos, mas compreender o envelhecimento de forma integrada, quer através de teorias sólidas, próprias ou oriundas de outras áreas do saber, quer no contexto sócio histórico que nos envolve e no qual somos elementos atuantes na constante mudança.”

No que se refere ao tema das migrações, os autores (a exemplo de Marques e Góis, 2012) apelam para a necessidade de maior evidência dessa realidade no arco da investigação, sobretudo no que respeita à questão do género, em particular ao lugar que a mulher ocupa nesse universo onde o homem surge em posição favorável. Para os autores a importância de um olhar mais criterioso sobre a questão do género é estimulado pela crescente alteração que se vem observando nos fluxos migratórios em razão do número significativo de mulheres que emigram por conta própria.

As diferenças entre homens e mulheres ou a questão do género, apesar da história recente no campo da análise social (Schouten, 2011), figuram entre os objetos de estudo que se impõem no quadro da pesquisa e da prática gerontológica, conforme demonstra a literatura.

A análise de Schouten (*ibidem*) dá conta dessa recente preocupação pelo estudo do género que remonta aos anos setenta do século XX. Até essa data, de acordo com a autora, as análises eram dominadas por um certo androcentrismo, ou seja, a narrativa científica era quase que exclusivamente baseada nas vivências e experiências masculinas. Ela acredita que a forte representação masculina no quadro da investigação pode estar na origem dessa abordagem androcêntrica. Um outro ponto que merece atenção nesta análise

é que nas entrevistas, mesmo quando eram direccionadas para mulheres, a veracidade das respostas era posta em causa pelos investigadores, uma vez que estas “(...) *por motivo de adaptação e intimidação, podiam fazer eco das opiniões e depoimentos dos homens...*” (*ibidem*: 14).

Schouten (*ibidem*) recorda que foi nesse contexto que o antropólogo Edwin Ardener no ano de 1975 criou o conceito de *muted culture* (cultura silenciada) numa referência às histórias e vivências de segmentos da sociedade praticamente excluídos da pauta dos investigadores, como o das mulheres, por exemplo.

No entendimento de autores como Farré (2008) que defende uma gerontologia crítica feminina, é importante que o *corpus* de investigadores considere a retórica que dá conta das relações culturais desenvolvidas em torno da velhice e do envelhecimento para desse modo fazer face a uma investigação com qualidade.

A preocupação da autora com a qualidade na investigação remete necessariamente para as questões de ordem ética no domínio da ciência. Carvalho e Baptista (2008), alinhando o conceito de ética com o de moral no sentido que a ética envolve a moral, afirmam que: “*Enquanto esfera de problematização racional por excelência, a ética ocupa um lugar central na promoção dos novos modelos de inteligibilidade, de solidariedade e de acção requeridos pelo mundo contemporâneo*” (*ibidem*: 19). Desse modo, a ética, tanto na investigação científica quanto em outras vertentes da vida, “(...) *tem por objetivo primordial maximizar benefícios e minimizar prejuízos*” (Oliveira, 2013: 36).

No contexto da ciência, um código de ética (Código de Nuremberga) foi instituído na sequência de experiências científicas, moralmente intoleráveis, perpetradas pelo regime nazista durante a segunda guerra mundial (Fortin et. al, 2009).

Na conceção de Fortin et. al (*ibidem*), nos estudos científicos, independentemente dos aspetos abordados (pessoais, sociais, etc.) devem ser sempre respeitados os direitos das pessoas. Os autores advertem para o facto de que “(...) *o investigador está em presença de um problema ético potencial sempre que julga que os inconvenientes excedem as vantagens*” (*ibidem*: 181). Advertem ainda para o cuidado que se deve ter na aplicação dos métodos qualitativos no sentido de “(...) *ter em atenção os princípios éticos, particularmente no que concerne à confidencialidade e à vida privada*” (*ibidem*).

A discussão sobre ética e ciência remete-nos ainda para o problema do plágio nos trabalhos científicos. Considerando o plágio científico como uma infração muito grave, Correia e Mesquita (2014), acreditam que a prevenção desse tipo de transgressão passa

pela formação dos investigadores no que diz respeito às regras e estilo que se devem adotar nos trabalhos académicos.

Em sincronia com essa abordagem de investigação sugerida por Farré (2008) e outros autores, e tendo sempre em atenção os princípios éticos e deontológicos do compromisso com a investigação, propomo-nos contribuir neste estudo, ainda que modestamente, para este debate.

3.2. Questão de partida e objetivos

À luz do que dizem Marques e Ciobanu (2012) e a literatura acessível, entendemos que neste nosso percurso é fundamental considerar que há diferenças entre o envelhecimento da população em geral e o dos imigrantes em particular. Nesse sentido, impõe-se a necessidade de se conhecer os dilemas que as populações migrantes enfrentam, como se mobilizam dentro das suas comunidades e que papéis representam nesses domínios.

Sendo as formas de viver a velhice enquadradas em parâmetros múltiplos, e até divergentes conforme asseguram os estudos, não é difícil prever que no caso dos imigrantes isso se confirma e que, como em todos os processos de envelhecimento, exigem respostas ajustadas às suas carências e/ou idiossincrasias.

Sustentados nessa perspectiva, traçamos para o nosso estudo o seguinte conjunto de objetivos:

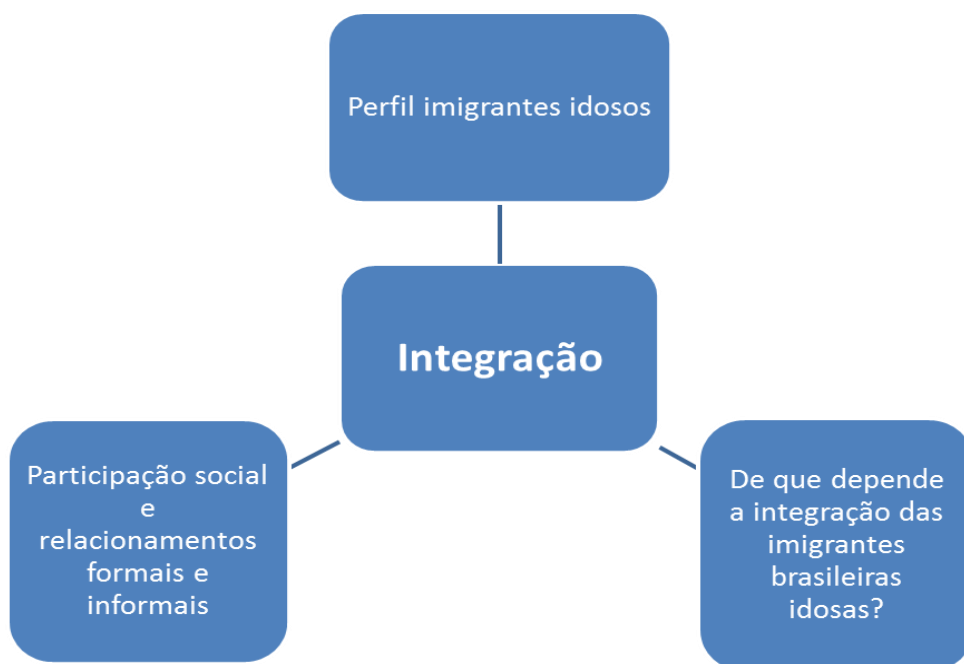
- Analisar o perfil dos imigrantes brasileiros idosos em Portugal, sob a perspectiva do género.
- Entender como se dá o processo de integração social das imigrantes brasileiras idosas em Portugal e em que medida as redes de apoio formal (lares, instituições sociais, etc.) e informal (familiares e amigos) promovem essa integração.
- Observar se os apoios surgem adaptados às suas especificidades e até que ponto são percecionados como um fator indutor de integração dessas populações.
- Verificar se as imigrantes brasileiras idosas usufruem de apoio familiar e/ou de amigos e a importância e o valor simbólico desses apoios para uma velhice vivida distante do país de origem.

Desta forma pretendemos saber como se dá o processo de integração das imigrantes brasileiras idosas na sociedade portuguesa, ou seja, de que depende essa integração e em que medida as redes de suporte formal e informal contribuem nesse processo.

Para responder a estas perguntas partimos do princípio que o facto das imigrantes brasileiras idosas usufruírem de redes de suporte formal e informal na medida das suas necessidades e/ou especificidades facilita o processo de integração destas na sociedade portuguesa.

3.3. Modelo de análise

Figura 6 – Modelo de análise – eixo de análise



Quadro 4 – Operacionalização do modelo de análise

Conceito	Dimensão	Categoria
Integração das imigrantes brasileiras idosas	Perfil das imigrantes idosas – identificação sociodemográfica	<ul style="list-style-type: none"> ⊕ Género ⊕ Idade ⊕ Estado civil ⊕ Escolaridade ⊕ Profissão ⊕ Naturalidade ⊕ Residência
	Identificação da Situação Familiar	<ul style="list-style-type: none"> ⊕ Familiares mais diretos ⊕ Cuidado Informal ⊕ Residência filhos ⊕ Com quem vive ⊕ Relações sociofamiliares
	Identificação da Situação Económica	<ul style="list-style-type: none"> ⊕ Rendimentos (proveniência)
	Identificação da Situação Habitacional	<ul style="list-style-type: none"> ⊕ Habitação
	Nível de Participação Social	<ul style="list-style-type: none"> ⊕ Associações ⊕ Lazer ⊕ Política ⊕ Necessidades sociais
	Jurisdição de Direitos	<ul style="list-style-type: none"> ⊕ Leis de Imigração ⊕ Sistemas de Legalização ⊕ Protocolos ⊕ Acordos bilaterais ⊕ Acesso aos cuidados ⊕ Proteção

3.4. Métodos e técnicas

Um processo de investigação social ou de outras esferas do saber caracteriza-se por diferentes abordagens ou paradigmas relacionados a um dado contexto (Coutinho, 2014). Os exemplos de abordagens ou paradigmas referem-se ao “(...) *modelo das ciências naturais e o das ciências sociais, os métodos indutivo e dedutivo, as técnicas quantitativa e qualitativa*”...(ibidem:7).

A autora chama a atenção para o vínculo indissociável do cientista social ao meio sociocultural de que faz parte e da partilha de “(...) *muitas da questões metodológicas com outros investigadores*”... corroborando, dessa forma, “(...) *com um determinado rumo na investigação*” (ibidem).

Entendendo a metodologia como “(...) *a escolha de um método e de uma técnica de colheita e análise de dados*” (Fortin et. al, 2009: 214) e tendo em consideração os objetivos propostos, a nossa investigação será abordada sob o enfoque da pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (2002: 21-22),

“(...) responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantitativo. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

A pesquisa qualitativa pressupõe a compreensão do indivíduo no meio onde ele se insere (Goldenberg, 2004) e, portanto, exige do investigador uma postura social adequada de modo a facilitar a relação deste com os potenciais entrevistados no terreno (Flick, 2013). Nessa lógica de raciocínio, objetivamos a busca aprofundada do conhecimento do tema em estudo: “Imigrantes brasileiras idosas em Portugal - Contributos das redes de suporte formal e informal para a integração social.”

Como forma de melhor compreender o nosso objeto de estudo, optamos pelo método indutivo. Começamos por colocar as questões baseados na perspectiva de Marconi e Lakatos (2015), ou seja, observar os fenômenos (descobrir as causas da sua manifestação), em seguida tentamos descobrir a constância da relação entre os fenômenos observados e na fase seguinte a generalização desses fenômenos (muitos ainda alheios ao nosso domínio e outros impossíveis de serem observados).

“(...) Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas”(ibidem: 86) “

No seguimento desse raciocínio as autoras concluem que “(...) o objetivo do método indutivo é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam” (*ibidem*:86).

Através deste método pretendemos analisar as representações, a perceção das imigrantes sobre as suas trajetórias de vida e opções tomadas, os significados que transportam relacionados com as suas origens e os adquiridos no lugar que os acolheu e como se dão os processos de integração neste mesmo lugar.

Os métodos e as técnicas podem ser entendidos como os meios utilizados pelo investigador na construção do conhecimento (Coutinho, 2014). Embora alguns autores utilizem estes termos, assim como o termo metodologia, enquadrados numa mesma perspectiva, outros distinguem-nos na sua análise (*ibidem*).

A autora prefere enquadrar a metodologia num panorama mais amplo uma vez que esta estrutura “(...) questiona quem está por trás, os fundamentos dos métodos, as filosofias que lhes estão subjacentes que...influem sempre sobre as escolhas que faz o investigador” (*ibidem*:25).

O nosso estudo adotará os seguintes instrumentos:

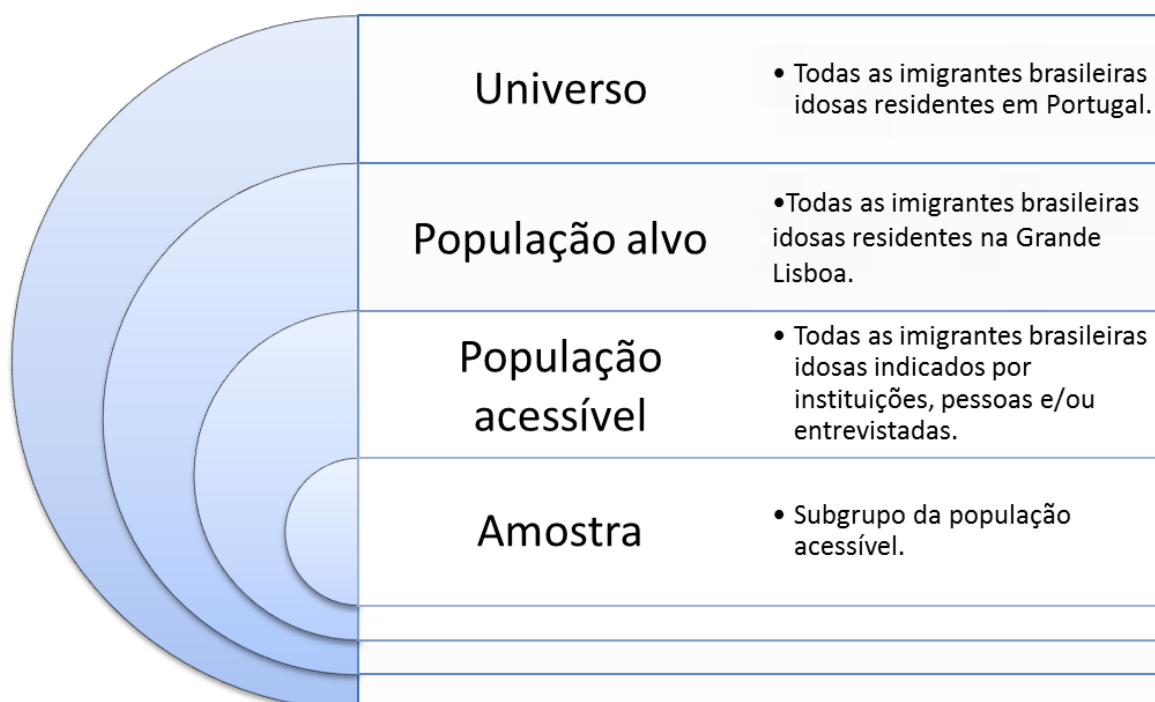
- Técnicas de recolha de dados: observação (não estruturada – registro do que for observado no campo – notas de campo extensivas), análise documental (anuários, censos, etc.) e portefólios.
- Instrumentos aplicáveis às várias técnicas: entrevista (ver explicação do tipo no ponto 3.6), diário do investigador, análise de conteúdo e ficha de leituras.

3.5. Campo empírico de observação

Universo (Temporal/Espacial)

A nossa amostra será delimitada através do processo de seleção por acessibilidade ou por conveniência. Através deste processo, o investigador seleciona as pessoas com a convicção de que estas representam, de alguma forma, o universo em estudo (Gil, 2008). Pretendemos, portanto, selecionar indivíduos pertinentes para o estudo: mulheres idosas de nacionalidade Brasileira e que tivessem optado por envelhecer em Portugal.

Figura 7 – Representação gráfica entre o universo, populações e amostra



Assim e depois de várias tentativas e apelando para uma rede de amigos foi selecionada uma pessoa com o perfil adequado para o estudo, ou seja, uma imigrante brasileira com mais de 65 anos de idade e a viver em Portugal há mais de 10 anos. Essa pessoa indicou outra mulher idosa brasileira com as mesmas características e assim seguimos em busca de outras candidatas que se adequassem ao perfil por nós estabelecido.

3.6. Entrevistas semidirigidas

Com o objetivo de recolher dados concretos das histórias de vida das nossas entrevistadas no que concerne à experiência migratória, optámos pela entrevista do tipo semidirigida com perguntas abertas para assim garantir flexibilidade ao diálogo ou maior liberdade de expressão das ideias. Entendemos que não recolhemos histórias de vida com a abrangência que naturalmente cabe às mesmas, mas tão-somente aspetos importantes, conforme indicado no guião da entrevista (ver Apêndice II).

“(...) Neste tipo de entrevista, o entrevistador determina uma lista de temas a abordar, formula questões respeitantes a estes temas e apresenta-os ao respondente numa ordem que ele julga apropriado” “(...) fornece ao respondente a ocasião de exprimir os seus sentimentos e as suas opiniões sobre o tema tratado.

O objetivo é compreender o ponto de vista do respondente” (Fortin et. al, 2009: 377).

Quanto às questões da entrevista, seguimos por um esquema de perguntas abertas. Nesse esquema é dada ao respondente a oportunidade de falar livremente (Fortin, et al, 2009). E assim, “(...) *as perguntas surgem do contexto imediato e são levantadas no curso natural dos acontecimentos*” (Coutinho, 2014; 141). Nesse tipo de entrevista, “(...) *as questões são inspiradas pelas circunstâncias*” (Fortin, et al, 2009: 377)

Dessa forma, as nossas questões partiram de aspetos acerca das representações, avançando do particular e concreto (as práticas cotidianas) para o geral e abstrato, com perguntas envolvendo reflexões e julgamentos (as representações da condição de imigrantes idosas).

Tratamos também dos modos de vida dessas imigrantes, como e onde vivem, a relação com a comunidade em geral e com a comunidade onde residem em particular, a relação com a comunidade brasileira, a relação com a família, os benefícios sociais que usufruem e a que têm acesso, expectativas de vida e a relação com o país de origem.

Quando a entrevista segue uma dinâmica de entendimento mútuo entre o entrevistador e o entrevistado, pode ser entendida como uma das melhores ferramentas para obter informações (Marconi e Lakatos, 2015). Contudo, “(...) *exige habilidade e sensibilidade; não é tarefa fácil, mas é básica*” (*ibidem*: 84).

O guião de entrevistas foi constituído por 14 blocos de assuntos (ver Apêndice I).

Esse guião de entrevistas foi testado primeiramente com familiares da autora do estudo com o objetivo de gerir o tempo e regular as perguntas.

A duração da entrevista ficou prevista para 90 minutos.

Houve alguma dificuldade em encontrar brasileiros idosos com o perfil desejado. A primeira entrevistada surgiu através de uma amiga da autora deste trabalho que facultou um contacto na Embaixada do Brasil em Lisboa. Nesse seguimento uma pessoa da embaixada, cordialmente atendeu a nossa solicitação, fornecendo assim o contacto telefónico de uma amiga brasileira e através desta chegamos às restantes.

Fomos gentilmente recebidos pelas nossas entrevistadas que, além de responderem as questões colocadas se disponibilizaram para eventuais contactos posteriores, caso fosse necessário.

Para efeitos deste trabalho, adotaram-se nomes fictícios para identificar as entrevistadas.

Todas as entrevistas decorreram nos ambientes sugeridos pelas nossas entrevistadas. Sendo que duas (Esperança e Estela) preferiram ser escutadas na intimidade das suas casas e as outras (Glória e Vitória) em ambiente público.

As entrevistas aconteceram entre os meses de Junho e Setembro de 2015. As mesmas foram integralmente gravadas tendo sido solicitado às próprias autorizações para tal.

3.7. Análise de conteúdo

A análise de conteúdo surge no começo do século XX nos Estados Unidos tendo a escola de jornalismo de Columbia como percussora dessa técnica que ganha visibilidade na primeira guerra mundial tendo despertado maior interesse aquando da segunda guerra (Bardin, 2015).

A autora lembra H. Lasswell como o primeiro nome relacionado à análise de conteúdo (análise de imprensa e propaganda). Lembra também que embora essa técnica remonte aos primórdios do século XX é possível identifica-la em datas e práticas bem mais remotas como é o caso da hermenêutica (interpretação de escritos sagrados e misteriosos) ou também da exegese religiosa, como o exemplo da Bíblia. A autora chama a atenção ainda para os casos da retórica e da lógica como exemplos de práticas de observação de um discurso que precedem [em séculos] a análise de conteúdo.

Com efeito, a análise do conteúdo pode ser entendida como: *“Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados.”* (ibidem:11).

Esse instrumento de interpretação move-se entre *“(...) o rigor da objetividade e [a] fecundidade da subjetividade”* (ibidem). Para efeito do mesmo a autora divide-o em três fases: 1) pré análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados.

Gauthier (2003) considera que a técnica da análise de conteúdo propõe analisar o que é dito no texto para obtenção de indicadores a partir dos quais se constroem inferências válidas e reprodutíveis.

Assim, tendo em consideração que a nossa investigação se circunscreve com base no paradigma qualitativo e tendo em consideração também os seus objetivos, nela houve lugar para uma análise de conteúdo por categorias que “(...) *Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos*” (Bardin, 2015:199). Seguimos esse modelo pela simplicidade e eficácia na aplicação dos discursos, conforme propõe a autora.

A nossa análise foi realizada, portanto, tendo em conta o conteúdo manifesto e o conteúdo latente de que fala Gauthier (2003). Ou seja, de acordo com o autor, o primeiro tipo de conteúdo se refere ao dito, ao escrito ou explícito no texto e o segundo ao não expresso ou implícito no texto. Desse modo, procuramos centrar atenção não somente na palavra dita, mas em gestos, silêncios e atitudes tentando na prática absorver todos os pormenores possíveis da mensagem.

Percorrendo o esquema proposto por Bardin (2015) a construção da nossa análise obedeceu ao seguinte esquema: após a fase da sistematização das ideias iniciais, das leituras gerais, situámos os percursos individuais das entrevistadas e logo em seguida efetuámos uma análise comparativa onde os discursos foram analisados a partir das categorias criadas para facilitar o processo de entendimento dos conteúdos transmitidos.

Importa reforçar que a análise de conteúdo qualitativa permeia a via da subjetividade sem descurar dos particulares subentendidos na mensagem (Gauthier,2003).

Nesse sentido procedemos à construção da nossa análise atentos a esse importante particular. A grelha de análise de conteúdo completa consta do Apêndice III.

3.8. População alvo e critérios de escolha das mulheres entrevistadas

A nossa ideia original era entrevistar entre cinco e dez indivíduos (acabámos por entrevistar quatro), posto que se trata de uma pesquisa qualitativa. Nesse sentido e de acordo com o que diz Goldenberg (2004:50), entendemos que

“(...) a representatividade dos dados na pesquisa qualitativa em ciências sociais está relacionada à capacidade de possibilitar a compreensão do significado e a «descrição densa» dos fenómenos estudados em seus contextos e não à sua expressividade numérica.”

Pareceu-nos igualmente importante tentar entender o coletivo, na perspectiva das reações dos processos de integração das imigrantes brasileiras idosas na sociedade portuguesa, a partir da análise de casos, lembrando o imperativo que dá conta “(...) *que*

estamos no domínio da análise sociológica, e não no da análise das particularidades individuais” (Guerra, 2012: 20).

Durkheim (2012) defende que grande parte do que pensamos vem de fora de nós. Essa conceção exprime a ideia de que “(...) *Somos, então, vítimas de uma ilusão que nos faz acreditar termos sido nós quem elaborou aquilo que se nos impôs do exterior*” (*Ibidem*:40). O autor toma como exemplo para justificar as suas ideias o facto de indivíduos alheios a uma causa se deixar levar pela mesma quando reunidos em multidão sendo que esse comportamento se aplica nas mais variadas situações (política, religião, arte, por exemplo) da experiência cotidiana.

Assim, a análise de conteúdo das nossas entrevistas procurou aproximar-se dessa linha de raciocínio desenvolvida por Durkheim (*ibidem*).

Dado que houve dificuldade em dispor de contactos em tempo útil, quer através do Consulado do Brasil em Lisboa, quer através da Casa do Brasil em Lisboa (dos quais não foi possível obter resposta positiva), por diligência própria, através de uma rede de conhecimento, conseguimos contactar com uma primeira entrevistada e a partir desta com as seguintes.

A nossa pesquisa procurou compreender o processo de integração de imigrantes brasileiras idosas na sociedade portuguesa, a partir de estudo de casos sobre entrevistas semidirigidas.

Como forma de resguardar o anonimato, as nossas entrevistadas serão apresentadas com nomes fictícios (Esperança, Glória, Estela e Vitória).

A história de vida destas mulheres começa no Brasil, onde nasceram e, numa determinada altura das suas vidas, em circunstâncias em alguns casos idênticas, elas emigram para Portugal.

Não é ambição deste estudo analisar imigrantes representativas da comunidade brasileira, mas analisar sim, histórias que ajudem a compreender algumas das dificuldades sentidas pelas mesmas no processo de integração na sociedade portuguesa, em particular na fase da vida que coincide com a idade da velhice.

Deste modo, procurámos que o nosso grupo de entrevistadas se enquadrasse no seguinte perfil:

- Idade: 65 ou mais anos

- Sexo: feminino
- Estado Civil: qualquer
- Escolaridade: superior
- Profissão: qualquer
- Situação Legal: legalizada
- Motivação da Imigração: qualquer
- Tempo permanência em Portugal: mais de 10 anos

Vejamos de seguida os resultados dos casos estudados.

4. Percursos de integração das imigrantes brasileiras idosas

4.1. Retrato das imigrantes

Conforme atrás indicado, todas as entrevistadas são do sexo feminino. Têm idades compreendidas entre os 67 e os 78 anos, sendo a média aritmética de idade de 73,5 anos.

São naturais de diferentes estados do Brasil: três do Rio de Janeiro (Glória, Esperança e Estela) e uma do Rio Grande do Sul (Vitória).

O estado civil atual em dois casos é de união de facto (Glória e Esperança), uma divorciada (Vitória) e a outra casada (Estela).

Todas residem na região da Grande Lisboa: três na cidade de Lisboa (Glória, Estela e Vitória) e uma em Algés (Esperança). É importante ressaltar que uma vive sozinha (Vitória) e as outras três com os respectivos companheiros. Três destas (Vitória, Estela e Glória) possuem familiares diretos (filhos e netos) a residirem em Portugal e com os quais convivem frequentemente. Os filhos e netos da restante (Esperança) continuam a viver no Brasil, mas em Portugal mantêm contacto também frequente com uma enteada e familiares do marido que é português.

No que respeita à escolaridade, três das entrevistadas são doutoras em literatura (Esperança, Glória e Vitória), sendo que uma destas (Esperança) ainda é mestra em psicologia clínica. Uma outra (Estela) é mestra, também em literatura, e cantora de câmara.

A profissão exercida foi de professora universitária em três dos casos (Glória, Vitória e Esperança) e uma destas (Esperança) acumula a profissão de psicanalista. Uma outra (Estela) foi professora de francês (no Brasil) do ensino médio e também cantora de câmara, dando continuidade em Portugal apenas à carreira musical...*“Houve um momento em que eu achei que valia mais a pena trabalhar com a música. Ai parei de dar aulas. Senti falta! ...Quando eu vim prá cá eu já estava, assim, com uma carreira, firme. E foi difícil também por que eu tive que começar tudo de novo em Portugal”*, conta Estela.

Apesar de já terem alcançado o estatuto de reformadas, todas continuam ainda envolvidas em atividades de cunho profissional (sendo Estela e Esperança as mais ativas nesse sentido).

Glória refere que não é mais obrigada a trabalhar, mas que continua a fazê-lo por gosto *“...faço tanto ou mais do que fazia quando ainda estava em atividade. Nesse momento só não leciono, mas também tenho alguma disponibilidade para cuidar dos meus netos”*.

Vitória segue um ritmo de vida parecido com o de Glória. Diz: *“o meu dia-a-dia é levado nas pesquisas [académicas] e nos trabalhos domésticos”*.

No caso de Esperança o trabalho como psicanalista prossegue, mas ela reclama de uma acentuada queda na procura pelos seus serviços. *“No momento estou sem pacientes, mas estou louca para continuar por que é horrível não trabalhar, é horrível e a gente se sente mal”*, desabafa. Esperança justifica essa ausência de pacientes pelo facto de levar uma vida dividida entre Portugal e o Brasil. *“Tenho que trabalhar com alguém que aceite que no final de Novembro eu vá embora e talvez continue por Skype ou coisa assim”*, conclui.

Estela, apesar de referir que leva uma vida mais recatada ao lado do marido, com rotinas de caminhadas pela manhã com o mesmo, por exemplo, admite que continua envolvida em projetos como a elaboração de um livro, entre outros. *“Tenho outro projeto que está-me prendendo muito ao computador - acabei de gravar 41 canções que estão num manuscrito do tempo de D. Pedro II. Então, estou muito presa a isso”*, conta Estela.

No que se refere à questão política, apenas com uma (Esperança) esse assunto não ganhou força suficiente ao ponto da mesma manifestar maior interesse pelo mesmo. Quando chamada para dar aulas numa universidade em Lisboa foi-lhe atribuída uma disciplina de política. Esperança conta que assustada respondeu: *“Meu Deus do céu, política não é meu assunto”* [risos].

Mas Glória, por exemplo, assume que sempre teve envolvimento político. *“Participei no Partido Comunista e depois em outros movimentos de esquerda e sou eleitora desde o início”*, declara Glória.

Vitória diz que nunca teve quaisquer envolvimento com partidos políticos ou afins... *“mas sou eleitora”*, concretiza.

Estela faz questão de tecer várias observações sobre o cenário político em Portugal, admitindo inclusive o candidato da sua preferência nestas eleições²³. *“Voto com muita consciência. Vou votar no X com consciência. Não voto no Y. Eu estava entusiasmada com o Y... Mas vou votar no X”*, declara Estela.

a) Percursos individuais das imigrantes idosas entrevistadas

Nesse item será apresentado um perfil sumário das nossas entrevistadas - apenas um esboço resumido com aspetos que consideramos relevantes para o objetivo do nosso

²³ Eleições legislativas portuguesas de 2015 que se realizaram no dia 4 de Outubro de 2015, domingo. Mais detalhes em : <http://www.cne.pt/>. Acesso em: 29/10/2015

estudo. Nos pontos seguintes desse capítulo teremos o cruzamento da visão das respetivas entrevistadas sobre os temas que sustentam este estudo.

Perfil de Glória

Glória tem 67 anos e é natural do Rio de Janeiro. Vive em Lisboa (casa própria) juntamente com o companheiro que conheceu cerca de um ano depois da sua chegada neste país (1974). O casal vive em regime de união de facto. Tiveram uma filha e criaram uma outra fruto de uma relação anterior dele. Glória, que possui dupla nacionalidade (brasileira e portuguesa) é professora universitária reformada (doutora em Literatura). Sempre se interessou por política chegando a militar no Partido Comunista e em outros movimentos de ideologia de esquerda.

A História de Glória

Glória chegou a Portugal em Agosto de 1973 com uma bolsa de estudos que duraria apenas um ano. *“Em Maio de 1974 conheci o meu marido e decidi ficar em Portugal. Vivo com ele até hoje”*, conta Glória.

Glória fez carreira numa universidade pública portuguesa.

Toda a sua família direta vive no Brasil. A família do marido vive em Portugal, mas ela diz que a mesma é muito pequena... *“Já faleceram a mãe e o pai, o irmão vive um tanto afastado e os primos são todos muitos distantes”*, refere Glória lembrando que a sua família foi diminuindo ao longo dos anos também.

Glória diz que além do apoio das filhas, conta com uma rede de amigos (rede informal) que se apoiam uns aos outros. Ela continua a trabalhar (diz que por gosto) ainda em pesquisas científicas e a cuidar dos netos. Acrescenta que gostaria de fazer um voluntariado numa universidade de terceira idade, mas que não tem tempo para tal.

Ela revela que a sua relação com os portugueses nunca foi muito difícil, tirando alguns percalços que enfrentou com o seu orientador de tese. Para ela, na relação entre portugueses e brasileiros cruzam-se sentimentos contraditórios.

No que se refere a apoios institucionais extra, ela diz que não necessita, pois possui uma reforma.

Glória diz que vive há 40 anos no mesmo lugar, mas que não possui relações de grande amizade com os vizinhos, excepto com uma senhora que já era conhecida do marido

de há muitos anos...”*Existem outros inquilinos no prédio, mas não é uma relação de amizade como acontece no Brasil*”, lamenta Glória.

Conclui que é mais fácil viver em Portugal por considerar que há mais certezas em relação ao futuro e o país é mais seguro do que o Brasil, sobretudo se comparado ao Rio de Janeiro, a sua terra natal. Lembra os parentes que vêm passar férias neste país e que ficam admirados com o ambiente seguro que encontram.

Glória não pensa em voltar de vez para o Brasil.

Perfil de Vitória

Vitória tem 77 anos e é natural do Rio Grande do Sul. É divorciada. Vive sozinha e em casa própria na cidade de Lisboa. Vitória tem dupla nacionalidade (brasileira e portuguesa). É professora universitária (doutora em Literatura) reformada. Tem quatro filhos, três vivem no Brasil e um em Portugal. No que toca à questão política, diz que nunca militou em partidos ou afins, mas que nunca deixou de exercer o direito de voto.

A história de Vitória

Vitória chegou a Portugal no ano de 1988 com uma bolsa de estudos para tirar um doutoramento em literatura portuguesa. Veio com um filho de 11 anos de idade que continua a viver neste país. “*Meu filho fez faculdade de Direito, casou e tem um filho*”, diz Vitória com um tom de orgulho na voz.

Vitória fez carreira numa universidade pública portuguesa.

Ela diz que foi trabalhar para essa universidade onde ficou até à sua reforma em 2007. Considera a experiência profissional muito positiva, pois segundo a mesma teve sempre o apoio dos colegas de trabalho. “*Inclusive fui eu quem inaugurou a cadeira de Literatura brasileira que não havia antes...fui eu quem fiz os programas e tudo...então fui muito bem acolhida*”, declara.

Ela diz que conta com o apoio do filho e dos amigos e com o dos parentes no Brasil, onde costuma ir.

Vitória mora na cidade de Lisboa num edifício de 6 apartamentos. Diz que não tem não muita relação com os vizinhos. “*São amigos, mas não tenho convivência nenhuma*”, diz Vitória que acrescenta que prefere os amigos do meio académico onde trabalhou.

No que se refere à relação com os portugueses, Vitória considera que foi proveitosa, principalmente na universidade onde trabalhou, apesar de ter trabalhado muito e por vezes ter sentido, de uma certa forma, falta de apoio. *“Mas, saiu tudo bem, eu acho que viver em Portugal é mais seguro...é bom viver em Portugal...Tenho uma experiência agradável com os portugueses”*, conclui Vitória.

Vitória fala da segurança em Portugal e da falta da mesma no Brasil. Lembra da reação positiva dos familiares quando visitam Portugal.

Embora não lhe agrade totalmente a ideia, ela pensa que em algum momento do futuro terá que voltar para o Brasil.

Perfil de Esperança

Esperança tem 78 anos e é natural do Rio de Janeiro. A sua situação civil é de união de facto. Vive com o marido em Algés (casa alugada). Possuem casa própria no Brasil para onde vão com frequência. É professora universitária (doutora em literatura) e psicanalista (mestra em psicologia clínica e psicopatologia). Tem dois filhos que vivem no Brasil e uma enteada que vive em Portugal. No que respeita à questão política, foi um assunto cuja exploração ao longo da entrevista não ganhou força suficiente ao ponto de podermos extrair a opinião dela sobre esse tema.

A história de Esperança

Esperança chegou a Portugal nos anos 90. *“Não lembro exatamente quando foi...”*, diz. Ela viveu primeiro em Itália onde trabalhou como professora na Universidade de *La Sapienza* de Roma. De volta ao Brasil, numa passagem por Portugal conheceu aquele que é hoje seu marido. Mantiveram um relacionamento à distância (com idas e vindas de ambos entre os dois países).

“Quando vim para cá eu estava aposentada, mas eu não queria ficar parada...Então comecei a enviar o meu curriculum em tudo quanto é lugar, mas não aparecia aula para eu dar”, conta Esperança que diz que resolveu investir (tirou um mestrado) numa área de que gostava, a psicanálise. *“Já que as letras não me querem, vou investir na psicanálise”* [risos], declara.

Diz que ela e o marido continuam a morar no mesmo apartamento e que mantêm boas amizades com alguns vizinhos (rede informal).

Ela relata as relações com os portugueses e distingue-os como pessoas formais e de muito valor, mas sem deixar de referir que no geral os portugueses são mais tensos em comparação com os brasileiros.

Esperança diz que ainda realiza algum trabalho na área da psicanálise (consultório próprio) e que participa em encontros com um grupo de profissionais da área em Portugal e também no Brasil.

Fala também da segurança de viver em Portugal e reclama da falta desta no Brasil.

Apesar de temer pela falta de segurança no Brasil, confessa que gostaria de voltar de vez, mas que o marido não concorda com essa ideia. Assim, de acordo com a mesma, os dois combinaram que vão passar a viver fazendo estadias nos dois países.

Perfil de Estela

Estela tem 73 anos e é natural do Rio de Janeiro. É casada e vive com o marido em Lisboa (casa própria). Estela também possui dupla nacionalidade (brasileira e portuguesa). Foi professora de francês do ensino médio e é cantora de câmara. Recentemente tirou um mestrado em Literatura numa universidade de Lisboa. Tem três filhos (uma vive em Portugal, a outra na Holanda e o filho na Guatemala, país vizinho ao Brasil - todos casados e com filhos). No que toca à questão política, faz vários comentários sobre a situação de Portugal, critica algumas figuras da cena política e ainda aponta o candidato preferido nestas eleições.²⁴

A história de Estela

Estela chegou a Portugal no dia 2 de Janeiro de 1992. “*Vim com meu marido e com a minha filha mais velha e deixei 2 filhos no Brasil e a família e tudo lá*”..., conta Estela. Ela afirma que essa vinda foi provocada pela transferência do marido para uma agência em Lisboa por parte do banco para o qual trabalhava.

Estela diz que à exceção da filha, do neto e do genro, não tem familiares a viver em Portugal. A família (mãe, irmãos, primos e etc.) vive toda no Brasil, mas que ela e o marido costumam visitá-los quando vão de férias, além de manter contacto direto através das redes sociais e telefonemas, entre outros.

²⁴ Eleições legislativas portuguesas de 2015 que se realizaram no dia 4 de Outubro de 2015, domingo. Mais detalhes em : <http://www.cne.pt/>. Acesso em: 29/10/2015

Conta que quando chegaram a este país foram morar numa casa alugada em São João do Estoril e que depois se mudaram para o apartamento que compararam no Restelo onde continuam a morar.

Estela fez carreira musical em Portugal (cantora de câmara), dando continuidade a um projeto iniciado no Brasil.

Considera boa a relação com os portugueses. Porém ressalta: *“Há certas coisas da maneira de ser dos portugueses que chocam muito os brasileiros, que estranham... Não é de maldade. É uma maneira de ser diferente e a gente fica meio assustada, assim, meio magoada...são às vezes, invejosos e desprezam um pouco. Enciumados, né? Mas em geral os portugueses gostam dos brasileiros, né? E eles têm um jeito fechado, mas eles são também simpáticos e bons amigos”*, conclui.

A exemplo das outras, Estela chama a atenção também para a questão da garantia de viver em segurança em Portugal e lamenta pelo notório descaso com esta no Brasil.

Estela não tem plano de voltar a morar no Brasil, principalmente por causa do marido que rejeita totalmente essa hipótese e por causa das filhas e dos netos que vivem entre Portugal e Holanda.

4.2. Análise comparativa: semelhanças e diferenças

4.2.1. Contexto familiar

Como aludido no capítulo anterior, apenas uma das entrevistadas vive sozinha (Vitória). As outras vivem com os seus respectivos companheiros.

Vitória diz que vive uma boa relação com o filho, a nora e o neto que moram próximos a ela e também com amigos, que segundo a mesma são quase todos do meio universitário onde ela, conforme já exposto, fez carreira. Quando tem uma necessidade mais exigente, como um problema de saúde, desloca-se imediatamente para o Brasil. *“...Quando precisei fazer cirurgia fui para o Brasil... por que lá eu tenho o núcleo familiar mesmo importante. Então é isso, a minha segurança está em ir para o Brasil”*, conclui Vitória.

Já Glória diz que programou a vida para que o núcleo familiar mais próximo e até alguns amigos mais chegados, compartilhassem a mesma zona de moradia. Ela diz que essa decisão já foi pensando no futuro. *“...Poder vir a ser auxiliada pelos filhos que moravam do lado, porque como todo mundo sabe é difícil hoje em dia arranjar quem cuide de um idoso. E o futuro a gente tem que pensar...”* refere Glória que faz questão de

acrescentar que tem uma proximidade muito grande com a filha, com a enteada e com os netos.

Esperança vive com o marido, mas tem sempre por perto a filha e os outros familiares deste. *“A filha dele, principalmente, é sempre muito presente”,* enfatiza Esperança. Ela diz que conta também com o apoio de amigos e vizinhos. *“Tenho vários vizinhos aqui no meu prédio que são excelentes amigos. Tenho uma vizinha, a professora [fulana] que é muito amiga. Tenho o [fulano] que, aliás, enfim, não vou revelar por que ele foi meu paciente [risos]. Enfim, sinto-me muito amparada aqui. Sinto-me muito bem,”* conclui Esperança que acrescenta ainda que conta com o apoio dos dois filhos e dos netos que vivem no Brasil com os quais mantém contacto frequente, através das redes sociais, telefone e mesmo em visitas pessoais, uma vez que possui casa no Brasil e vez por outra passa por lá temporadas juntamente com o marido. *“A minha ideia é de ficar mais tempo lá e menos tempo aqui”,* finaliza Esperança.

Estela vive com o marido e conta com o apoio da filha e do genro que moram em Lisboa. *“Eu agora nesse último ano, no dia 31 de Dezembro, eu fui internada num hospital com uma pneumonia gravíssima. Eu quase morri. E quem me socorreu, vamos dizer assim, foi a minha filha. Meu marido no outro dia também foi internado. Ele também já tá meio atrapalhado, né? Nós ficámos uma semana no hospital”,* conta Estela que faz questão de enfatizar que esse apoio foi fundamental. Ela enfatiza também que ela e o marido tiveram muitas visitas de amigos que se prontificaram para ajudar no que fosse preciso, mas que naquela ocasião não foi necessário.

Todas as entrevistadas contam com apoio de familiares e amigos (rede informal) e dão muita importância a esse apoio, embora não descartem o apoio formal (principalmente duas destas) caso necessitem. Vitória, apesar de contar com o auxílio do filho, em caso de maior necessidade prefere ir para o Brasil onde, segunda a mesma, possui o núcleo familiar mais importante. Ela garante que essa opção é mais segura, visto que naquele país tem três filhos, irmãos e outros parentes próximos.

a) Antes da chegada: opção por Portugal

Para três das mulheres entrevistadas Portugal foi o primeiro e único país de destino do trajeto migratório. Apenas uma (Esperança) apresenta um percurso diferenciado, pois antes viveu na Itália onde trabalhou na Universidade de *La Sapienza* de Roma, voltando para o Brasil novamente de onde saiu (anos depois) para Portugal. Desse modo, o destino migratório para Portugal revelou-se bem definido para todas, e não o início de um percurso perspectivando outros destinos.

Três das entrevistadas (Glória, Vitória e Esperança) trabalhavam no Brasil como professoras no ensino superior em universidades públicas. Glória e Vitória continuaram na mesma atividade em Portugal, uma vez que chegaram a este país com bolsa de doutoramento (Literatura), dando assim continuidade ao percurso académico.

No Brasil, Estela trabalhou como professora de francês no ensino médio e como cantora de câmara. Ainda no Brasil encerrou a carreira de professora passando a investir somente na de cantora, dando continuidade ao projeto musical em Portugal.

Esperança deixa o Brasil já na condição de professora universitária reformada. Em Portugal investe numa carreira nova, psicologia clínica. Faz mestrado na área e começa a trabalhar em clínicas e em consultório particular. Também foi professora durante alguns anos numa universidade privada de Lisboa.

Assim, como atrás relatado, das quatro entrevistadas, duas (Glória e Vitória) apresentam motivações idênticas neste processo, ou seja, ambas emigram na sequência de projetos que resultaram na oferta de bolsas de estudos para tirar doutoramento em Portugal.

As outras (Estela e Esperança) apresentam motivações também parecidas, embora com algumas ressalvas. Estela vem para acompanhar o marido que foi transferido do banco onde trabalhava para uma agência em Lisboa (segundo a mesma, por insistência dele que decidiu que queria viver neste país).

Esperança mantinha um relacionamento à distância com um português (com idas e vindas de um e outro entre os dois países) e logo que os filhos dela saíram de casa, resolveu deixar o Brasil e se juntar de vez ao companheiro em Portugal. “*Eu não vim para aqui enquanto não casei os meus filhos*”, assegura Esperança.

A opção por Portugal das nossas entrevistadas pode ser enquadrada no âmbito de rede familiar (apoio informal) em dois casos (Esperança e Estela), sendo que a primeira veio juntar-se ao companheiro que é oriundo deste país e a segunda acompanhou o marido na sequência da transferência deste do Brasil para trabalhar em Portugal. Os outros casos (Vitória e Glória) têm a ver com rede profissional (apoio formal), uma vez que ambas chegaram a este país na sequência da oferta de bolsas de estudos de universidades públicas para tirar doutoramento.

É importante referir que apesar de Estela possuir familiares em Portugal (o pai é português, mas foi viver para o Brasil quando ainda era criança), essa questão não teve influência na vinda da família para este país.

b) Depois da chegada

Conforme relatado, Portugal foi o primeiro e único país de destino migratório para três das nossas entrevistadas (Glória, Vitória e Estela). Apenas Esperança fez um percurso diferenciado, pois, como relatado também, ela passou antes pela Itália onde trabalhou como professora universitária e depois voltou para o Brasil de onde saiu (anos depois) para Portugal.

Glória é a que vive há mais tempo em Portugal – 58 anos – seguida por Vitória e Estela – 27 e 23 anos respetivamente. Esperança foi a única que não soube precisar o ano em que chegou...*“Acho que foi em 1990 e tantos...Em 97, por aí, mais ou menos”*, deduziu Esperança.

Algumas das entrevistadas comentaram sobre apoios (informais) recebidos aquando da chegada a Portugal. Foi o caso de Estela que diz que alguns portugueses foram muito importantes no seu período de adaptação ao país. *“ Pouco a pouco eles iam-me convidando...eu conhecia o amigo deles...e o amigo me convidava e eu convidava para jantar...Hoje tenho muitos conhecimentos,”* diz Estela.

Glória é a que mais fala de amizade e dos apoios entre a rede de amigos que construiu em Portugal.*“...Eu tinha uma amiga e tias da minha amiga que cuidavam da minha filha para eu poder passear quando ela era pequena e passava férias com eles”,* lembra Glória que diz que agora faz isso com os netos.

Das quatro, apenas Glória relata uma certa insatisfação, principalmente no início, com o seu trabalho na universidade. Declara que sentia uma certa discriminação em relação aos brasileiros e uma manifesta diferença de mentalidades. Ela diz: *“No Brasil somos acostumados que todos os professores são mais ou menos iguais e se tratam uns aos outros com um certo formalismo. Aqui não. Aqui eles fazem questão de mostrar que um assistente não é a mesma coisa que um professor...A minha experiência no Brasil, por que eu cheguei a ser professora no Brasil, foi exatamente ao contrário, em que a catedrática passava na porta da minha casa para me dar carona. Não por que eu fosse excepcional, mas simplesmente por que era o caminho dela”*.

Vitória fala de apoio, mas mais no âmbito das amizades construídas dentro da universidade. Ela disse que a ida para a universidade onde fez carreira se deu em função do baixo valor que auferia da bolsa de estudos que não chegava para suportar as suas despesas, incluindo nestas as de um filho de 11 anos que trouxera consigo. Vitória diz que na universidade tudo correu bem e sempre teve apoio dos colegas...*“Apesar de ter*

trabalhado muito e às vezes achar que tinha falta de apoio de orientação. Mas, saiu tudo bem...”, conclui Vitória.

Esperança lembra dos constrangimentos que teve com a língua, mas diz que foi se adaptando e que inclusive incorporou algumas palavras no seu vocabulário. “...*A gente tem obrigação de falar no vocabulário daqui. Eu não vou dizer, eu quero ir de ônibus. Não, eu sei que é autocarro. Bonde é elétrico...Mas quanto a pronúncia, de jeito nenhum [risos]. Nem a maneira e o jeito de falar. Acho que é mais doce o brasileiro, não é?*”, conclui Esperança.

Em síntese, o percurso migratório das nossas entrevistadas difere em muitos aspetos do tradicionalmente feito pela maioria dos imigrantes que, como mostra a literatura disponível, chegam muitas vezes, sem perspectivas e, portanto, sujeitos a enfrentar dificuldades laborais, de moradia, integração, citando apenas as mais evidentes.

O trajeto destas mulheres enquadre-se num modelo de migração internacional de que fala Mota (2012), isto é, um modelo que engloba diferentes realidades de populações e não apenas as mais vulneráveis.

Trata-se, pois, cada vez mais, de uma

“(...) realidade generalizada, marcante de identidade de um modo globalizado, que se caracteriza por uma multiplicidade de motivações ou de tipologias. Mulheres e homens, crianças e jovens, oriundos de diferentes contextos e com qualificações muito variadas são forçados a procurar ou escolherem livremente outras paragens para viver e trabalhar” (ibidem: 05).

Essa linha de raciocínio da autora exprime a necessidade da promoção de políticas sobre migrações que levem em consideração também este exigente e complexo desiderato.

Importa referir que as particulares condições de migração das nossas entrevistadas não impediram o surgimento de eventuais constrangimentos (financeiros, por exemplo). Foi o caso de Vitória que, como indicado acima, teve que procurar trabalho para fazer face às suas despesas, visto que a bolsa de estudos não chegava para tal.

Esperança lembra as dificuldades iniciais para entrar no mercado de trabalho. Mesmo reformada, diz que desejava novos desafios profissionais. Ela conta que chegou a enviar o currículo para várias universidades, mas que não obteve resposta positiva. Então decidiu por uma formação numa área nova (conforme já exposto) e somente na sequência dessa iniciativa conseguiu trabalhos, inclusive como professora também. “*Depois que comecei a clinicar a universidade [tal] me chamou [risos]*”, conta Esperança.

Já Estela lembra também que ao chegar a Portugal ficou sem o que fazer. *“Eu sou muito ativa. Fiquei sem nada para fazer, era horrível. Aí eu já estava dedicada à música... Comprei um pianinho no supermercado e comecei a estudar sozinha, preparar um recital... Aí dei um recital no Brasil com canções portuguesas. Assim, aos poucos eu fui-me integrando...”* relata Estela que lembra ainda que foi uma amiga que viveu no Brasil que a ensinou a ir ao supermercado. *“Ela dizia, olha, ao invés de OMO, compra Skip. Cândida é lixívia”* [risos], rememora Estela.

Muitas das estratégias de integração desenvolvidas por estas mulheres decorrem de competências pessoais (aprender sozinha piano, investir numa nova formação académica) e interpessoais ou apoio informal (ir às compras com a amiga).

4.2.2. Situação económica

Como já indicado, todas as entrevistadas beneficiam do estatuto da reforma. Apesar da condição de reformadas todas ainda desempenham algum tipo de trabalho. Todas garantem que o que fazem é por gosto e não por necessidade de retorno financeiro.

Fazendo um paralelo da realidade de professores universitários do Brasil com os de Portugal, Glória diz que a realidade daquele país é bem diferente da existente neste. *“A universidade brasileira, em particular a universidade pública, dá muitas regalias que a universidade portuguesa não dá. Aqui tudo é mais mediano. Lá há pessoas que estão muito bem economicamente. Mas eu não precisava de mais...”*, conclui Glória.

Visão compartilhada por Vitória que questiona se teria as mesmas condições de trabalho no Brasil em comparação com as que teve em Portugal. Admite também que no Brasil os salários são mais elevados. *“A gente ouve falar e vê a qualidade de vida deles no Brasil, os professores universitários”*, refere Vitória que se diz satisfeita com a vida que tem.

Esperança diz que o seu nível de vida em Portugal permitiu que ela estudasse mais e ainda entrasse no mercado de trabalho. Se diz muito grata por isso *“...Trabalhar na clínica e também na universidade...ser convidada para isso e para aquilo...Isso tem sido muito bom”*, conta Esperança.

Estela diz que sempre teve um padrão de vida bom em Portugal, assim como no Brasil. Sendo que aqui as coisas são mais regradas, reconhece. Ela cita como exemplo o facto de não possuir uma empregada doméstica a tempo inteiro como acontecia no Brasil onde chegava a ter mais de uma em casa. *“Lá no Brasil eles ficam espantados. Como você*

não tem empregada? Prá quê que eu quero uma empregada sentada ali, sem fazer nada?”, questiona Estela que diz ter uma empregada doméstica que vem três vezes por semana e outras que vêm de 15 em 15 dias limpar a casa toda e que isso é suficiente. *“Essa maneira europeia de viver também me ensinou muita coisa. Eu aprendi. Meu universo cresceu”*, reconhece Estela.

A experiência de vida num país estrangeiro também permitiu incorporar novas formas de atuar e organizar o quotidiano tornando-se mais autónoma de ajuda formais como é o caso do trabalho exercido por empregadas domésticas.

4.2.3. As redes formais de integração

Como já mencionado, todas as entrevistadas desfrutam do estatuto da reforma e consequentemente usufruem dos apoios formais (privados e públicos).

Para Glória, em Portugal de um modo geral há muito apoio aos idosos. *“O meu marido um belo dia, não sei por quê, contactou com o Saúde 24²⁵. Agora eles chegam até a encher a paciência da gente porque de 15 em 15 dias telefonam para perguntar tudo: como é que ele está. Se consegue se mexer, se consegue ver as horas, se consegue isso e aquilo...”*, relata Glória que diz acreditar que todos esses cuidados são estendidos a todos os idosos, independentemente, por exemplo, da condição de imigrante ou não.

Vitória também acredita na abrangência desse apoio, mas sem tecer muitas certezas *“Eu não tenho experiência no assunto, mas acho que aqui todos os idosos tem apoio, sim”*, concretiza.

Esperança demonstra uma certa dubiedade acerca desse apoio. *“Quanto ao tratamento aos idosos eu não gosto muito, não... Eu acho os lares aqui horríveis. Os que conheci, claro... Eu não conheci os mais finos, os mais chiques... Eu sei que tem uns aí que são bons... O que acho bom aqui, por exemplo, é você ter tratamento médico gratuito... E*

²⁵ “A Linha Saúde 24 é uma iniciativa do Ministério da Saúde que visa responder às necessidades manifestadas pelos cidadãos em matéria de saúde, contribuindo para ampliar e melhorar a acessibilidade aos serviços e racionalizar a utilização dos recursos existentes através do encaminhamento dos Utentes para as instituições integradas no Serviço Nacional de Saúde mais adequadas.

Todos os dias, 24 horas por dia, basta ligar o **808 24 24 24** e entrará em contacto com Profissionais de Saúde qualificados e especialmente formados que lhe darão os melhores conselhos sobre a forma de lidar com a sua situação de saúde em particular. Seja ajudando-o a resolver o problema você mesmo ou encaminhando-o para o serviço de saúde mais adequado.” Disponível em:

http://www.saude24.pt/PresentationLayer/ctexto_00.aspx?local=15 Acesso em: 15/12/2015

parece que há apoio. Eu não sei porque ainda não precisei [risos] ... Mas parece que há uma série de formas de apoios aqui... Mas enfim, ainda prefiro o Brasil,” comenta Esperança.

Estela tece comentários sobre a qualidade dos apoios aos idosos em Portugal destacando que nota cada vez mais a preocupação do estado com essa questão. *“Tenho ouvido aviso da polícia pros velhinhos do interior, aí nas aldeias, não abrirem a porta para ninguém... Eu acho que está havendo uma preocupação por que eles tão vendo que a situação está piorando....”,* exemplifica Estela. Para ela, as famílias portuguesas, cuidam dos seus idosos nas suas próprias casas. *“Não conheço ninguém que tenha posto ninguém em casa de idoso”,* conclui Estela que não descarta essa hipótese para ela e o marido.

As entrevistadas têm apoio formal, quer público, quer privado, sempre que seja necessário, como é o caso da linha de Saúde 24, mas não usufruem de serviços que ainda não necessitam como, por exemplo, respostas tradicionais de apoio a idosos (lares e residências).

a) Lar de idosos – hipótese em vista?

Enquanto hipótese, as respostas tradicionais para pessoas idosas são assumidas como naturais por duas das entrevistadas (Glória e Estela) e descartadas por outras duas (Vitória e Esperança).

Glória diz que chegou a pensar, juntamente com um grupo de amigos, em construir uma casa para todos morarem juntos, mas que essa ideia não ganhou força. Hoje ela diz que caso seja preciso, pensa em morar em um lar de professores. *“Eu conheci uma pessoa que morou num espaço como esse...é uma coisa a pensar”,* refere Glória.

Estela diz que já pensou no assunto muito em função do exemplo da mãe que está dando muito trabalho para sua irmã no Brasil. Então diz: *“eu já preciso começar a olhar quais são os lugares em Portugal pra onde a gente pode pensar em ir. Porque se eu ficar aqui na minha casa, impossibilitada, ou eu ponho alguém para ficar aqui ou minha filha vai ter que ficar-me socorrendo. Não dá. Ela tem a vida dela também”,* conclui.

Tanto Vitória quanto Esperança, descartam a hipótese de viver num lar.

“Não penso absolutamente em instituições. Penso sempre em recorrer à família”, refere Vitória...

"Deus me livre... No Brasil tenho uma casa... é como um SPA... tem piscina... quintal grande.... É agradável. Eu acho que é lá o meu lar [risos]", diz Esperança.

No que diz respeito ao apoio formal para as pessoas idosas as respostas tradicionais ainda são mal vistas. Estas mulheres definem estratégias de apoio no futuro que passam por respostas diferenciadas, ou em lares privados, e/ou na sua própria casa. Nesses casos recorrem à família e aos seus próprios recursos logísticos.

4.2.4. As redes informais de integração

No que toca às redes informais, todas as entrevistadas destacaram a importância da família e dos amigos neste processo, conforme já atrás discutido.

"...Eu tenho o meu marido, tenho a minha filha, a minha enteada e uma porção de amigos que eu posso recorrer aqui. No Brasil tenho o resto da minha família", refere Glória quando questionada sobre esse apoio informal.

Vitória diz que aqui conta com o apoio do filho e dos amigos e que no Brasil a família está sempre disponível. *"Aqui acho que estou muito bem apoiada pelos meus amigos"*, acrescenta.

Esperança diz que aqui conta com o apoio da família do marido e dos amigos que foi construindo ao longo dos anos e no Brasil, para onde pretende ir cada vez mais, conta com o apoio dos filhos e dos netos... *"Aqui eu me sinto equilibrada, mas por outro lado, não gosto tanto da convivência... As pessoas aqui tem uma certa rispidez... Não são todas, mas têm... É claro que quando a gente é amigo aí não tem problema..."*, declara.

Estela neste assunto é perentória: *"Muito importante a família. Eu não tenho família aqui, ou seja, minha família é minha filha, meu genro, meu neto, não é? Esses são minha família. Porque os outros são amigos. Eu posso chamar até... Tenho amigas que eu posso chamar que elas vêm-me socorrer, mas não é a mesma coisa que você ter a sua família"*, conclui.

A rede informal de apoio destaca-se no processo de integração destas mulheres idosas, quer sejam os familiares, quer sejam os amigos.

a) Tempos livres (lazer) / participação social

Leitura, cinema e teatro foram apontados como as formas de lazer mais praticadas por todas as entrevistadas. Duas destas (Glória e Vitória) dizem que gostariam de ocupar os tempos livres também como colaboradoras (voluntárias) em universidades da terceira idade. Glória diz que não o faz porque o tempo é escasso e Vitória porque não houve oportunidade ainda.

Estela diz que já participou num projeto social durante muitos anos juntamente com um grupo de mulheres brasileiras comandado por uma embaixatriz do Brasil em Lisboa, mas o projeto foi interrompido quando a líder do projeto voltou para o Brasil. Esperança diz que participa de um grupo de psicanálise em Portugal e de outro no Brasil, mas que gosta mais do grupo português.

As viagens surgem também como uma outra forma de passar o tempo livre.

“Fiz muitas viagens. Acampeei durante longos anos pela Europa inteira”, refere Glória que acrescenta que continua a fazer muitas viagens, sobretudo para o Brasil e que também ocupa os tempos livres a cuidar dos netos.

Vitória diz que sempre que pode viaja para o Brasil.

Esperança, que diz já ter viajado muito por Portugal, como referido, diz que agora o destino mais frequente é também o Brasil.

Estela diz que vai todos os anos ao Brasil, viaja por Portugal e vez por outra vai à Holanda visitar a filha que mora naquele país.

No geral todas as entrevistadas dizem que levam uma vida baseada em boas relações de amizade com a família e os amigos e que se sentem muito bem adaptadas aos costumes portugueses, apesar das diferenças pontuais em relação ao Brasil.

4.3. Integração na sociedade portuguesa

Dado que três das entrevistadas fizeram carreira no meio universitário, a questão da integração foi muito debatida à luz desse universo, principalmente no caso de duas (Glória e Vitória). Uma outra entrevistada (Esperança) centrou-se mais na questão da diferença da língua de um modo geral. Apenas uma (Estela), cuja carreira destoa das outras, sustenta a sua opinião embasada em outro universo, evidentemente - no caso, as relações com os vizinhos.

Glória considera que em Portugal no meio universitário há uma certa discriminação em relação aos brasileiros, inclusive no que se refere ao modo de falar destes...*“eu não pude lecionar uma cadeira por que não falava igual aos outros...eu vinha de outro mundo, com outra formação que nem sempre foi muito reconhecida”*, conta Glória. Tirando essa experiência da universidade, considera que a sua vida em Portugal não foi muito difícil. Contudo, não deixa de referir que: *“Existe uma relação de amor e ódio face ao Brasil e que nem sempre se consegue viver isso muito bem”*.

Vitória diz que teve uma boa integração na universidade onde trabalhou. Questionada sobre essa forma de falar brasileira, diz: *“...Lá [na universidade] ninguém se preocupou com a minha fala brasileira... fui bem considerada e meus colegas me tratavam muito bem”*. Considera a experiência com o povo português muito proveitosa, tanto a nível pessoal quanto profissional.

Na questão da integração, Esperança ressalta como mais complicado as diferenças na língua. *“A língua foi uma das coisas que mais estranhei aqui”*, diz Esperança. Diz também que apesar de ter adotado o vocabulário português, a pronúncia e o jeito de falar continua a ser o do Brasil. Ressalta ainda a forma de ser dos portugueses pondo em evidência o aspeto da formalidade...*“Fiz muitas amizades aqui. Mas, enfim, as pessoas são mais formais e mais duras... inclusive na maneira de falar... há uma certa rispidez no trato”*, conclui.

Estela diz que aprendeu a viver de outra maneira em Portugal dadas as diferenças entre os dois povos. Admite que teve dificuldade de adaptação no início mas que essa questão já foi superada. *“Já estou integrada...Me dou muito bem nesse lugar... Sou amiga das vizinhas aqui. Fiz já vários almoços para elas... A gente sentava uma hora da tarde e só levantava às seis da tarde. Conversando...Mas eu fiz. Porque elas próprias nunca fizeram isso. E elas adoravam. Eu só não fiz mais porque estou muito ocupada com tese e não sei o quê, que não dá tempo”*, conclui Estela.

É importante ressaltar que todas as entrevistadas lembraram de boas amizades construídas em Portugal, independentemente dos eventuais casos de discordância nas relações com os portugueses levantados por uma ou outra e que essas amizades foram centrais no processo de integração destas.

a) Portugal versus Brasil – viver a reforma

As entrevistadas são quase unânimes (excetua-se Esperança) nesta questão dando prevalência para Portugal em comparação ao Brasil como o lugar ideal para viver a reforma. Algumas inclusive afirmam que muitos dos seus familiares, se pudessem, escolheriam viver neste país, principalmente pela segurança que o mesmo oferece. Importante referir que a segurança em Portugal e a flagrante falta desta no Brasil foi um dos argumentos levantados por todas as entrevistadas.

É o caso de Glória que afirma: *“Mesmo para quem não viveu aqui enquanto trabalhava, se aposentar e vir para cá é uma boa”*. Cita o exemplo de uma irmã e do marido desta que vêm muitas vezes de férias a Portugal e que apreciam o à vontade de andar pelas ruas sem medo. Na opinião de Glória: *“...” qualquer brasileiro gostaria de morar aqui.”*

Vitória destaca também a questão da segurança em Portugal. Fala também dos familiares que vêm a passeio e do encanto dos mesmos pelo país e conclui: *“Acho que uma pessoa não pode voltar para o Brasil mesmo, tem que ficar mesmo em Portugal”*.

Estela destaca também a questão da segurança e a hipótese da irmã que vive no Brasil passar a viver em Portugal. Para ela: *“Portugal é um país ideal para idosos por essas condições de clima, de sossego, de segurança... O Brasil [risos] seria. Mas do jeito que o Brasil está hoje, com essa insegurança. Eu não acredito... Eu tenho impressão que no dia que a minha mãe morrer, essa minha irmã talvez fique lá mais um bocado e acho que depois ela vem pra aqui... E ela gosta daqui.”*, conclui Estela.

De entre as entrevistadas Esperança é a única que diverge das restantes, embora admita que em Portugal haja mais recursos e mais oportunidades. Contudo, defende que no Brasil o tratamento talvez seja melhor, mas sem deixar de observar que *“...”O pessoal pobre mesmo não tenha oportunidade nenhuma [no Brasil] ”*, refere Esperança. Ela diz que não gosta do tratamento aos idosos em Portugal. *“Acho quase meio desrespeitoso... é o caso de tratar como se fosse uma criança”*, remata Esperança que lembra ainda que pretende ficar mais tempo no Brasil, apesar de não excluir o medo que sente em função da violência perpetrada no país. *“Lá a gente não sabe se vai andar até ali e se não vai ser assaltada,”* conclui Esperança.

Importante referir que apesar da expressa insegurança com a vida no Brasil, todas o reconhecem como um lugar de grandes qualidades, principalmente no que toca às relações com os outros. Fazem questão de lembrar que nunca perderam o contacto com o país, seja em viagens, seja através dos meios de comunicação e também em contactos

diretos com instituições brasileiras em Portugal como a Casa do Brasil e a Embaixada do Brasil, por exemplo.

b) Portugal *versus* Brasil – países para idosos

Nesse ponto duas das entrevistadas (Glória e Estela) defendem que Portugal é um país para idosos e que o Brasil deixa muito a desejar nesse aspeto. Ambas lembram do exemplo das pessoas dos países do norte da Europa e das ilhas britânicas que optam por viver a reforma em Portugal²⁶ considerando essa iniciativa como um exemplo de que o país é um lugar que acolhe bem as pessoas mais velhas

Para Glória que lamenta pelo profundo descaso do sistema de saúde pública brasileiro, *“Portugal será mais país para idoso pobre e o Brasil para idoso rico...mas Portugal tanto acolhe ricos como pobres...o Brasil só é país para idoso rico,”* conclui Glória.

Nessa comparação entre os dois países a opinião de Vitória em relação a Portugal coincide com as de Glória. Quanto ao Brasil ela começa por dizer que não sabe, mas sem muitos rodeios acaba por admitir que o Brasil *...“é para rico, sim!”*

Esperança é a única que mesmo admitindo que as condições de vida são mais vantajosas em Portugal, diz que *...“talvez no Brasil seja mais acessível... tratamento melhor [aos idosos]. As pessoas tinham que fazer curso fora de Portugal [para tratar os idosos] ”*, defende Esperança.

Neste ponto destaca-se o relacionamento e a informalidade características das pessoas brasileiras e a formalidade mais característica dos portugueses nos cuidados às pessoas idosas. No que diz respeito aos cuidados a idosos é muito importante a dimensão relacional e de inteligência emocional dos cuidadores formais.

4.4. O futuro, a que país pertence?

Como observado no capítulo acima, com exceção de Esperança, todas as entrevistadas entendem que, em comparação com o Brasil, Portugal é o país ideal para

²⁶ Esse fenómeno começa nos anos 80 do século XX sendo facilitado por fatores como: uma certa harmonia nos quadros legais da UE, as facilidades da internet, os voos *low-cost*, além de uma busca por novas experiências de vida em paragens com clima mais temperado, entre outros (Fonseca, 2012). Dada a importância, o fenómeno é apontado por governantes portugueses como de interesse nacional (*ibidem*).

viver a reforma. Contudo, uma destas (Vitória) ao que parece, a contragosto, terá que optar pelo Brasil.

Vitória diz que em algum momento terá que voltar...*“No Brasil tenho três filhos e seis irmãos. Então quando penso em apoio para saúde é lá. Eu gosto de viver aqui...Se as pessoas de quem eu gosto pudessem vir eu nunca mais voltava”*, completa Vitória.

Glória e Estela estão decididas quanto ao futuro em Portugal.

“Eu não poderei voltar...Tenho que pensar que o meu apoio é a minha filha aqui. Portanto, o Brasil não será uma solução para mim”, conclui Glória.

Estela admite que sempre quis voltar para o Brasil, mas que neste momento não faz mais sentido essa volta. *“Eu tenho duas filhas morando aqui. Uma aqui e outra a duas horas de distância. Se eu for pro Brasil quando é que eu vou ver essas meninas? Eu tenho que fazer dez horas de viagem. Por esse motivo, eu não vou voltar. Esse é o meu motivo, porque o meu marido não volta, nem com filho e nem sem filho [risos] ”*, afirma Estela.

Esperança diz que a ideia é passar a viver entre os dois países, uma vez que o marido não quer abdicar de vez da vida em Portugal, em especial do apartamento que foi moldado ao gosto do próprio. Sobre essas idas e vindas ela conclui: *“Em princípio está meio complicado porque fica muito caro [risos] ”*.

Questionadas se consideram Portugal como um país de futuro para os netos, excetuando uma (Estela) que considera que sim, apenas com algumas reservas, as outras se mostraram pessimistas quanto a esse futuro por alegada falta de oportunidade de emprego dada a crise que se vem observando na Europa. Esperança é a única que acredita que no Brasil haverá sempre mais oportunidades de emprego do que em Portugal dado, segundo a mesma, a dimensão político-geográfica do país.

4.5. Experiência migratória – balanço geral

Todas as entrevistadas se dizem satisfeitas com a experiência migratória.

“A minha experiência aqui foi positiva. Não sei se teria sido melhor no Brasil” (Glória).

“A minha experiência aqui é positiva e não consigo imaginar como seria no Brasil” (Vitória).

“O início foi muito duro. O início foi assim muito brusco. E eu me sentia...Sabe o que é um jatobá? Uma árvore. Uma árvore enorme. Com as raízes lá em baixo, no fundo. Ninguém derruba um jatobá. Eu me sentia com se tivesse serrado o tronco. Como se eu fosse o jatobá. E tivesse serrado lá na raiz, junto com a terra. Assim, no chão. Caiu aquela árvore e não sobrou nada. Quando eu vim prá cá... Então eu não tinha raiz. Eu era uma árvore, mas não tinha, né? Então o início foi difícil. Não difícil vir prá cá, estar aqui. Foi difícil deixar lá. Dá pra entender...? É diferente, não é? Só que vencida essa primeira parte de adaptação, de profissão, de encontrar pessoas, de me entender nesse universo, pronto. Eu acho bom morar aqui e acho que ganhei.” (Estela)

“É uma experiência positiva...eu gostei de estar aqui esses anos, especialmente quando estava trabalhando. Isso me gratificou bastante” (Esperança).

A experiência migratória é tida como positiva para todas as entrevistadas. Porém em duas destas (Esperança e Glória) observou-se uma certa rispidez face a maneira de ser do povo português de um modo geral. Apesar disso, ambas admitem que no geral tudo correu bem e que construíram grandes amizades neste país. Glória chega a falar em rede de amizade profundamente marcada por gestos de reciprocidade.

Vitória relata com satisfação o que viveu ao longo dos anos em Portugal chegando a afirmar que se pudesse trazer as pessoas de quem gosta nunca mais voltaria para o Brasil.

Estela é a que demonstra mais emoção (um tom saudosista, talvez) ao tratar do assunto. Diz que os portugueses são diferentes dos brasileiros, ou seja, mais fechados, mas que são bons amigos. Diz-se também satisfeita com a vida que construiu em Portugal e que a experiência migratória ajudou no seu amadurecimento e na forma de perspectivar a vida.

4.6. Discussão dos resultados para concluir

Sumário: Neste capítulo apresentamos e analisamos os resultados da investigação realizada atendendo aos objetivos definidos. Apontaremos ainda questões emergentes que poderão despertar o interesse de futuras pesquisas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O tema do envelhecimento das populações migrantes impõe-se no quadro da análise, dado que os fenómenos que lhes são subjacentes exigem uma dinâmica frequente e concertada de auscultação dessa realidade embora nem sempre se cumpra esse propósito dando margem, por conseguinte, a desatualização dessa temática. É nesse âmbito que entendemos a nossa investigação como uma contribuição para ajudar a atenuar essa lacuna.

No nosso estudo partimos de uma questão central: de que forma se dá o processo de integração das imigrantes brasileiras idosas na sociedade portuguesa, ou seja, de que depende essa integração e em que medida as redes de suporte formal e informal contribuem para esse processo.

Considerámos como objetivos da pesquisa: analisar o perfil das imigrantes brasileiras idosas em Portugal; verificar se as imigrantes brasileiras idosas usufruem de apoio familiar e/ou de amigos e o valor simbólico desses cuidados para uma velhice vivida distante do país de origem; observar se os apoios surgem adaptados às suas especificidades e até que ponto são percecionados como um fator indutor de integração dessas populações.

Tendo por base estes objetivos, valemo-nos da metodologia qualitativa para abordar a problemática em foco e, como técnica de recolha de informação, de entrevistas do tipo semidirigida. As entrevistas foram orientadas por tópicos específicos e análises das histórias individuais visando obter um conjunto de dados pertinentes para uma interpretação compreensiva do objeto em estudo. Nessa interpretação recorreremos aos instrumentos metodológicos da análise de conteúdo à luz, fundamentalmente, do pensamento de Bardin (2015).

A amostragem decorreu através da seleção por acessibilidade ou por conveniência. Essa etapa do processo foi um tanto morosa, uma vez que tivemos grande dificuldade em encontrar imigrantes brasileiras idosas para entrevistar. Fizemos diligências por vias formais (Consulado do Brasil em Lisboa, Casa do Brasil em Lisboa), mas não obtivemos sucesso. Por fim, socorremo-nos de uma rede de amigos que nos ajudou a identificar pessoas com o perfil estabelecido pelo nosso estudo.

Consideramos como fundamental acentuar que apesar de existir um vasto e importante acervo de estudos sobre o tema das migrações, já no que toca especificamente aos imigrantes idosos verificámos que essa temática parece não ter recebido ainda a

merecida atenção por parte da investigação e quando, em particular, nos reportamos à questão do feminino essa atenção pareceu-nos ainda mais escassa.

Importa referir que dada a complexidade desses fenómenos e a própria dinâmica da vida torna-se evidente que a exploração científica nesses âmbitos, por maior e mais ambiciosa que possa ser, parece impossível de atingir uma fase de esgotamento visto, obviamente, que haverá sempre necessidades (novas ou velhas, urgentes ou não) a impor e por vezes até a determinar forçosamente, ainda que de forma passiva, o rumo das investigações.

No que toca ao universo de imigrantes brasileiros idosos em particular, parece que nesse sentido a nossa investigação pode ser considerada singular, pois não conseguimos identificar nenhum estudo subordinado a esta temática.

Constatámos ainda que a forma como é tratada a questão do género nos estudos em Portugal também se repete em outros países. A literatura mostra que a primazia recai sobre o masculino, sendo a mulher apresentada como mero coadjuvante no agregado familiar, apesar de surgirem cada vez mais mulheres nas fileiras migratórias.

Diante desse diagnóstico, o alerta recai sobre a urgência em conceber políticas empenhadas em promover uma retórica sem prejuízo para a perspectiva feminina, sendo fundamental na construção dessas políticas a mobilização de agentes sociais da esfera pública e privada, instituições, líderes de associações, investigadores, representantes de instituições de imigrantes, indivíduos das populações migrantes e da população em geral, isto é, um exercício de cidadania com vista à inclusão.

Muitos dos fluxos migratórios são marcados por situações de vulnerabilidade associadas a desemprego, guerra, catástrofes naturais, entre outros. Contudo, uma faceta das migrações apresenta-se sobre a égide de uma nova tipologia caracterizada por um conjunto de fatores onde sobressai a formação profissional e a consequente liberdade de escolha de um lugar para viver, sendo, portanto, esse novo perfil migratório apontado como consequência do fenómeno da globalização que, por sua vez, promove maior circulação de informação, de consumo e de talento entre mercados.

Apesar dos projetos migratórios das nossas entrevistadas serem bastante anteriores a essa nova vaga resultante dos reflexos da globalização, é possível enquadrar os seus exemplos nesse contexto, tendo em vista que se trata de pessoas com formação de nível académico que chegam a Portugal entre os anos 70 e 90 do século XX dando

continuidade a essa formação neste país e construindo, consequentemente, carreiras profissionais nesse âmbito.

É possível também associar o perfil destas entrevistadas ao modelo da primeira vaga de emigração do Brasil para Portugal (anos 80) marcada por indivíduos com significativa qualificação profissional, destoando dessa forma da maioria dos envolvidos na segunda vaga (anos 90) caracterizada por menores qualificações profissionais.

É oportuno ressaltar que, com base na análise das situações reportadas nas entrevistas e na literatura examinada, evidencia-se que a experiência migratória, independentemente das condições culturais, sociais e económicas dos envolvidos, representa um fator de estranhamento, tanto para quem chega, quanto recebe. Como disse Wieviorka (2002), onde se cruza o diferente é natural a tensão.

Nesse jogo de disputa de interesses a palavra integração e tudo o que esta comporta, impõe-se, dando início dessa forma a uma narrativa que passa a ser construída pelos dois lados sem, todavia, escapar a eventuais crises de legitimação.

Desse modo, ainda que as nossas entrevistadas se enquadrem em perfis económico e intelectualmente favoráveis, esse fator não inibiu situações de alegados constrangimentos nomeadamente de ordem social, laboral, linguística, relacional e financeira, entre outros.

Verificou-se que muitas das estratégias de integração dessas mulheres decorrem de competências pessoais, como investimento em formação e busca por emprego, por exemplo. Nesse sentido das competências pessoais (e apenas neste, diga-se) essa imigração apresenta similitude com a dos indianos no Reino Unido cujos trajetos de integração são construídos pelos próprios à revelia de apoios institucionais dando assim margem à conquista de posições sociais favoráveis naquele país.

No que respeita aos apoios recebidos, observou-se que há uma unanimidade em torno da importância dada por elas à família e aos amigos (apoio informal). Todas dizem ter como garantido este apoio.

No caso de uma delas, mais especificamente, esse apoio não se revela tão presente. Apesar de esta ter um filho a viver em Lisboa e afirmar que tem o apoio deste, prefere deslocar-se para junto da sua família no Brasil sempre que confrontada por situações mais exigentes. Outro aspeto que nos chamou atenção foi o facto da mesma não manter laços de amizade com vizinhos. É importante ressaltar que as boas relações com

vizinhos são percebidas pelos estudos como aliadas relevantes no combate à solidão e ao isolamento na velhice.

As outras três entrevistadas, além de alimentarem políticas como as de boa vizinhança (duas delas enfatizam mais essa relação) e de redes de amigos, todas vivem com os seus respectivos companheiros. Esse último aspeto (o casamento) é percebido, quando há entendimento mútuo, como indutor de um envelhecimento bem-sucedido (Paúl, 2005).

Em se tratando de apoio formal, essas mulheres definem estratégias de apoio no futuro com base em respostas diferenciadas que passam, ou por instituições privadas, ou pela total dispensa desse apoio, preferindo o apoio das suas redes familiares e de amigos (rede de apoio informal).

Três das entrevistadas assumem Portugal, em comparação com o Brasil, como lugar preferencial para viver a reforma - duas já estão decididas a viver neste país, e uma, apesar de pensar em voltar ao Brasil, admite que o fará a contragosto (por ser essa a única alegada alternativa que viabiliza a proximidade da família). Apenas uma preferiria voltar de vez mas face à resistência do marido em deixar Portugal decidiram passar a viver entre os dois países. Todas continuam a manter ligação ao seu país de origem (Brasil), viajando em visita sempre que as circunstâncias o permitem.

Quanto à relação com os portugueses, observamos que no geral essa questão é pacífica, embora em dois casos prevaleça um certo resquício de mágoa por um ou outro evento isolado apontado como desagradável.

Apesar dos vagos episódios menos bons narrados por estas entrevistadas, o lado positivo da experiência migratória impõe-se. Percebemos um certo sentimento de gratidão, notadamente mais vincado em duas delas, por o que lhes aconteceu ao longo destes anos, nomeadamente as oportunidades de trabalho e o modelo de vida que conseguiram construir.

No geral o tratamento aos idosos em Portugal é tido pelas entrevistadas como bom e, segundo as mesmas, deve ser louvado pela característica inclusiva, pois independe de classe social ou nacionalidade. Apenas uma diverge de certa forma dessa posição, mas sem deixar de referenciar essa questão da inclusão nos atendimentos de saúde. Apesar dessa certeza ela ainda prefere o Brasil nesse aspeto.

Numa síntese global, todas dizem gostar de viver neste país por tudo o que o mesmo representa e sobretudo pela segurança com as suas vidas e a dos seus familiares, pela forma como as coisas são organizadas (saúde, transporte, educação, cultura) e o modo de vida em geral. Todavia, e apesar de reconhecer todas essas potencialidades de Portugal, uma acredita que o Brasil é melhor para viver a reforma, pois na sua opinião o tratamento naquele país é talvez menos técnico ou mais informal do que em Portugal.

À luz destas observações, podemos admitir que a análise dos resultados alcançados nesta pesquisa vem confirmar a necessidade de maiores investimentos no campo da gerontologia social no que concerne ao estudo dos imigrantes idosos em geral e, em particular, ao estudo das mulheres imigrantes. A pertinência do estudo do género na perspectiva migratória está em focar atenção tanto em homens quanto em mulheres e nos amplos lugares que ocupam na sociedade de acolhimento.

Parece haver aspetos que carecem de atenção continuada neste contexto das migrações como, por exemplo, a feminização versus a masculinização da velhice, compreender como homens e mulheres migrantes idosos encaram uma velhice distante do país de origem, o estudo da opinião crítica sobre os apoios recebidos ou o modo como perspectivam o futuro relativamente a esses apoios. Entender as idiossincrasias dos indivíduos imigrantes e tentar satisfazer as suas necessidades com respostas mais próximas do desejável e assim percecionadas pelos mesmos pode ser uma forma de atenuar transtornos oportunistas que invariavelmente ocorrem na velhice de homens e mulheres, migrantes ou não.

Parece-nos que os problemas identificados e discutidos nesta análise continuam a ser merecedores de atenção cuidada pelo conjunto da sociedade. A sustentabilidade das políticas de integração passa também pela contribuição de estudos multidisciplinares onde se favoreça o cruzamento do fenómeno das migrações com múltiplas dimensões e referências humanas tais como etnia, raça, credo religioso, género, idade, escolaridade, condição económica, rotinas e costumes culturais, elencando tão-somente os mais óbvios.

Sendo a nossa área de eleição a Gerontologia Social, esperamos que esta nossa modesta contribuição na análise das interações Envelhecimento-Migrações-Género possa servir de incentivo a posteriores estudos onde se privilegie este tipo de abordagem cruzada que nos parece facilitar uma compreensão mais abrangente de tão complexas realidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, L, M. (2005). A velhice como cesura *In* Ferreira, A, M (coord) (2005). A luz de saturno – figurações da velhice. Portugal: Universidade de Aveiro, Campus Universitário de Santiago.
- AMÂNCIO, L. (2010). Masculino e feminino – a construção social da diferença. 3ª ed. Portugal, Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento.
- ANNAN, K. (2002). Segunda Assembleia Mundial sobre o envelhecimento (Madrid/Espanha). Construir uma sociedade para todas as idades- mulheres idosas: é preciso ajudar quem toda a vida ajudou os outros. Disponível em: <https://www.unric.org/html/portuguese/ecosoc/ageing/Mulheres-Idosas.pdf>. Acesso em 19/10/2015.
- BANKS, S (coord); NOHR, K. (coord) (2008). *Ética prática para as profissões do trabalho social*. Porto: Porto Editora.
- BARDIN, L. (2015). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- BASSIT, A, Z (2011). Envelhecimento e gênero *In* Freitas, E, V; Py, L; Cançado, F,A, X; Doll, J; Gorzoni, M,L (2011). Tratado de geriatria e gerontologia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- BAUMAN, Z. (2003). Comunidade – a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar.
- BEAUVOIR, S. (2015). O segundo sexo - os factos e os mitos Vol.1. Lisboa: Quetzal.
- BEAUVOIR, S. (2015). O segundo sexo - a experiência vivida vol.2. Lisboa: Quetzal.
- BACKSTROM, B. (2012). Envelhecimento ativo e saúde num estudo de caso com idosos imigrantes *in* Machado, F,L (org) (2012). Revista migrações, número temático – imigração e envelhecimento ativo. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI.
- BERGER, L. & MAILLOUX-POIRIER, D. (1995). Pessoas idosas – uma abordagem global. Lisboa: Lusodidáctica.
- BERTOSSI, C. (2012). As cruzadas da integração na europa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Principia.
- BÓGUS, L, M,M. (2007). Esperança além-mar: Portugal no “arquipélago migratório” brasileiro *In* Malheiros, J, M. (org). (2007). Imigração brasileira em Portugal, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI
- BOURDIEU, P. (2013). A dominação do masculino. Lisboa: Relógio D’Água.
- CABRAL, M, V. (coord); FERREIRA, P, M.; SILVA,P, A.; JERÓNIMO; MARQUES, T. (2013). Processos de envelhecimento em Portugal – usos do tempo, redes sociais e condições de vida. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- CARDOSO, A. (2014). Livro branco sobre a solidariedade entre as gerações e envelhecimento ativo. Lisboa: CESIS – Centro de Estudos para a Intervenção Social.

- CARVALHO, A, D; BAPTISTA, I. (2008). Ética e formação profissional – Problemáticas antropológicas e dilemas éticos na intervenção socioeducativa *in* Banks, S (coord); Nohr, K (coord) (2008). *Ética prática para as profissões do trabalho social*. Porto: Porto Editora.
- CASTEL, R. (2000). A precaridade: transformações históricas e tratamento social *in* Soulet, M,H. (org) (2000). *Da não-integração – Tentativas de definição teórica de um problema social contemporâneo*. Coimbra, Portugal: Quarteto Editora.
- CASTRO, F,V. (2008). A Europa do outro – a imigração em Portugal no início do século XXI – estudo do caso de imigrantes da Europa do Leste no concelho de Vila Viçosa. Lisboa: Alto Comissariado para a imigração e diálogo intercultural (ACIDI, I.P.)
- CÍCERO, M,T. (2005). *Catão-o-Velho ou da velhice*. 2ª ed., Lisboa: Cotovia.
- CLARK, H. (2009). *In* prefácio do relatório de desenvolvimento humano 2009 – ultrapassar barreiras: modalidade e desenvolvimento humanos. Publicado para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Disponível em: <http://www.pnud.org.br/hdr/arquivos/RDHglobais/hdr2009-portuguese.pdf> Acesso em 8/11/2015.
- COUTINHO,C,P. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- CORREIA, A,M,R; MESQUITA, A. (2014). *Mestrados & Doutoramentos – estratégias para a elaboração de trabalhos científicos: o desafio da excelência*. 2ª ed. Porto: Vida Económica.
- DANIEL, F; Simões; MONTEIRO, R. (2012). Representações sociais do "envelhecer no masculino" e do "envelhecer no feminino" *in ex aequo – revista da associação portuguesa de estudos sobre as mulheres* (APEM), nº 26, pp. 13-26. Lisboa: Edições Afrontamento.
- DIAS,I; RODRIGUES, E, V. (2012). Demografia e sociologia do envelhecimento *in* Paúl, C. (coord); Ribeiro, O. (coord) (2012). *Manual de Gerontologia – aspetos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. Lisboa: Lidel.
- DURKHEIM, E. (2012). *As regras do método sociológico*. Lisboa: Editorial Presença
- EZZATI M, FRIEDMAN AB, KULKARNI SC, MURRAY CJL (2008) Correction: The Reversal of Fortunes: Trends in County Mortality and Cross-County Mortality Disparities in the United States. *PLoS Med* 5(5): e119. doi: 10.1371/journal.pme.0050066. Disponível em: <http://journals.plos.org/plosmedicine/article?id=10.1371/journal.pmed.0050066> Acesso em 11/11/2015.
- FARRÉ, A, F. (2008). *La vida de las mujeres mayores a luz de la investigación gerontológica feminista*. Anuário de psicologia, vol. 39, nº 1, pp, 41-57. Facultat de Psicologia. Universidade de Barcelona. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=97017401004> Acesso em 08/11/2015.
- FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, R. *La psicología de la vejez*. Disponível em: <http://www.encuentros-multidisciplinares.org/Revistan%C2%BA16/Roc%C3%ADo%20Fernandez%20Ballesteros.pdf>. Acesso em 19/11/2015.

- FERREIRA, A. M. (coord) (2005). *A luz de saturno – figurações da velhice*. Portugal: Universidade de Aveiro, Campus Universitário de Santiago.
- FLICK, U. (2013). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- FONSECA, A. (2012). Viver em Portugal após a reforma *in* Machado, F,L (org) (2012). *Revista migrações, número temático – imigração e envelhecimento ativo*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI.
- FONSECA, A. M. (2012). Desenvolvimento psicológico e processos de transição-adaptação no decurso do envelhecimento *In* Pául, C (coord); Ribeiro, O (coord). (2012). *Manual de gerontologia - Aspectos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. Lisboa-Porto: Lidel
- FORTIN, M, F; COTÊ, J ; FILION, F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Lisboa: Lusodidacta.
- FREITAS, E,V.; PY, L.; CANÇADO, F, A, X.; DOLL, J.; GORZONI, M, L. (2011). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 3ª edc. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- GIDDENS, A. (2012). *O mundo na era globalização*. Lisboa: Editorial Presença.
- GIDDENS, A. (2007). *A europa na era global*. Lisboa: Presença.
- GIL, A,C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- GOLDENBERG, M. (2004). *A arte de pesquisar – como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro –São Paulo: Record.
- GOMES, M,J; MATA, A. (2012). A família provedora de cuidados ao idoso dependente *in* Pereira, F (coord) (2012). *Teoria e prática de gerontologia – um guia para cuidadores de idosos*, Psicossoma: Viseu-Portugal.
- GUATHIER, B. (2003). *Investigação social – da problemática à colheita de dados*. Loures – Lisboa: Lusociência.
- GUERRA, I, C. (2012). *Pesquisa qualitativa e análise do conteúdo*. Lisboa: Principia.
- HUDDLESTON, T; NIESSEN, J; CHAOIMH, E, N; WHITE, E. (2011). *Migrant Integration Policy Index III – Portugal*. Disponível em: http://www.gulbenkian.pt/media/files/FTP_files/pdfs/PGDesenvolvimentoHumano/MIP_EX3_2011.pdf Acesso em 11/11/2015.
- HOUAISS, A; VILLAR, M, L. (2005). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.
- Kevin Kinsella and David R. Phillips, “Global Aging: The Challenge of Success,” *Population Bulletin* 60, no. 1 (Washington, DC: Population Reference Bureau, 2005). Disponível em: <http://www.prb.org/pdf05/60.1globalaging.pdf> Acesso em 10/11/2015.
- KINSELLA, Kevin and WAN He, *U.S. Census Bureau, International Population Reports, P95/09-1, An Aging World: 2008*, U.S. Government Printing Office, Washington, DC, 2009. Disponível em: <https://www.census.gov/prod/2009pubs/p95-09-1.pdf> Acesso em 28/12/2015.

- LAGES, M.F; POLICARPO, V,M; MARQUES, J,C,L; MATOS,P,L; ANTÓNIO, J,H,C. (2006). Os imigrantes e a população portuguesa – imagens recíprocas – análises de duas sondagens. Lisboa: Observatório de Imigração, ACIDI.
- LÉVI-STRAUSS, C. (2012). Raça e história. Lisboa: Editorial Presença.
- MACHADO, F.L.; ROLDÃO. (2010). Imigrantes Idosos: uma nova face da imigração em Portugal. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI.
- MACHADO, F, L. (coord) (2012). Imigração e envelhecimento ativo. Revista Migrações. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI.
- MACHADO,F,L; AZEVEDO, J. (2008). A investigação sobre imigração e etnicidade em Portugal – tendências, vazios e propostas *in* revista migrações, nº 4, abril 2009, pp. 7-31. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI.
- MALHEIROS, J, M ;BRACONS, H. (2013). Imigração e envelhecimento: estratégias sociais no trabalho com idosos imigrantes *in* Carvalho, M,I. (2013). *Serviço Social no envelhecimento*. Lisboa:Lidel/Pactor.
- MALHEIROS, J,M. (2011). Promoção da interculturalidade e da integração de proximidade – manual para técnicas/os, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI.
- MALHEIROS, J,M. (org) (2007). Imigração brasileira em Portugal. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI.
- MARCONI, M,A; LAKATOS, E, M. (2015). Técnicas de pesquisa - planeamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7ªed., São Paulo: Atlas.
- MARQUES, M,M; CIOBANU, R,O. (2012). Imigrantes Idosos em Portugal. Fórum Gulbenkian migrações 2011. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Principia.
- MARQUES, J,C; GÓIS, P. (2012). A emergência das migrações no feminino – feminização das migrações de (e para) Portugal e suas consequências sociopolíticas. Fórum Gulbenkian migrações 2011. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Principia.
- MARTIN, I; BRANDÃO, D. (2012). Políticas para a terceira idade *In* Paúl, C (coord); Ribeiro, O (coord) (2012).Manual de Gerontologia – aspetos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento. Lisboa: Lidel.
- MATIAS, G, S. (2014).Migrações e cidadania. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- MINAYO, M. C. S. (Org). (2002). Pesquisa Social - Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes.
- MINÓIS, G. (1999). História da Velhice no Ocidente – da antiguidade ao renascimento. Lisboa: Ed. Teorema.
- MOTA, I. (2012). Nota de abertura *in* Marques, M,M; Ciobanu, R. (2012). *Imigrantes idosos em Portugal*. Fórum Gulbenkian migrações 2011. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Principia.

- MOTA, I. (2012). Nota de abertura *in* Marques, J, C; Góis, P (2012). A emergência das migrações no feminino. Fórum Gulbenkian Migrações 2011. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Principia.
- Nazareth, J, M. (2009). Crescer e envelhecer - constrangimentos e oportunidades do envelhecimento demográfico. Lisboa. Editorial Presença.
- NIESSEN, J; HUDDLETON, T; CITRON, L; GEDDES, A; JACOBS, D. (2007). Index de políticas de integração de imigrantes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em : http://www.gulbenkian.pt/media/files/FTP_files/pdfs/PGDesenvolvimentoHumano/Ind exPoliticaMigrantes_Completo.pdf Acesso em 11/11/2015.
- OLIVEIRA, C, R. (coord); GOMES, N. (2014). Monitorizar a integração de imigrantes em Portugal – relatório estatístico decenal. Lisboa: Alto Comissariado para as Migrações (ACM, IP).
- OLIVEIRA, L, A. (2013). Ética em investigação científica – guia de boas práticas em estudo de caso. Lisboa: Lidel.
- OLIVEIRA, I, T; PEIXOTO, J. (2012). Envelhecimento da população imigrante: o caso português *in* Machado, F, L. (org) (2012). Revista migrações, número temático – imigração e envelhecimento ativo. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI.
- PADILLA, B. (2007). A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise *in* Malheiros, J, M. (org) (2007). Imigração brasileira em Portugal. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI.
- PAPADEMETRIOU, D, G. (2008) (coord). A Europa e os seus imigrantes no século XXI. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. Disponível em: <http://www.flad.pt/wp-content/uploads/2014/05/livro12.pdf>. Acesso em 10/11/2015.
- PAPALÉO NETTO, M. (2011). O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos *in* Freitas, E, V; Py, L; Cançado, F, A, X; Doll, J; Gorzoni, M, L (2011). Tratado de Geriatria e Gerontologia. 3ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- PAPALÉO NETTO, M. (2000). Gerontologia - a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo-Horizonte: Atheneu.
- PAPALÉO NETTO, M; Ponte, J, R. (2000). Envelhecimento: desafio na transição do século *In* Papaléo Netto, M (2000). Gerontologia - a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo-Horizonte: Atheneu.
- PAPALIA, D, E; FELDMAN, R, D. (2013). Desenvolvimento humano. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda.
- PAÚL, C. (coord); RIBEIRO, O. (coord) (2012). Manual de gerontologia – aspetos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento. Lisboa: Lidel.
- PAÚL, C. (2012). Tendências atuais e desenvolvimentos futuros da gerontologia *In* Paúl, C (coord); Ribeiro, O. (coord) (2012). Manual de gerontologia - Aspectos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento. Lisboa-Porto: Lidel.

- PAÚL, C. (2005). Envelhecimento activo e redes de suporte social *in* Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, série I, vol. 15, 2005, pág. 275-288. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3732.pdf> Acesso em 11/07/2014.
- PEIXOTO, J. (2013). Migrações *in* Cardoso, J, L; Magalhães, P; Pais, J,M.(org) (2013). Portugal social de A a Z – temas em aberto. Lisboa: Impresa Publishing/Expresso.
- PEIXOTO, J. (2007). Dinâmicas e regimes migratórios: o caso das migrações internacionais em Portugal *in* *Análise Social*, vol. XLII (183), 2007, pp. 445-469.
- PEREIRA, F; PIMENTEL, H. (2012). Emergência da gerontologia e do gerontólogo *in* Pereira, F (coord) (2012). *Teoria e prática da gerontologia - um guia para cuidadores de idosos*, Viseu – Portugal: Psicossoma.
- PERISTA, H. (coord.); PERISTA, P. (2012). Mulheres, homens e envelhecimento – um guia para serviços de ação social. nº 17, col. Bem-querer. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género - Presidência do Conselho de Ministros.
- PESSINI, L; SIQUEIRA, J, E. (2011). Bioética, envelhecimento humano e dignidade no adeus à vida *In* Freitas, E,V; Py, L; Cançado, F, A,X; Doll, J; Gorzoni,M,L (2011). Tratado de Geriatria e Gerontologia. 3ª edc. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- PINTO, F,C. (2007). Capítulo III – A terceira idade: idade da realização *in* Osório, A, R; Pinto, F, C. (coord) (2007). As pessoas idosas – contexto social e intervenção educativa. Lisboa: Instituto Piaget.
- PINTO, C,M. (2012). A teoria fundamentada como método de pesquisa. XII seminário internacional de letras – línguas e literatura na (pós) modernidade. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/inletras2012/Trabalhos/4415.pdf>. Acesso em 2/08/2014.
- PINTO, P,C. (2013).O envelhecimento das pessoas com deficiência: problemáticas e perspectivas na óptica do serviço social *In* Carvalho, M,I (coord) (2013).Serviço social no envelhecimento. Lisboa:Lidel.
- PIRES, R. P. (2012). O problema da integração Sociologia, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXIV, pág. 55-87
- PORDATA - Retrato de Portugal na Europa (2014). Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- READ, J, G; GORMAN, B,K. (2010). *Gender and healt inequality*. Annu.Rev. Social. 2010. 36: 371 -386. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/action/registration> Acesso em 10/11/2015
- RIBEIRO, O. (2012). Género e envelhecimento *In* Paúl, C; Ribeiro, O (coord) (2012).Manual de gerontologia - Aspectos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento. Lisboa-Porto: Lidel.
- ROSA, M,J,V; CHITAS, P. (2013). Portugal e a Europa: os números. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- ROSA,M,J,V. (2012). Imigração e envelhecimento: ligações perigosas *in* Machado, F,L (org) (2012). Revista migrações, número temático – imigração e envelhecimento ativo. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI.

- ROSA, M,J,V; CHITAS, P. (2010). Portugal e os números. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- ROSA, M, J, V; SEABRA, H; SANTOS, T. (2003). Contributo dos “imigrantes” na demografia portuguesa – o papel das populações de nacionalidade estrangeira. Lisboa: Alto-Comissariado para a imigração e minorias étnicas, ACIME.
- SALSELAS, T. (2007). Política social da velhice – texto complementar ao manual introdução à gerontologia. Lisboa: Universidade Aberta.
- SCHOUTEN, M, J. (2011). Uma sociologia do género. V.N. de Famalicão, Portugal: Húmus
- SILVA, S; SCHILTZ, S. (2007). A relação entre os imigrantes brasileiros e os portugueses – a construção de imagens recíprocas *in* Malheiros, J, M (org) (2007). Imigração brasileira em Portugal. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, ACIDI.
- SILVA, V,K; SILVA, M, H. (2009). Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Editora Contexto.
- SOULET, M,H. (2000). Da não-integração- tentativas de definição de um problema social contemporâneo. Coimbra, Portugal: Quarteto.
- SPENCER, S. (2008). O desafio da integração na Europa *In* Papademetriou, D,G. (2008) (coord). *A europa e os seus imigrantes no século XXI*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. Disponível em : <http://www.flad.pt/wp-content/uploads/2014/05/livro12.pdf>. Acesso em 15/11/2015.
- TEIXEIRA, P, M, F.(2015). Novo êxodo português - causas e soluções. Porto: Vida Económica.
- VIEIRA,C, C ; PERISTA, H. (2012). Para uma compreensão genderizada do processo de envelhecimento *In* ex-aequo – *revista da associação portuguesa de estudos sobre as mulheres* (APEM). Nº 26, pp. 9-11, 2012. Porto: Edições Afrontamento.
- WALL, K; NUNES, C; MATIAS, A,R. (2008). Trajetórias de mulheres imigrantes em Portugal. VI congresso português de sociologia. Mundos sociais: saberes e práticas. Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/476.pdf> Acesso em 10/11/2015.
- WIEVIORKA, M. (2002).A diferença. Lisboa: Fenda Edições.

Relatórios, legislações e sites

ACIDI (2010). *II Plano para a Integração dos Imigrantes (PII)* (2010-2013). Resolução do Conselho de Ministros n.º 74/2010, 12 de Agosto, disponível em: <http://www.acidi.gov.pt/cfn/4d346c9b80687/live/Consulte+a+vers%C3%A3o+do+Plano+2010-2013+em+portugu%C3%AAs>. Acesso em 20/12/2014.

AMI (Assistência Médica Internacional), disponível em: <http://www.ami.org.pt/media/pdf/migracoes1.pdf>. Acesso em 11/12/2014.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, disponível em:

<http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
Acesso em 20/11/2014

CARTA SOCIAL – Rede de Serviços e Equipamentos. A dependência: o apoio informal, a rede de serviços e equipamentos e os cuidados continuados integrados. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP). Disponível em: http://www.cartasocial.pt/pdf/estudo_dependencia.pdf. Acesso em 15/02/2015 Acesso em 10/11/2015.

CEDAW, 2010. *United Nation. Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination against Women*. Disponível em :
<http://www2.ohchr.org/english/bodies/cedaw/docs/CEDAW-C-2010-47-GC1.pdf>. Acesso em 8/10/2015.

COMISSÃO EUROPEIA – Disponível em:

http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_378_fact_pt_pt.pdf . Acesso em 20/12/2014.

DECLARAÇÃO DE SARAGOÇA (2010). Conferência Ministerial Europeia sobre a Integração enquanto motor para o desenvolvimento e a coesão social, realizada em Saragoça em 15-16 de Abril de 2010. Mais informações disponíveis em :
<http://data.consilium.europa.eu/doc/document/ST-8771-2010-INIT/pt/pdf>. Acesso em 5/02/2015.

DECLARACIÓN POLÍTICA Y PLAN DE ACCIÓN INTERNACIONAL DE MADRID SOBRE EL ENVEJECIMIENTO (2003). Segunda Asamblea Mundial sobre el Envejecimiento Madrid, España, 8 a 12 de abril de 2002. Disponível em:
<http://undesadspd.org/Portals/0/ageing/documents/Fulltext-SP.pdf>. Acesso em 06/02/2015.

DESTAQUE – informação à comunicação social – população residente em Portugal com tendência para diminuição e envelhecimento – INE (Instituto Nacional de Estatística) –
10/Julho/2014. Disponível em:
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquese&DESTAQUESdest_boui=218629052&DESTAQUESmodo=2 Acesso em 27/12/2015.

EUROPA – Sínteses da Legislação da UE. Disponível em:
http://europa.eu/legislation_summaries/human_rights/fundamental_rights_within_european_union/jl0034_pt.htm. Acesso em 5/02/2015.

GLOSSÁRIO SOBRE MIGRAÇÃO (2009). Direito internacional da Migração. Nº 22. OIM (Organização Internacional para as Migrações). Disponível em:
<http://www.acm.gov.pt/documents/10181/65144/Gloss%C3%A1rio.pdf/b66532b2-8eb6-497d-b24d-6a92dadfee7b>. Acesso em 29/12/2015.

IDS (2002). Prevenção da violência institucional perante as pessoas idosas e pessoas em situação de dependência. Lisboa: Ministério da Segurança Social e do Trabalho. Disponível para download em: <https://www.advita.pt/userfiles/file/Violencia.pdf>. Acesso em 28-12-2015. Registro bibliográfico em PORBASE – Base Nacional de Dados Bibliográficos, disponível em
http://porbase.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1K507V99B3160.102765&profile=porbase&uri=link=3100027~!8965257~!3100024~!3100022&aspect=basic_search&menu=search&ri=1&source=~!bnp&term=Preven%C3%A7%C3%A3o+da+viol%C3

[%AAnia+institucional%2C+perante+as+peoas+idosas+e+peoas+em+situa%C3%A7%C3%A3o+de+depend%C3%AAnia&index=ALTITLE](#) Acesso em 28-12-2015.

INE - Censos 2011. Disponível em: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1. Acesso em 28/12/2014..

INTERNATIONAL MIGRATION 2006 (Wall Chart), United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. Disponível em: http://www.un.org/esa/population/publications/2006Migration_Chart/2006lttMig_chart.htm . Acesso em 27/12/2015.

OMS, Organização Mundial de Saúde (2005). Envelhecimento Ativo: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.

OMS, Organização Mundial de Saúde (2011). Mulheres e saúde: evidências de hoje, agenda de amanhã. Disponível em: http://www.who.int/ageing/mulheres_saude.pdf Acesso em 14/12/2015.

ONU (2015) - *Probabilistic Population Projections based on the World Population Prospects: The 2015 Revision. Population Division, DESA.* <http://esa.un.org/unpd/ppp/> . <http://esa.un.org/unpd/wpp/Download/Standard/Population/> Acesso em 18/12/2015.

ONU (2010) - *Department of Economic and Social Affairs. The World's Women 2010 asdf United Nations New York, 2010 Trends and Statistics.* Disponível em : http://unstats.un.org/unsd/demographic/products/Worldswomen/WW_full%20report_color.pdf Acesso em 18/10/2015.

ONU (2006) - *International Migration 2006 (Wall Chart), United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division.* Disponível em: http://www.un.org/esa/population/publications/2006Migration_Chart/2006lttMig_chart.htm . Acesso em 27/12/2015.

PORDATA – Base de Dados Portugal Contemporâneo. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Disponível em: <http://www.pordata.pt/Europa/Indice+de+envelhecimento-1609>. Acesso em 22/01/2015.

PROGRAMA DE AÇÃO DO ANO EUROPEU DO ENVELHECIMENTO ATIVO ENTRE GERAÇÕES, AEEAG'S-2012|Portugal. Disponível em: <http://www.igfse.pt/upload/docs/2012/Programa%20A%C3%A7aoAnoEuropeu2012.pdf>. Acesso em 26/01/2015.

REGULAMENTO DO CONSELHO DA CE, Nº 862/2007 (Estatísticas comunitárias sobre migração e proteção internacional). Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2007:199:0023:0029:PT:PDF>. Acesso em 18/12/2014.

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO 2009 - Ultrapassar barreiras: mobilidade e desenvolvimento humanos. Publicado para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Disponível em: <http://www.acidi.gov.pt/cfn/4d42e5f09a032/live/Relat%C3%B3rio+de+Desenvolvimento+Humano+2009+Ultrapassar+barreiras%3A+Mobilidade+e+desenvolvimento+humanos>. Acesso em 20/12/2014.

RELATÓRIO OMS – Mulheres e Saúde: evidências de hoje agenda de amanhã (2011). Disponível em: http://www.who.int/ageing/mulheres_saude.pdf. Acesso em 18/10/2015.

SAÚDE 24. Disponível em: http://www.saude24.pt/PresentationLayer/ctexto_00.aspx?local=15 Acesso em 15/12/2015.

SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Disponível em: http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/legislacao/legislacao_detalhe.aspx?id_linha=4656. Acesso em 14/02/2015.

SEF (2014). Relatório de Imigração, Fronteiras e asilo. Lisboa: SEF. Disponível em: http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2014.pdf Acesso em 14/12/2015.

SEF (2013). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo. Lisboa: SEF. Disponível em: http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2013.pdf acesso em 14/12/2015.

SEF (2012). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo. Lisboa: SEF. Disponível em : <http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa%202012.pdf> Acesso em 14/12/2015.

TRATADO de AMIZADE, COOPERAÇÃO e CONSULTA entre a REPÚBLICA PORTUGUESA e a REPÚBLICA FEDERATIVA do BRASIL - Resolução da Assembleia da República nº 83/ 2000 – publicado no Diário da República – I série - A, Nº 287 – 14 de Dezembro de 2000. Disponível para consulta em: SEF- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/legislacao/legislacao_detalhe.aspx?id_linha=4656. Acesso em 14/02/2015.

UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas. Relatório sobre a situação da população mundial 2011 – pessoas e possibilidades em um mundo de 7 bilhões. Disponível em: <http://www.un.cv/files/PT-SWOP11-WEB.pdf> Acesso em 9/11/2015.

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas - Relatório sobre a Situação da População Mundial 2011 . Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/>. Acesso em 28/12/2015.

UNIRIC – Centro Regional de Informação das Nações Unidas. Disponível em: <http://www.unric.org/pt/actualidade/31450-desafios-da-populacao-mundial-sao-assunto-principal-no-forum-anual-da-onu>. Acesso em 18/10/2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Disponível em: <http://www.who.int/healthinfo/survey/ageingdefnolder/en/>. Acesso em 20/07/2014.

APÊNDICES

Apêndice I

BLOCOS DE ASSUNTOS DO GUIÃO DE ENTREVISTAS

Bloco 1. Identificação

Bloco 2. Chegada a Portugal – o antes e o depois

Bloco 3 Contexto familiar

Bloco 4. Situação económica

Bloco 5. As redes formais de integração

Bloco 6. As redes informais de integração

Bloco 7 Lar de idosos – hipótese em vista?

Bloco 8. Tempos livres (lazer) / Participação social

Bloco 9. Integração na sociedade portuguesa

Bloco 10. Portugal versus Brasil – viver a reforma

Bloco 11. Portugal versus Brasil – países para idosos

Bloco 12. Tratamento aos idosos e aos imigrantes idosos em Portugal

Bloco 13. O futuro, a que país pertence?

Bloco 14. Experiência migratória – balanço geral

Apêndice II

Guião da entrevista

GUIÃO

- Idade.....
- Sexo.....
- Natural de que região Brasil.....
- Estado civil (solteira, união de facto, casada, separada, divorciada, viúva)
- Escolaridade (1º ciclo, 2º ciclo, curso profissionalizante, superior (completo, incompleto, mestrado, doutoramento)
- Profissão.....
.....
- Situação profissional (empregada por conta de outrem (público/privado), empresária, desempregada (com ou sem seguro desemprego), reformada
- Situação legal (visto de residência, já adquiriu nacionalidade)
- Habitação (própria ou alugada, emprestada)

TEMAS IMPORTANTES (experiência de vida em Portugal)

- Quando chegou a Portugal e com quem foi viver
- Com quem vive (sozinha, marido, filhos, amigos, irmãos, outro tipo de familiar)
- Onde vive a família direta
- A quem recorre em caso de necessidade
- Proveniência dos rendimentos
- Onde trabalhou
- Recebe algum tipo de apoio do Estado ou de outra instituição
- Consegue detetar o que tem sido mais positivo e mais negativo?
- Como é o dia-a-dia?
- Pertence a alguma religião?
- E movimento político (se vai às urnas)?
- Tempos de lazer, o que faz?
- O que pensa de Portugal e dos portugueses
- Regresso ao Brasil (pensa regressar/ não pensa em regressar)
- Quais as razões desse ficar (família, amigos, situação económica, acesso atendimento médico, segurança, insucesso na imigração, custo de vida)
- Razões para voltar (se for o caso)

FASE REFORMA EM PORTUGAL (experiência de viver esse período de vida longe do país de origem)

- Motivo do “ficar” (família, segurança, amigos, cultura, acesso atendimento médico-hospitalar, custo de vida)
- Apoios/suporte (família, amigos, vizinhos, estado, instituições...)
- Comunidade onde vive (relação: acolhedora, ausente, neutra,)
- Portugal lugar de oportunidades para netos
- Dificuldades principais da vivência em Portugal
- Importância do apoio familiar nessa fase da vida. Principais preocupações nesse sentido.
- Viver em um lar (é uma possibilidade, impensável, não pensa nisso ainda)
- Participa em algum projeto voltado para reformados
- Portugal – tratamento aos idosos em geral e aos imigrantes idosos em particular
- Pensa que deve haver um tratamento específico para os imigrantes?
- O que pensa que poderia melhorar nos apoios aos idosos, principalmente aos idosos imigrantes?
- Portugal- país para idosos e o Brasil?
- Que balanço faz da sua experiência em Portugal?

Apêndice III

GRELHA ANÁLISE DE CONTEÚDO

TEMA: IMIGRANTES BRASILEIRAS IDOSAS EM PORTUGAL – CONTRIBUTOS DAS REDES DE SUPORTE FORMAL E INFORMAL PARA A INTEGRAÇÃO SOCIAL

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo				Temática
		Glória	Vitória	Esperança	Estela	
Perfil dos imigrantes idosas – identificação sociodemográfica	*Género	Feminino.	Feminino	Feminino	Feminino	
	*Idade	67 anos	77anos	78 anos	73 anos	
	*Estado civil	União de facto	Divorciada	União de facto	Casada	
	*Profissão	Professora universitária	Professora Universitária	Professora Universitária e psicanalista	Professora secundário e cantora de câmara	
	*Naturalidade	Rio de Janeiro	Rio Grande do Sul	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	
	*Residência	Própria	Própria	Alugada	Própria	
Contexto familiar	Com quem vivem/apoios	Vive com o marido. ...Programou a vida para que o núcleo familiar mais próximo e até alguns amigos mais chegados,	Vive sozinha ...Boa relação como o filho, a nora e o neto que moram próximos a ela e também com amigos,	Vive com o marido. ... Tem sempre por perto a filha e os outros familiares do marido. ...-apoio de amigos e vizinhos.	Vive com o marido Apoio da filha e do genro que moram em Lisboa. <i>“Eu agora nesse último ano, no dia 31 de Dezembro, eu</i>	(+) estabilidade familiar (+) amigos (+) companheirismo (-) solidão

		<p>compartilhassem a mesma zona de moradia...</p> <p>Decisão pensando no futuro. “...Poder vir a ser auxiliada pelos filhos que moravam do lado, por que como todo mundo sabe é difícil hoje em dia arranjar quem cuide de um idoso. E o futuro a gente tem que pensar...”</p> <p>Diz ter uma proximidade muito grande com a filha, a enteada, e com os netos.</p>	<p>que segundo a mesma são quase todos do meio universitário onde fez carreira.</p> <p>Quando tem uma necessidade mais exigente, como um problema de saúde, desloca-se imediatamente para o Brasil.</p> <p>“...Quando precisei fazer cirurgia fui para o Brasil... por que lá eu tenho o núcleo familiar mesmo importante. Então é isso, a minha segurança está em ir para o Brasil.”</p>	<p>“Tenho uma vizinha, a professora [fulana) que é muito amiga. Tenho o [fulano] que, aliás, enfim, não vou revelar por que ele foi meu paciente [risos].</p> <p>Enfim, sinto-me muito amparada aqui. Sinto-me muito bem.”</p> <p>...conta com o apoio dos dois filhos e dos netos que vivem no Brasil com os quais mantém contacto frequente, através das redes sociais, telefone e mesmo em visitas pessoais, uma vez que possui casa no Brasil e vez por outra passa por lá temporadas juntamente com o marido.</p> <p>“A minha ideia é de ficar mais tempo lá e menos tempo aqui”.</p>	<p>fui internada num hospital com uma pneumonia gravíssima.</p> <p>Eu quase morri. E quem me socorreu, vamos dizer assim, foi a minha filha. Meu marido no outro dia também foi internado. Ele também já tá meio atrapalhado, né? Nós ficamos uma semana no hospital...</p> <p>Para ela esse apoio foi fundamental...ênfatiza também que ela e o marido tiveram muitas visitas de amigos que se prontificaram para ajudar no que fosse preciso, mas que naquela ocasião não foi necessário.</p>	
	<p>Todas contam com apoio de familiares e amigos (rede informal) e dão muita importância a esse apoio, embora não descartem o apoio formal caso necessitem. Vitória, apesar de contar com auxílio do filho, em caso de maior necessidade prefere ir para o Brasil onde, segunda a mesma, possui o núcleo familiar mais importante. Ela garante que essa opção é mais segura, visto que naquele país tem três filhos, irmãos e outros parentes próximos.</p>					
Antes da chegada: opção por Portugal	*Trajeto migratório	Portugal primeiro e único país	Portugal primeiro e único país	Primeiro Itália, depois Portugal	Portugal primeiro e único país	

	*Motivação emigração	Oferta bolsa de estudos para doutoramento	Oferta bolsa estudos doutoramento	Se juntar ao companheiro que vivia neste país.	Acompanhar o marido na sequência de transferência profissional dele	
	* Atividade profissional no Brasil	Professora universitária	Professora universitária	Professora universitária	Professora ensino médio e cantora de câmara	
	Opção por Portugal - enquadrada no âmbito de rede familiar (apoio informal) em dois casos (Esperança e Estela). Os outros casos têm a ver com rede profissional (apoio formal) (Vitória e Glória). Estela, apesar de ter familiares portugueses, essa questão não influenciou na decisão por Portugal.					
Depois da chegada	*Apoios informais	É a que mais fala de amizade e dos apoios entre a rede de amigos que construiu <i>"...Eu tinha uma amiga e tias da minha amiga que cuidavam da minha filha para eu poder passear quando ela era pequena e passava férias com eles"</i>	Diz que na universidade tudo correu bem e sempre teve apoio dos colegas... <i>"Apesar de ter trabalhado muito e às vezes achar que tinha falta de apoio de orientação. Mas, saiu tudo bem..."</i>	Lembra das dificuldades que teve com a língua... foi se adaptando....	Diz que alguns portugueses foram muito importantes no seu período de adaptação ao país <i>"... Pouco a pouco eles [vizinhos e amigos portugueses] iam- me convidando...eu conhecia o amigo deles...e o amigo me convidava e eu convidava para jantar...Hoje tenho muitos conhecimento,"</i>	(+) rede de amigos (-) dificuldades com a língua
	*Tempo de imigração	58 anos	27 anos	Não soube precisar o ano de chegada. Diz que talvez foi em 1997...18 anos!	23 anos	
	*Constrangimentos	Declara que sentia uma certa discriminação em relação aos brasileiros e uma manifesta diferença de mentalidades na universidade onde trabalhou...	O baixo valor que auferia da bolsa de estudos que não chegava para suportar as suas despesas, incluindo nestas as com um filho de 11 anos que	Língua...dificuldade de inserção no mercado de trabalho (no início) Apesar de já reformada, decidiu por uma formação numa área nova.	<i>"Fiquei sem nada para fazer, era horrível.</i> <i>Aí eu já estava dedicada à música... Comprei um pianinho no supermercado e comecei a estudar sozinha, preparar um recital..."</i>	(-) discriminação (-) baixo salário (-) dificuldade

		<p><i>“No Brasil somos acostumados que todos os professores são mais ou menos iguais... Aqui não. Aqui eles fazem questão de mostrar que um assistente não é a mesma coisa que um professor...”</i></p> <p><i>A minha experiência no Brasil, por que eu cheguei a ser professora no Brasil, foi exatamente ao contrário...”</i></p>	<p>trouxera consigo.</p> <p>Resolveu concorrer a um trabalho numa universidade onde acabou por construir a sua carreira.</p>	<p>Somente na sequência dessa iniciativa conseguiu trabalhos, inclusive como professora também.</p> <p><i>“Depois que comecei a clinicar a universidade [tal] me chamou [risos] ...”</i></p>	<p><i>Aí dei um recital no Brasil com canções portuguesas. Assim, aos poucos eu fui-me integrando...”</i></p>	<p>Inserção mercado de trabalho</p> <p>(-) solidão</p>
<p>Muitas das estratégias de integração desenvolvidas por estas mulheres decorrem de competências pessoais (aprender sozinha piano, investir numa nova formação académica).</p>						
Situação económica	<p>Proveniência dos rendimentos</p> <p>Satisfação rendimentos auferidos</p>	<p>Reforma</p> <p><i>“A universidade brasileira, em particular a universidade pública, dá muitas regalias que a universidade portuguesa não dá. Aqui tudo é mais mediano. Lá há pessoas que estão muito bem economicamente.</i></p> <p><i>Mas eu não precisava de mais...”</i></p>	<p>Reforma</p> <p>Admite também que no Brasil os salários são mais elevados.</p> <p><i>“A gente ouve falar e vê a qualidade de vida deles no Brasil, os professores universitários...”</i></p> <p>Se diz satisfeita com a vida que tem.</p>	<p>Reforma e trabalhos como psicanalista</p> <p>Diz que o seu nível de vida em Portugal permitiu que estudasse mais e ainda entrasse no mercado de trabalho.</p> <p>Se diz muito grata por isso.</p>	<p>Reforma e trabalhos como cantora</p> <p>Sempre teve um padrão de vida bom em Portugal, assim como no Brasil...</p> <p>Confessa que em Portugal as coisas são mais regradas...</p> <p>Cita como exemplo o facto de não possuir uma empregada doméstica a tempo inteiro como acontecia no Brasil onde chegava a ter mais de uma em casa.</p>	<p>(+) meio de subsistência</p>

					<p><i>“ Lá no Brasil eles ficam espantados. Como você não tem empregada? Prá quê que eu quero uma empregada sentada ali, sem fazer nada?”,</i></p> <p>Diz ter uma empregada doméstica que vem três vezes por semana e outras que vêm de 15 em 15 dias limpar a casa toda e que isso é suficiente.</p> <p><i>“Essa maneira europeia de viver também me ensinou muita coisa. Eu aprendi. Meu universo cresceu”,</i></p>	
	A experiência de vida num país estrangeiro também permitiu incorporar novas formas de atuar e organizar o quotidiano tornando-se mais autónoma de ajuda formais como é o caso do trabalho exercido por empregadas domésticas.					
	Redes formais de integração	<p>Portugal de um modo geral há muito apoio aos idosos.</p> <p><i>“O meu marido um belo dia, não sei por quê, contactou com o Saúde 24. Agora eles chegam até a encher a paciência da gente por que de 15 em 15 dias telefonam</i></p> <p><i>Para perguntar tudo: como é que ele está. Se consegue se mexer, se consegue ver as horas,</i></p>	<p>Acredita na abrangência desse apoio, mas sem tecer muitas certezas.</p> <p><i>“Eu não tenho experiência no assunto, mas acho que aqui todos os idosos tem apoio”</i></p>	<p>Demonstra uma certa dubiedade a cerca desse apoio.</p> <p><i>“ Quanto ao tratamento aos idosos eu não gosto muito, não... Eu acho os lares aqui horríveis. Os que conheci, claro... Eu não conheci os mais finos, os mais chiques...</i></p> <p><i>Eu sei que tem uns aí que são bons... O que acho bom aqui, por exemplo, é você ter tratamento médico</i></p>	<p>Tece comentários sobre a qualidade dos apoios aos idosos em Portugal destacando que nota cada vez mais a preocupação do estado com essa questão.</p> <p><i>“Tenho ouvido aviso da polícia pros velhinhos do interior, aí nas aldeias, não abrirem a porta para ninguém...</i></p> <p><i>Eu acho que está havendo uma preocupação por que eles tão vendo que a situação está piorando....</i></p>	<p>(+) apoios Institucionais</p> <p>(-) tratamento idosos</p>

		<p><i>se consegue isso e aquilo</i></p> <p>Acredita que todos esses cuidados são estendidos a todos os idosos, independentemente, por exemplo, da condição de imigrante ou não.</p>		<p><i>gratuito...</i></p> <p><i>E parece que há apoio. Eu não sei porque ainda não precisei [risos] ...</i></p> <p><i>Mas parece que há uma série de formas de apoios aqui... Mas enfim, ainda prefiro o Brasil</i></p>	<p>” As famílias portuguesas, cuidam dos seus idosos nas suas próprias casas.</p> <p>“Não conheço ninguém que tenha posto ninguém em casa de idoso”, conclui Estela que não descarta essa hipótese para ela e o marido.</p>	
	<p>As entrevistadas têm apoio formal quer publico quer privado sempre que seja necessário como é o caso da linha de saúde 24 mas não usufruem de serviços que ainda não necessitam como por exemplo respostas tradicionais de apoio a idosos (lares e residências).</p>					
	Lar de idosos	<p>Chegou a pensar juntamente com um grupo de amigos em construir uma casa para todos morarem juntos.</p> <p>Mas que essa ideia não ganhou força. Hoje ela diz que caso seja preciso, pensa em morar em um lar de professores.</p> <p><i>“Eu conheci uma pessoa que morou num espaço como esse...é uma coisa a pensar</i></p>	<p><i>“Não penso absolutamente em instituições. Penso sempre em recorrer à família”,</i></p>	<p><i>”Deus me livre... No Brasil tenho uma casa... é como um SPA... tem piscina... quintal grande.... É agradável. Eu acho que é lá o meu lar (risos)”</i>,</p>	<p>Já pensou no assunto muito em função do exemplo da mãe que está dando muito trabalho para sua irmã no Brasil. Então diz:</p> <p><i>“eu já preciso começar a olhar quais são os lugares em Portugal pra onde a gente pode pensar em ir. Por que se eu ficar aqui na minha casa, impossibilitada, ou eu ponho alguém para ficar aqui ou minha filha vai ter que ficar-me socorrendo...”</i></p>	<p>(+) Institucionalização (-) Institucionalização</p>
	<p>No que diz respeito ao apoio formal para as pessoas idosas as respostas tradicionais ainda são mal vistas. Estas mulheres definem estratégias de apoio no futuro que passam por respostas diferenciadas ou em lares privados e ou na sua própria casa. Nestes casos recorrem à família e aos seus próprios recursos logísticos.</p>					

	Redes informais de integração	<i>“...Eu tenho o meu marido, tenho a minha filha, a minha enteada e uma porção de amigos que eu posso recorrer aqui. No Brasil tenho o resto da minha família”,</i>	Conta com o apoio do filho e dos amigos e que no Brasil a família está sempre disponível. <i>“Aqui acho que estou muito bem apoiada pelos meus amigos”,</i>	Conta com o apoio da família do marido e dos amigos que foi construindo ao longo dos anos e no Brasil, para onde pretende ir cada vez mais, conta com o apoio dos filhos e dos netos... <i>“Aqui eu me sinto equilibrada, mas por outro lado, não gosto tanto da convivência...As pessoas aqui tem uma certa rispidez....Não são todas, mas têm...”</i> <i>É claro que quando a gente é amigo aí não tem problema....”.</i>	<i>“Muito importante a família. Eu não tenho família aqui, ou seja, minha família é minha filha, meu genro, meu neto, não é?”</i> <i>Esses são minha família. Por que os outros são amigos. Eu posso chamar até... Tenho amigas que eu posso chamar que elas vêm- me socorrer, mas não é a mesma coisa que você ter a sua família.”</i>	(+) família e amigos
	A rede informal de apoio destaca-se no processo de integração destas mulheres idosas, quer sejam os familiares quer sejam os amigos.					
	Tempos livres (lazer) Participação social	Leitura, cinema e teatro e viagens <i>“Fiz muitas viagens. Acampeei durante longos anos pela Europa inteira”,</i> continua a fazer muitas viagens, sobretudo para o Brasil. E que também ocupa os tempos livres a cuidar dos netos.	Leitura, cinema e teatro e viagens Sempre que pode viaja para o Brasil. Esperança, que diz já ter viajado muito por Portugal, como referido já neste estudo, diz que agora o destino mais frequente é também o Brasil.	Leitura, cinema e teatro e viagens Fala de viagens por Portugal...conheceu o país todo e pelo Brasil.... Diz que participa de um grupo de psicanálise em Portugal e de outro no Brasil, mas que gosta mais do grupo português.	Leitura, cinema e teatro e viagens Vai todos os anos ao Brasil, viaja por Portugal e vez por outra vai à Holanda visitar a filha que mora naquele país. Já participou num projecto social durante muitos anos juntamente com um grupo de mulheres brasileiras comandado por uma	(+) viajar (+) voluntariado (+) grupos de trabalho

		...Gostaria de ocupar os tempos livres também como colaboradora (voluntária) em universidades da terceira idade. Não o faz porque o tempo é escasso.	...Gostaria de ocupar os tempos livres também como colaboradora (voluntária) em universidades da terceira idade Não faz porque não houve oportunidade ainda.		embaixatriz do Brasil em Lisboa, mas o projecto foi interrompido quando a líder do projecto voltou para o Brasil.	
	No geral todas as entrevistadas dizem que levam uma vida baseada em boas relações de amizade com a família, amigos e que se sentem muito bem adaptadas aos costumes portugueses, apesar das diferenças pontuais em relação ao Brasil.					
	Integração na sociedade portuguesa	No meio universitário (onde trabalhou) há uma certa discriminação em relação aos brasileiros, inclusive no que refere ao modo de falar destes... <i>"eu não pude lecionar uma cadeira por que não falava igual aos outros...eu vinha de outro mundo, com outra formação que nem sempre foi muito reconhecida",</i> Tirando essa experiência, considera que a sua vida em Portugal não foi muito difícil.	Teve uma boa integração na universidade onde trabalhou. Questionada sobre essa forma de falar brasileira, diz: "...Lá [na universidade] ninguém se preocupou com a minha fala brasileira...fui bem considerada e meus colegas me tratavam muito bem". Considera a experiência com o povo português muito proveitosa, tanto a nível pessoal quanto profissional	Ressalta como mais complicado as diferenças na língua. <i>"A língua foi uma das coisas que mais estranhei aqui",</i> diz Esperança. Diz também que apesar de ter adotado o vocabulário português, a pronúncia e o jeito de falar continua a ser o do Brasil. Ressalta ainda a forma de ser dos portugueses pondo em evidência o aspeto da formalidade... <i>"Fiz muitas amizades aqui. Mas, enfim, as pessoas são mais formais e mais duras...inclusive na maneira de falar...há</i>	Aprendeu a viver de outra maneira em Portugal dadas as diferenças entre os dois países. Admite que teve dificuldade de adaptação no início mas que essa questão já foi superada. <i>"Já estou integrada...Me dou muito bem nesse lugar... Sou amiga das vizinhas aqui. Fiz já vários almoços para elas... A gente sentava uma hora da tarde e só levantava às seis da tarde. Conversando..."</i> <i>Mas eu fiz. Porque elas próprias nunca fizeram isso. E elas adoravam. Eu só não fiz mais por que estou muito ocupada com tese e não sei</i>	(-) discriminação (-) relações perigosas (-) língua (+) superação (+) amizades (+) oportunidades (+) convivência

		Contudo, não deixa de referir que: <i>“Existe uma relação de amor e ódio face ao Brasil e que nem sempre se consegue viver isso muito bem”</i> .		<i>uma certa rispidez no trato”</i>	<i>o quê, que não dá tempo.”</i>	
	Tendo em conta o ambiente académico experienciado é importante ressaltar que todas as entrevistadas lembraram de boas amizades construídas em Portugal, independentemente dos eventuais casos de discordância nas relações com os portugueses levantados por uma ou outra e que essas amizades foram centrais para a sua integração.					
	Portugal versus Brasil – viver a reforma	<p><i>“Mesmo para quem não viveu aqui enquanto trabalhava, se aposentar e vir para cá é uma boa”</i>.</p> <p>Cita o exemplo de uma irmã e do marido desta que vêm muitas vezes de férias a Portugal e que apreciam o à vontade de andar pelas ruas sem medo.</p> <p><i>...“qualquer brasileiro gostaria de morar aqui.”</i></p>	<p>Destaca também a questão da segurança em Portugal.</p> <p>Fala também dos familiares que vêm a passeio e do encanto dos mesmos pelo país e conclui:</p> <p><i>“Acho que uma pessoa não pode voltar para o Brasil mesmo, tem que ficar mesmo em Portugal”</i>.</p>	<p>Diverge das outras, embora admita que em Portugal haja mais recursos e mais oportunidades.</p> <p>Defende que no Brasil o tratamento talvez seja melhor, mas sem deixar de observar que ...</p> <p><i>“O pessoal pobre mesmo não tenha oportunidade nenhuma [no Brasil]”</i>.</p> <p>Não gosta do tratamento aos idosos em Portugal.</p> <p><i>“Acho quase meio desrespeitoso... é o caso de tratar como se fosse uma criança.”</i></p> <p>Lembra ainda que pretende ficar mais</p>	<p>Destaca também a questão da segurança em Portugal. Fala também dos familiares que vêm a passeio e do encanto dos mesmos pelo país e conclui:</p> <p><i>“Acho que uma pessoa não pode voltar para o Brasil mesmo, tem que ficar mesmo em Portugal”</i>.</p>	(+) segurança (+) oportunidades (-) tratamento

				tempo no Brasil, apesar de não excluir o medo que sente em função da violência perpetrada no país. <i>“Lá a gente não sabe se vai andar até ali e se não vai ser assaltada,”</i>		
	Apesar da expressa insegurança com a vida no Brasil, todas o reconhecem como um lugar de grandes qualidades, principalmente no que toca às relações com os outros. Fazem questão de lembrar que nunca perderam o contacto com o país, seja em viagens, seja através dos meios de comunicação e também em contactos directos com instituições brasileiras em Portugal como a Casa do Brasil e a Embaixada do Brasil, por exemplo.					
	Portugal x Brasil Países para idosos	“Portugal será mais país para idoso pobre e o Brasil para idoso rico...mas Portugal tanto acolhe ricos como pobres...o Brasil só é país para idoso rico,”	Quanto ao Brasil ela começa por dizer que não sabe, mas sem muitos rodeios acaba por admitir que o Brasil ...”é para rico, sim!”	...”talvez no Brasil seja mais acessível... tratamento melhor [aos idosos]. As pessoas tinham que fazer curso fora de Portugal [para tratar os idosos] ”,	A opinião de Estela coincide com a de Glória	(+) acolhimento (+) acessibilidade (-) discriminação (-) tratamento
	O relacionamento e a informalidade características das pessoas brasileiras e a formalidade mais característica dos portugueses nos cuidados às pessoas idosas. No que diz respeito aos cuidados a idosos é muito importante a dimensão relacional e de inteligência emocional dos cuidadores formais.					
	O futuro	“Eu não poderei voltar...Tenho que pensar que o meu apoio é a minha filha aqui. Portanto, o Brasil não será uma solução para mim”,	...em algum momento terá que voltar...”No Brasil tenho três filhos e seis irmãos. Então quando penso em apoio para saúde é lá. Eu gosto de viver aqui...Se as pessoas de quem eu gosto pudessem vir eu	A ideia é passar a viver entre os dois países, uma vez que o marido não quer abdicar de vez da vida em Portugal	sempre quis voltar para o Brasil, mas que neste momento não faz mais sentido essa volta. “Eu tenho duas filhas morando aqui. Uma aqui e outra a duas horas de distância. Se eu for pro Brasil quando é que eu vou ver essas meninas? Eu tenho que fazer dez horas de viagem. Por esse motivo,	(+) ficar (-) voltar (-/+) idas e vindas

			nunca mais voltava”,		eu não vou voltar. Esse é o meu motivo, porque o meu marido não volta, nem com filho e nem sem filho [risos]	
	A maioria das entrevistadas demonstrou preocupação quanto ao futuro em Portugal (principalmente para os mais novos), dada a crise que se arrasta na Europa. Uma acredita que no Brasil haverá sempre mais oportunidades dadas as dimensões económicas e físicas do país.					
	Experiência migratória – Balanço Geral	“A minha experiência aqui foi positiva. Não sei se teria sido melhor no Brasil”	“A minha experiência aqui é positiva e não consigo imaginar como seria no Brasil”	“É uma experiência positiva...eu gostei de estar aqui esses anos, especialmente quando estava trabalhando. Isso me gratificou bastante”	“O início foi muito duro. O início foi assim muito brusco. E eu me sentia...Sabe o que é um jatobá? Uma árvore. Uma árvore enorme. Com as raízes lá em baixo, no fundo. Ninguém derruba um jatobá. Eu me sentia com se tivesse serrado o tronco., não é? Só que vencida essa primeira parte de adaptação, de profissão, de encontrar pessoas, de me entender nesse universo, pronto. Eu acho bom morar aqui e acho que ganhei.”	(+) positiva (+) adaptação (+) ganho
	A experiência migratória é tida como positiva para todas as entrevistadas. Porém em duas destas (Esperança e Glória) observou-se uma certa rispidez face a maneira de ser do povo português de um modo geral. Apesar disso, ambas admitem que no geral tudo correu bem e que construíram grandes amizades neste país. Glória chega a falar em rede de amizade profundamente marcada por gestos de reciprocidade. Vitória relata com satisfação o que viveu ao longo dos anos em Portugal chegando a afirmar que se pudesse trazer as pessoas de quem gosta nunca mais voltaria para o Brasil. Estela é a que demonstra mais emoção (um tom saudosista, talvez) ao tratar do assunto. Diz que os portugueses são diferentes dos brasileiros, ou seja, mais fechados, mas que são bons amigos. Diz-se também satisfeita com a vida que construiu em Portugal e que a experiência migratória ajudou no seu amadurecimento e na forma de perspectivar a vida.					